

ALLA CZERKASIJ
NATALIE CZERKASIJ LEWELLEN



A woman wearing a grey hijab and a dark blue dress over a light-colored long-sleeved shirt walks hand-in-hand with a young girl in a dark blue coat. They are walking down a street in a war-torn city. In the background, there are damaged buildings, a vintage car, and a yellow crane. The sky is filled with smoke and a few small aircraft. The overall tone is somber and historical.

POR UM FIO

UMA INCRÍVEL HISTÓRIA DE LIVRAMENTO

Por um Fio

Uma Incrível História de Livramento

Alla Czerkasij
Natalie Czerkasij Lewellen

Tradução
Cecília Eller Nascimento

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP



Título original em inglês:

DELIVERANCE

Copyright © da edição em inglês: Review and Herald, Hagerstown, EUA.

Direitos internacionais reservados.

*Direitos de tradução e publicação em
língua portuguesa reservados à*

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia SP 127 – km 106

Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900

Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888

www.cpb.com.br

1ª edição neste formato

Versão 1.3

2016

Coordenação Editorial: Vanderlei Dorneles

Editoração: Vinícius Mendes e Neila D. Oliveira

Revisão: Mariângela Lehr

Design Developer: Levi Gruber

Projeto Gráfico e Capa: Renan Martin

Capa: Vandir Dorta Jr.

Fotos: © Kaarsten, soleg, nanettegrebe, SergiyN | Fotolia e Marta Irokawa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Czerkasij, Alla

Por um fio [livro eletrônico] : uma incrível
história de livramento / Alla Czerkasij,
Natalie Czerkasij Lewellen ; tradução Cecília
Eller Nascimento. – Tatuí, SP : Casa Publicadora
Brasileira, 2016.

3,3 Mb ; ePUB.

Título original: Deliverance

ISBN 978-85-345-2270-0

1. Adventistas do Sétimo Dia - Biografia
2. Czerkasij, Alla 3. Guerra Mundial, 1939-1945 -
Biografia I. Lewellen, Natalie Czerkasij.
- II. Título.

16-01274

CDD-286.7092

Índices para catálogo sistemático:

1. Adventistas do Sétimo Dia : Biografia
286.7092



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer
meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.

15724 / 34129

Dedicatória

*Ao papai Nikolai, que morreu tão jovem e de forma tão trágica, e à
mamãe Eudokia por sua coragem infalível e amor pela vida, e a todos
os inocentes que sofreram durante a Segunda Guerra Mundial.*

Agradecimentos

Antes de mais nada, gostaria de agradecer à minha amiga de longa data, Elly Edson, pela ideia inicial de escrever um livro. Isso foi há 35 anos, e ela nunca parou de me “rondar” desde então!

Agradeço de coração aos muitos professores por acreditarem em mim e pela permissão de compartilhar minha história com seus alunos ao longo dos anos. E a todos os estudantes preciosos que ouviram com atenção total. Vocês foram meus maiores incentivadores e apoiadores, escrevendo diversas cartas com o pedido: “Escreva um livro!” Tenho o maior carinho por todos vocês. E às muitas pessoas em outros públicos que sempre me receberam com tanta graça e bondade. Sempre me senti em casa com vocês.

Agradeço em especial a Anne R. Clark pelo trabalho meticuloso e impecável; e por nunca desistir de mim durante este longo processo.

Estendo minha profunda gratidão a Jack J. Blanco, Ralph Neall e Beatrice Neall pelo tempo, interesse, pelos conselhos valiosos e, acima de tudo, pela amizade inestimável.

Sinto-me muito agradecida e abençoada pelo amor e apoio de toda a minha família, sobretudo de meu esposo Wesley e meu genro Jim, pelas incontáveis horas que nos concederam com tanta generosidade e paciência enquanto minha filha Natalie e eu labutávamos neste projeto. Foi um processo longo, com interrupções difíceis, mas com Natalie ao meu lado, eu não escolheria estar em nenhum outro lugar. Amo você, filha querida!

Não há palavras para descrever minha gratidão a todos os soldados das Forças Aliadas que lutaram com tamanha coragem e deram tanto de si – muitos entregando a própria vida – por mim e por você, caro leitor, para que pudéssemos viver e desfrutar o dom da liberdade.

Acima de tudo, louvo e agradeço a meu Deus pelo presente da vida e do amor, além de todas as maneiras maravilhosas que Ele usou para me conduzir ao longo da vida.

Apresentação

Embara existam muitas histórias sobre os campos de concentração da Segunda Guerra Mundial, *Por um Fio* tem caráter único. Neste relato, uma família ucraniana é oprimida pelos comunistas comandados por Stalin, sofre a invasão do exército alemão e é transportada para a Alemanha para sofrer em campos de trabalhos forçados. O clímax da história é o livramento por meio do exército norte-americano, e o desfecho se dá sob o ar fresco da liberdade nos Estados Unidos.

A sobrevivência de Alla só pode ser explicada como um milagre. Quando jovem, ela vivenciou os horrores daquela era, mas conseguiu viver para contar sua história. Sua experiência é marcada pela providência divina. Da Alemanha à Suécia e depois aos Estados Unidos, onde conheceu seu marido, que também era da Ucrânia e passara pelo mesmo campo de deslocados em Augsburg.

Sem dúvida, Deus cuidou dessa menina da Ucrânia e a atraiu cada vez para mais perto de si, conduzindo-a passo a passo rumo à verdade encontrada nas Escrituras. Depois de entregar o coração a Jesus Cristo e se apaixonar completamente pelo Salvador, ela não hesita em exaltá-lo em todas as oportunidades que tem. Desde então, conta aos outros sobre seu livramento, não só dos problemas da guerra, mas também da ignorância espiritual. Os leitores de sua história serão abençoados e encontrarão coragem para enfrentar as dificuldades da vida.

Muito embora Alla e eu só tenhamos nos conhecido recentemente, ambos fomos prisioneiros nos campos de concentração de Leipzig, Alemanha, durante a guerra. É com a mais franca sinceridade que recomendo este livro.

Jack J. Blanco

Professor emérito

Southern Adventist University

Capítulo 1

Leipzig, Alemanha
Primavera de 1944

— **A**corde, Alla! Vamos correr! – a voz de mamãe era mansa, mas urgente; pude senti-la, gentilmente, me sacudir.

As sirenes de alarme soavam no meio da noite, e barulhentas explosões cercavam o lar onde morávamos havia dois anos – uma caserna instável e cinzenta de um andar, com janelas sujas e pequenas. Morávamos em um campo de trabalhos forçados cercado por guardas armados, cães e cerca de arame farpado. Mais uma vez, os Aliados se aproximavam da cidade de Leipzig, Alemanha.

Identificando a seriedade no tom de voz de mamãe e totalmente vestida como sempre, levantei e segurei sua mão enquanto corríamos pelo chão de cimento até a porta de nosso minúsculo quarto. Perto da porta, mamãe virou para trás a fim de acordar Tina, nossa colega de quarto, cujo marido se encontrava no campo de concentração Buchenwald junto com meu pai. Ela dormia na cama de baixo da beliche com os braços envolvendo a filha de cinco anos. Conseguíamos vê-las com nitidez durante os clarões intermitentes das bombas a explodir. Mamãe, com 20 e poucos anos e um pouco mais velha do que Tina, sentia-se responsável pela segurança da moça.

– Venha, Tina. Acorde! Vamos correr! – insistiu mamãe. – Não está ouvindo os aviões se aproximando? – Mas a súplica de mamãe foi recebida por ouvidos surdos.

– Deixe-me em paz! – respondeu Tina, cansada e incomodada. – Não me importo mais se vou viver ou morrer. Podem ir, corram!

Todos estávamos exaustos da rotina noturna de evacuar as casernas diversas vezes, mas os minutos preciosos que podiam fazer a diferença

entre a vida e a morte eram poucos, e não tínhamos tempo para argumentar. O ruído dos aviões aumentava cada vez mais, à medida que se aproximavam do campo.

Apressamo-nos ao sair do nosso quarto que ficava no canto. Corri o mais rápido que minhas pequenas pernas conseguiam me levar até a entrada do abrigo à prova de bombas em um cômodo subterrâneo. Um pouco antes de chegarmos ao abrigo, ouvimos uma explosão tremenda, e instintivamente viramos a cabeça para ver onde a bomba havia atingido. Ela explodira em nosso quarto, exatamente onde Tina e a filhinha dormiam. À medida que as chamas da explosão subiam ao céu, mamãe e eu olhávamos uma para a outra sem palavras. Naquele instante, ambas reconhecemos que deveria haver um motivo para termos sido poupadas e que Deus estava conduzindo nossa vida.

Capítulo 2

Ucrânia oriental
Anos antes da Segunda Guerra Mundial

Meu pai, Nikolai, era um jovem bondoso, idealista, que gostava de se divertir e de escrever poemas. Tinha pele clara, cabelos castanhos, olhos azuis e tipo físico magro. Sofria de febre reumática, era o segundo de quatro irmãos e tinha uma irmã mais nova, Katya. Seu pai, meu avô Anton, era carpinteiro, e sua mãe, minha *babushka* [avó] Natasha, era dona de casa. Aos 26 anos, ela já havia dado à luz cinco filhos. Eles eram pobres, mas tinham uma vaca, uma horta e um pomar. Os pais do vovô Anton também moravam com eles. *Babushka* Natasha era muito respeitada em sua vila, que ficava em uma região rica em minério de carvão em Donbas, no leste da Ucrânia. Era uma mulher trabalhadora que mantinha a casa arrumada e os filhos limpos. Era cheia de bom senso. Não sabia ler nem escrever, mas era prática, digna e não fofocava. Vovô Anton a adorava e tornava o lar confortável, fabricando móveis e armários. Também era conhecido por ajudar bastante os vizinhos com consertos, sem cobrar.

Uma vez que ambos acreditavam muito na educação e queriam uma vida melhor para os filhos, enviaram Nikolai para estudar engenharia a 70 km de casa em uma escola técnica localizada perto da cidade de Slavyansk.

Certo dia, Nikolai decidiu dar uma olhada na lista de recém- chegados colocada no quadro de avisos e notou que havia um sobrenome idêntico ao seu: Szczerbak. Achou que pudesse ser alguma parente distante e decidiu investigar.

Ele e o colega de quarto, Alex, foram até o dormitório feminino procurar a moça, Dusia (apelido de Eudokia) Szczerbak, e descobrir os fatos. Cumprimentados à porta por uma jovem bonita e miúda, com grandes olhos castanhos, pediram para ver a aluna nova, Dusia. A moça adorável com

largo sorriso lhes informou que era ela que os dois estavam procurando. Lydia, sua colega de quarto, estava junto, e os quatro conversaram um pouco, descobrindo, no processo, que Nikolai e Dusia não eram parentes. Quando Nikolai se virou para ir embora, disse para Dusia: “Um dia, boneca, você será minha.” Ele tinha 17 anos, e ela, 14.

Minha mãe, a alegre e enérgica Dusia, cresceu em uma fazenda próxima à pequenina vila de Hrushseva, que ficava na zona rural perto da cidade de Slavyansk. Seu pai, meu avô Gregory, era viúvo quando se casou com minha avó Barbara. Os pais de Barbara morreram quando a febre tifoide varreu a Rússia e a Ucrânia, deixando-a órfã com mais duas irmãs. A vida era difícil, por isso as irmãs arranjaram um casamento para Barbara com um jovem, quando ela estava com 17 anos. A família do noivo decidiu se mudar para a Sibéria em busca de uma vida melhor. A Sibéria é um lugar grande, com áreas de florestas cheias de cogumelos comestíveis, carvalhos para construir cabanas e casas de madeira e rios transbordando de água fresca e peixes. Nem tudo é neve e gelo. Mas, como o casamento era por conveniência, não por amor, e a Sibéria era tão longe, Barbara fugiu.

Ela conseguiu emprego de doméstica na fazenda do vovô Gregory. Sua esposa fora acometida de febre tifoide e estava de cama, morrendo. Eles tinham três filhos: uma menina de 13 anos, um filho de 11 e um garotinho de três anos, Pedro. A mãe, doente, percebeu o amor e a devoção de Barbara pelas crianças e, antes de morrer, implorou à Barbara que não os deixasse. Barbara prometeu e ficou.

Cerca de seis meses depois do funeral, vovô Gregory e Barbara estavam indo de carroça entregar produtos agrícolas na cidade. Ele colocou os braços ao redor dos ombros dela e disse: “Bem, Barb, por que não nos casamos?” Ele tinha 36 anos, e ela, 18. O trato estava feito, e a vida continuou, com muito trabalho na fazenda.

As crianças amavam Barbara, uma jovem trabalhadora com ótimo senso de humor. Porém, o casamento não era feliz. Vovô Gregory tinha problemas com o álcool e a maltratava. Quando os meninos cresceram, passaram a defendê-la, mas, depois que saíram de casa, ela não tinha ninguém para

protegê-la. Contudo, seu esposo era conhecido por ser generoso na vila. Ele inventou máquinas de colheita rudimentares, mas úteis, ajudava os desafortunados e apoiava a educação. Ele assinava o nome com um X não por falta de inteligência, mas porque nunca tivera a oportunidade de frequentar a escola.

Minha mãe nasceu dessa união. Antes, meus avós também tiveram um filho que morreu de caxumba na infância. Contudo, para alegria de Barbara, nasceu Alexa.

Barbara era uma mulher profundamente religiosa, pois participava com fidelidade da Igreja Ortodoxa Grega e cantava no coral com Dusia a seu lado. Quando menina, Dusia viu uma figura retratando a cabeça de João Batista em uma bandeja. Ficou tão assustada que escondeu o rosto na saia da mãe. Ao longo de toda a vida, sua experiência religiosa foi afetada por aquela visão horrenda.

Certo dia, no início do verão, vovô Gregory estava em pé diante de seu campo de trigo de muitos hectares, conferindo o progresso da plantação, quando, de repente, uma mulher belíssima, vestida com toda a indumentária ucraniana tradicional, apareceu diante dele. Com olhar triste, ela lhe disse: “A Ucrânia sofrerá muito.” E então desapareceu. Não havia árvores, arbustos ou pedras no campo atrás dos quais pudesse se esconder, e vovô Gregory ficou perplexo. A aparição e suas palavras o deixaram confuso, mas ele logo compreenderia.

Em 1932, a liderança soviética criou uma tremenda fome artificial na Ucrânia. Os camponeses ucranianos foram forçados a se submeter ao comunismo. Suas fazendas e terras foram confiscadas, e o coletivismo começou de repente. Durante esse período curto e brutal, 7 milhões de ucranianos morreram de fome, seus campos foram queimados e os cereais mandados para a Rússia. Qualquer um que fosse apanhado tentando esconder comida ou levando um punhado de grãos era executado ou mandado para a Sibéria. Sabe-se que casos de canibalismo aconteceram por causa dessa fome.

Durante essa época, minha mãe tinha cerca de 16 anos e fazia parte de um

grupo de jovens comunistas chamado Pioneiros. Eles usavam uniformes com lenços vermelhos e eram doutrinados no ateísmo e no restante da ideologia comunista. Tirados da sala de aula de quando em quando, eram munidos de anzinhos e mandados para os campos a fim de juntar e enterrar pilhas de cadáveres em sepulturas coletivas. Minha mãe havia ouvido dizer que chegara auxílio dos Estados Unidos pelo plano Hoover para ajudar a população faminta, mas o mundo não sabia que fora nosso governo que planejara a fome ou que tudo que a população recebia era pasta e escova de dentes.

Nikolai e Dusia estavam namorando na época, bem como seus colegas de quarto, Alex e Lydia. Nikolai sabia que sua família estava literalmente morrendo de fome e, como os alunos recebiam cartões de racionamento, ele conseguia obter um pouco de pão, farinha e batatas. Dusia deu sua cota do racionamento também, e ele subiu em um vagão de trem e foi para casa. Lá, fez sopa e ficou alimentando seus familiares até que a saúde e a sanidade mental deles voltasse. Enquanto isso, Dusia entrava nos campos locais, correndo o risco de ser presa, e colhia milho para se manter viva.

Mais tarde, quando meus pais se casaram, a família dele sentia grande amor pela nora que havia se sacrificado para ajudar a lhes salvar a vida.

Dusia se apaixonou profundamente por Nikolai; ele a amava muito. Certo dia, enquanto andavam pelas ruas desertas da vila, ele olhou para a bela noiva, pegou-a no colo e a carregou em seus braços. Quando se aproximavam de uma encruzilhada, o tio dele apareceu dobrando a esquina. Nikolai ficou tão surpreso e envergonhado por ser visto nessa manifestação de afeto considerada inapropriada para um homem de nossa cultura que a jogou no chão, deixando-a caída a seus pés!

No entanto, o amor entre os dois era puro e cheio de sonhos. Em 1934, depois de Dusia se formar em Química, eles se casaram em uma cerimônia muito simples e foram aceitos por ambas as famílias.

O curso de Engenharia fechou antes de Nikolai conseguir terminar os estudos; por isso, ele acabou trabalhando em uma fábrica. Dusia trabalhou por um curto período como técnica de laboratório na mesma fábrica, mas

logo depois foi designada pelo governo soviético para trabalhar em uma fazenda coletiva. Tendo crescido em uma fazenda, ela estava familiarizada com o trabalho e foi nomeada capataz.

Capítulo 3

Eu nasci no dia 6 de dezembro de 1935. Mamãe tinha somente 18 anos de idade, e papai, quase 22. O parto não foi fácil, e mamãe passou muitas horas sentindo dor excruciante. Sem nada que pudesse aliviar, ela ficou deitada gemendo em lençóis colocados sobre o chão sujo de um hospital improvisado, que, na verdade, não passava de um barracão. Mamãe ficou sozinha, com a companhia apenas de uma suposta parteira, que ficava sentada em uma cadeira no canto, sem saber o que fazer. Dois homens trabalhadores estavam no teto acima, instalando uma fiação elétrica. Mais tarde, ela me explicou que não sentiu amor por mim quando eu nasci. Ao longo da vida, ela me lembrava com frequência da dor que sofrera por causa de meu nascimento; eu sempre pedia desculpas e me sentia culpada.

Papai, em contrapartida, era brincalhão e de coração terno. Lembro-me de quando chegou em casa do trabalho, certa vez, com um sanduíche comido pela metade e disse: “Estava andando pelo campo e um coelho veio correndo na minha direção. Ele colocou este pão em minha boca e pediu que entregasse para Alla, uma menininha bondosa de quem ele ouviu falar.” Eu comi com gosto!

Mamãe era uma mulher prática, de espírito independente. Anos mais tarde, ela me contou que não tinha a menor paciência com a “baboseira idealista” de papai, mas o amava ainda mais por sua brandura. Mamãe administrava castigos físicos com frequência, que, em geral, eram merecidos. Sendo a única neta, porém, eu também era adorada por avós apaixonados, tios e a tia Katya, a irmã mais nova de papai.

Quando eu era recém-nascida, meus pais acharam importante me batizar. A mortalidade infantil era alta, sobretudo por causa da falta de saneamento básico. Como não havia comida própria para bebês, as jovens mães mastigavam o alimento, o cuspiam em uma colher e serviam ao bebê. Quando o bebê estava sonolento, recebia uma chupeta feita em casa: comida mastigada da boca da mãe colocada em um pequeno pedaço de gaze

quadrada amarrado com um barbante, formando uma bolinha para o bebê sugar. Às vezes, essa chupeta caía da boca do bebê e logo estava coberta por moscas. Não havia telas e, na época de calor, as janelas ficavam totalmente abertas. A mãe simplesmente abanava as moscas e colocava a chupeta de volta na boca da criança. As moscas se proliferavam com rapidez, uma vez que éramos cercados por animais e latrinas externas. As doenças também eram comuns, já que não havia remédios nem antibióticos disponíveis.

Portanto, os pais achavam fundamental batizar os bebês por volta de seis a sete semanas de vida. Do contrário, segundo o folclore de uma cultura profundamente afundada em superstições revestidas pelo manto da religião, a alma dos pequenos seria destinada ao limbo. Não se permitia que bebês não batizados fossem enterrados em cemitérios; por isso, os túmulos deles eram escavados do lado de fora dos muros.

Mesmo em nossa literatura e em poesias escritas por autores famosos, é possível encontrar histórias desses pequenos excluídos balançando nos galhos de salgueiros que crescem às margens dos rios. Acreditava-se que era possível vê-los à meia-noite na lua cheia. Isso assustava até mesmo os mais valentes, e ninguém se aventurava a sair tão tarde. Contudo, mesmo que saíssem, continuavam se apegando a essa crença, ainda que não vissem nada.

Meus jovens pais, é claro, se importavam muito comigo e não queriam que eu acabasse pendurada em um galho de salgueiro como uma macaquinha ao longo de toda a eternidade! No entanto, os batismos não eram permitidos, uma vez que a religião era ilegal em nosso país. Por isso, mesmo sob grande risco de perder a liberdade e a vida, convenceram um ex-padre e um casal de padrinhos a me batizarem secretamente no meio da noite. Anos depois, quando mamãe me contou como aquelas cinco pessoas me dedicaram a Deus com temor e tremor, meu coração se emocionou. Quanto amor, quanta coragem!

Meus pais me contaram também que tiveram de dar presentes para o sacerdote e os padrinhos, algo como salsichas, batatas, farinha e ovos; nada

de dinheiro, apenas o que sustentasse a vida.

Ao longo dos anos, porém, nunca consegui aceitar uma teologia que pintava um retrato tão negativo do caráter de Deus. Como é mais fácil aceitar e crer no ensino da Bíblia de que os mortos não sabem de coisa alguma (ver Eclesiastes 9:5)! Eles não estão dependurados em árvores, mas dormindo na sepultura até Jesus voltar e os levar para o lar celestial a fim de estar a seu lado para sempre.

Outra história de nossas superstições que mamãe me contou envolveu uma viagem que fizemos até a vila em que sua meia-irmã morava. Era bem no interior, onde crenças e costumes secretos prevaleciam. Quando nos acomodamos no trem, sentamo-nos em frente a uma bela moça cigana. Eu era bem pequena e sorri alegremente, assim como a passageira à nossa frente. Para minha grande alegria, ela acabou me pegando e brincando comigo. Porém, quando chegou a hora de desembarcarmos, comecei a chorar, pois não queria me despedir da nova amiga. Ao chegarmos à casa de minha tia, eu estava inconsolável. Não parava de chorar. Mamãe contou à meia-irmã sobre minha atração pela cigana, e ambas acharam que ela deveria ter jogado um feitiço em mim.

Quase toda vila tinha uma *baba schepotukha* (vovó encantadora), então me levaram até ela. A senhora ferveu algumas ervas enquanto sussurrava encantamentos, me deu de beber de sua poção, e eu caí em um sono profundo. Tenho certeza de que chorei porque não havia tirado minha soneca, mas foi a *baba schepotukha* quem se deu bem; ela também tinha de ser paga em mercadorias.

Aquelas *babas* eram temidas e respeitadas, pois podiam fazer feitiços maus. Por isso, exerciam forte influência sobre os moradores das vilas. Caso uma moça se apaixonasse por um jovem, e ele não demonstrasse interesse, ela ia atrás da *baba*. A feiticeira fazia uma poção que a jovem deveria dar para o pretendente tomar, fazendo, então, ele se apaixonar perdidamente por ela.

Muitas dessas crenças se originavam do paganismo e desempenhavam um importante papel em nossa cultura quando eu era criança.

Capítulo 4

B*abushka* Natasha, a mãe de meu pai, tinha uma tia que chamávamos de *baba* Maryna. Era uma mulher banguela na casa dos 70 anos, com a pele áspera e enrugada, por conta da exposição constante ao sol e ao frio. Era considerada uma anciã. Embora fosse de estatura pequena, era forte, em virtude dos anos de trabalho físico pesado. Ela prendia o cabelo com um firme coque e usava um grande avental branco que chegava quase aos tornozelos. Nele, ela limpava as mãos, o rosto suado e assoava o nariz. Quando eu me aproximava com o rosto manchado de sujeira, o avental era muito útil! Não tínhamos lenços umedecidos.

Nas noites de verão, quando o ar começava a esfriar e a louça do jantar estava guardada, *baba* Maryna e outras mulheres idosas da vila colocavam a conversa em dia. Elas mastigavam sementes de girassol e de abóbora assadas e cuspiam as cascas fora. A maioria parava no queixo, e elas não limpavam. Apenas deixavam as cascas escorregarem pelos aventais.

Quando jovens, *baba* Maryna e o marido tinham um moinho, que ficava junto ao rio Toretz. Cobertos de algas verdes e se projetando para fora do rio, as bases do moinho eram tudo que restava – uma lembrança do passado. Certa vez, enquanto lavava roupa, mamãe apontou para aquelas colunas de moinho e disse: “Sabe, *Allachka* [pequena Alla], aqueles pilares salvaram sua vida quando você tinha oito meses de idade. Certo dia, vim lavar roupa e coloquei você ao meu lado em uma bacia de verniz. Quando me abaixei para pegar as roupas sujas, olhei para cima, e você havia sumido. Só conseguia ver a bacia vazia flutuando pelo rio. Então eu vi você. As ondas a jogavam contra as colunas do moinho, que mantinham sua cabeça para fora da água. Eu me lancei ao rio e a agarrei. Saía água de seu nariz e de sua boca, e eu a balancei, cheia de medo e desespero. Então você chorou e eu tive a certeza de que tudo ficaria bem.”

Baba Maryna também era proprietária de um pedaço de terra; porém,

morava em uma casa em péssimas condições. Era viúva, não tinha filhos e, como estava ficando velha, foi feita uma reunião familiar, presidida por *babushka* Natasha. Uma vez que meus pais não tinham nada, ficou decidido que seria construída uma nova casa na propriedade para morarmos, com um quarto a mais para *baba* Maryna, de quem meus pais deveriam tomar conta até o dia de sua morte.

No dia de início da construção, chegou vovô Gregory, o pai de mamãe, um homem grande, forte, familiarizado com o trabalho duro. Junto com ele, veio também vovô Anton, pai de meu pai, com suas habilidades de carpinteiro. O velho barracão foi derrubado e começamos a cavar o alicerce. A vila inteira se envolveu. Os homens misturavam o barro e a palha para o alicerce antes de construir um fogão de tijolos no quintal para as mulheres fazerem o almoço. Metade das mulheres formavam um círculo, colocando os braços em volta umas das outras, dançavam e cantavam enquanto mexiam a mistura de barro com os pés. O restante das mulheres assava pães, cozinhava batatas, colhia frutas frescas das árvores e também cantava enquanto o almoço era preparado. Até mesmo a construção de nossa casa foi transformada em uma grande celebração pelos aldeões.

Enquanto isso, papai cortava junco do rio, os estendia no jardim e os deixava secar ao sol para fazer o telhado de palha. Porém, o contato prolongado com a água fria o fez adoecer e, mais tarde, ele desenvolveu febre reumática – pelo menos era nisso que mamãe acreditava. Um efeito colateral de sua enfermidade foi não ter sido recrutado pelo exército soviético antes da invasão alemã à Ucrânia. Seu estado de saúde era frágil e acreditava-se que ele tinha um problema no coração.

Ao fim do dia, todos nós íamos ao rio Toretz nos lavar antes de dormir. Até então os homens continuavam trabalhando, pegando peixes com uma rede a fim de que tivéssemos mais comida para compartilhar no dia seguinte.

Como não tínhamos esponjas, as mães partiam o miolo dos girassóis em pedaços, os molhavam e esfregavam nossa pele delicada. Era dolorido, mas ficávamos limpos e, com o sangue circulando bem, dormíamos

profundamente.

No fim do outono, nossa casa ficou pronta e nós quatro nos mudamos. Era moderna para nossos padrões – tínhamos energia elétrica! Contudo, mamãe continuava buscando água em um poço bem distante da casa e ainda usávamos uma latrina externa. Os banhos e a lavagem das roupas durante o verão eram feitos no rio. Em nosso chão de terra batida, espalhávamos grama fresca. O cheiro era muito bom! Para aquecer o lar, cozinhar e assar, tínhamos um fogão a lenha. Nós o construímos. E éramos felizes.

Enquanto mamãe e papai saíam para trabalhar, *baba* Maryna cuidava de mim. Como nunca teve filhos, eu me tornei como uma filha para ela. Lembro-me de que tinha um baú com lençóis, fronhas e toalhas, dentro do qual escondia maçãs entre a roupa de cama dobrada. Ela me recompensava com uma, se eu me comportasse bem. Porém, eu adorava me meter em encrenca e estava sempre brigando com as crianças da vizinhança, mesmo que apanhasse delas.

Quando começamos a morar juntos, nos demos muito bem. Até *baba* Maryna descobrir que mamãe não era uma “mulher inteligente”. A prova estava em um barril de tomates em conserva.

Era época da colheita, tanto na fazenda coletiva quanto em casa. Construímos um grande celeiro subterrâneo no fundo do quintal de nossa casa. Papai cavou buracos nas paredes do celeiro, tirou areia das margens do rio e encheu com ela os buracos. Na areia, enterrávamos beterraba, cenoura e aipo. Secávamos as batatas ao sol um pouco, para que não apodrecessem e então as armazenávamos em baldes de madeira dentro do celeiro. Também fazíamos barris de pepinos e tomates em conserva e chucrute misturado com cenoura ralada e maçãs inteiras.

No tempo de fazer a conserva dos tomates, *baba* Maryna instruiu mamãe sobre quanto sal usar. Contudo, o conselho foi recebido por ouvidos surdos. Mamãe achava que, por ser formada em Química, sabia calcular sozinha quanto sal deveria ser usado em cada barril e não precisava de instruções. O resultado foi desastroso. Os tomates ficaram salgados demais para comer, e um barril inteiro foi quase que totalmente desperdiçado. *Baba* Maryna

pegou aqueles tomates bem salgados, um por um, e os levou por toda a vila, para os vizinhos provarem e verem a péssima escolha que meu pai fizera ao se casar com mamãe.

É claro que a reputação de mamãe ficou arruinada entre os cidadãos mais velhos. No entanto, isso durou somente até os alemães ocuparem nossa vila e levarem muitos de nossos rapazes e moças, inclusive tia Katya, a irmã mais nova de papai, para trabalhar em fábricas na Alemanha. Logo, todas aquelas aldeãs idosas, cujos filhos e netos foram levados embora, procuraram a ajuda de mamãe. As senhoras, quase todas analfabetas, precisavam de alguém que escrevesse cartas para seus entes queridos; mamãe fazia isso por elas. As cartas sempre começavam assim: “Saudações de casa, de nossa vila, de nossas pequenas galinhas e cabras. Elas se dobram diante de vocês. Todos nós sentimos saudades.” Mamãe tinha dificuldades de conter o riso. Ela era de bem com a vida e não guardava rancores. Aliás, tanto ela quanto papai riam muito de toda a história dos tomates. Mas *babushka* Natasha não. Ela achou a fofoca de tia Maryna desonrosa, uma quebra de lealdade familiar. Por fim, a reputação de mamãe foi restaurada entre os aldeões, e o fiasco dos tomates, esquecido e perdoado.

Capítulo 5

Nessa época, o comunismo estava a pleno vapor. A vida era muito opressora e começamos a ter medo constante. Os vizinhos delatavam uns aos outros às autoridades e eram abordados, espancados e presos pela menor das infrações ou até por causa de inimizades. Os professores perguntavam aos alunos se os pais deles oravam em casa, o que levava os pais a temerem que seus filhos fossem levados embora.

Quando papai trabalhava na fábrica, o supervisor lhe deu a ordem de delatar certo colega de trabalho, falando onde e quando eles se encontravam e o conteúdo de suas conversas. Uma semana depois, papai foi chamado ao escritório para relatar os encontros. Ele não queria prejudicar o homem e não contou a verdade. Em vez disso, afirmou que eles não haviam se encontrado, nem conversado, sem se dar conta de que o colega de trabalho também havia recebido a ordem de espiar meu pai e havia relatado todos os encontros. Como castigo pela falta de cooperação, o supervisor tirou a arma do coldre e deu uma forte coronhada na cabeça de meu pai.

Certa manhã, meu pai dormiu além da conta e perdeu a hora. Ele entrou em pânico, sabendo o que lhe aconteceria ao chegar atrasado no trabalho: seria acusado de minar o país e seu regime, considerado inimigo do Estado e acusado de traição.

Era março, e o solo ainda estava congelado. Apavorado, papai se jogou de joelhos, tentando se machucar e fingir um acidente. Mamãe correu para o médico da vila, que tinha pouco estudo na área. Ele veio e examinou o coração de papai, que batia descompassadamente. Enquanto estava na cama, dois homens da KGB chegaram a cavalo até nosso quintal. Eles viram o médico, que lhes explicou que papai tivera um ataque cardíaco.

– Melhore logo, *towarisch* [camarada] Szczerbak – disseram raivosos. – Nosso país precisa de trabalhadores.

O oficial alto e forte, com botas pretas brilhantes, se virou para mim e

observou:

– Seu pai vai morrer.

– Não! – gritei alto. – Ele não vai morrer!

Eu tinha seis anos e amava demais meu pai. Fiquei morrendo de medo.

Mais tarde, papai foi transferido para a estação de trem local. Seu trabalho era direcionar os trens. Certo dia, ele chegou em casa pálido e abalado. Um trem com vagões sem janelas havia parado na estação, e ele conseguiu ouvir os gritos e as batidas vindas de dentro dos vagões. As pessoas choravam e imploravam por ajuda. Ele só pôde imaginar qual seria o destino final delas.

Finalmente, eu tinha idade para ir à escola. Como eu amava estudar! Certo dia, enquanto voltava para casa depois das aulas, fiquei com vontade de comer uma succulenta cebola doce. Tínhamos várias delas plantadas em nossa horta, mas o vizinho ao lado também. Decidi arrancar uma das cebolas dele. O vizinho apareceu do nada:

– O que você pensa que está fazendo roubando minhas cebolas? – perguntou.

Apanhada no flagra, não soube o que dizer. Ele pegou minha orelha e a apertou com força. Então fez o mesmo com a outra. Doeu, mas a humilhação foi pior. Nessa hora, mamãe apareceu e, ao me ver ali com as orelhas vermelhas como beterrabas e uma cebola cheia de terra nas mãos, entendeu imediatamente a situação. Com calma, levantou a parte de trás do meu vestido (para melhorar o impacto) e me deu uma boa surra. Decidi ali mesmo que a cebola não valia toda aquela dor e humilhação que passei naquele dia e minha tendência para roubar foi instantaneamente curada.

Capítulo 6

Minha escolarização e felicidade duraram pouco. Ambas acabaram seis meses depois, quando os exércitos alemão e soviético foram pela primeira vez e fizeram rodízio de ocupação em nossa vila. Além de alimentar os soldados, ficávamos constantemente sob fogo cruzado, pois nossa vila se localizava bem no *front*, entre os disparos dos dois exércitos.

Meu primeiro encontro com os alemães aconteceu no dia em que vi três soldados entrarem por nosso jardim de carruagem. Eles invadiram a cozinha de mamãe e começaram a comer *borscht*, uma sopa de repolho e beterraba, direto da panela. Estavam sujos, com a barba por fazer, cobertos de poeira.

O passo seguinte foi vasculhar a casa em busca de comida ou qualquer coisa de valor que pudessem levar embora, o que não seria muito, já que éramos aldeões pobres. Então os vi carregar um baú de nosso celeiro. “Aquilo era demais!”, eu pensei. Eles podiam até comer a *borscht* de mamãe, mas levar o baú não. Lá dentro estava o precioso porco que havíamos acabado de matar e processar. Agora estavam colocando dentro da carruagem. Era nosso sustento para os meses de inverno e estavam levando embora, isso sem contar que o porco significava muito para mim.

Mamãe, que continuava trabalhando como capataz na fazenda coletiva, fora encorajada a competir com as outras mulheres. A capataz do grupo que plantasse e colhesse mais rapidamente receberia um bom prêmio. O prêmio de mamãe foi o porquinho que se tornou meu animal de estimação.

No outono, à medida que o inverno se aproximava e o clima esfriava, ele foi levado do celeiro para dentro de casa, para minha alegria. Ele tinha olhos azuis, cílios brancos e um focinho rosado redondo. Dormia ao lado de minha cama e fazia pequenos ruídos. Tornou-se um companheiro próximo.

No verão seguinte, mamãe continuou alimentando-o com milho, batata misturada com palha, beterraba, abóbora, e ele cresceu forte. Até que, certo dia, ouvi um guincho horrível. Papai estava matando o porco! Fiquei

aterrorizada e cobri os ouvidos enquanto saía correndo do quintal, de coração partido.

No dia seguinte, *babushka* Natasha chegou para ajudar mamãe e *baba* Maryna a fazer salsichas, tiras de *bacon* e cortar pedaços de presunto. A gordura foi guardada para fritar batatas. Fiquei triste, mas, por mais nova que fosse, sabia que era a comida necessária para nossa sobrevivência.

E agora os alemães tinham a cara de pau de levá-lo embora!

Naquele momento, meus pais estavam na outra extremidade da vila no moinho, transformando os grãos de trigo em farinha. Corri o mais rápido que pude para lhes dar as péssimas notícias. Tinha certeza de que papai assustaria aqueles soldados e pegaria nosso porco de volta.

Meus pais voltaram correndo para casa.

– Camaradas – papai suplicou fervorosamente –, por favor, não levem embora nosso porco.

Ele sabia um pouco de alemão porque havia aprendido o idioma na escola, assim como mamãe.

Um dos soldados apontou uma arma no peito de meu pai.

– Escolha entre a vida e o porco – disse em tom de voz áspero.

Sem arma e em minoria, papai escolheu viver. Eu fiquei decepcionada; em minha imaturidade, realmente pensei que ele conseguiria espantá-los.

Antes que o comunismo começasse a nos pressionar, as pessoas em nossa vila viviam em relativa harmonia. Dependendo de onde os soviéticos precisavam de nós, os adultos trabalhavam em fábricas ou fazendas coletivas, onde plantavam e colhiam. Nos fins de semana, cuidavam das próprias hortas, das galinhas, dos porcos, vacas e cabras. Excetuando a ocasional fofoca e algumas desavenças, os vizinhos se davam bem e viviam segundo um código tácito: cuidávamos uns dos outros de todas as formas possíveis e tentávamos facilitar a vida de todos.

Entretanto, quanto mais os alemães ocupavam a vila, mais os aldeões passaram a temer e suspeitar uns dos outros. A confiança desapareceu e

parecia que todos eram inimigos, até mesmo dentro de casa. Algumas mulheres começaram a flertar abertamente com os soldados alemães, e os maridos temiam ser espancados pelos soldados se as repreendessem ou tentassem impedi-las.

A habilidade de mamãe de falar alemão veio a calhar nessa época. Certo dia, duas famílias vizinhas começaram a brigar. A fim de resolver o problema, uma família, que se sentiu realmente ofendida, foi até os oficiais alemães radicados em nossa vila e acusou os vizinhos de colaborarem com os *soviets*. A vila inteira fez um estardalhaço, pois todos sabiam que não era verdade. Mamãe, boa comunicadora que era, falou em defesa dos vizinhos acusados. Felizmente, o caso foi deixado de lado, pois não havia evidências e, para alívio de todos, a vida prosseguiu como de costume.

Quando os alemães ocuparam nossa vila, eles também se apossavam confortavelmente de nossas casas e dormiam em nossas camas, restando-nos o chão para dormir. Nós os observávamos se levantarem cedo, fazerem a barba, se lavarem e fazerem exercícios. Eles penteavam os cavalos e poliam as botas até que brilhassem.

Certo dia, mamãe carregou dois baldes pesados de água em um jugo, trazendo-os do poço bem distante. Um soldado pegou a água e a deu aos cavalos. Fez isso novamente, depois da segunda viagem que ela fez ao poço. Na terceira vez, mamãe perdeu a paciência e o xingou em alemão. Ele ficou tão chocado e enfurecido que apontou o rifle para ela e gritou: “Eu vou atirar em você, porca russa!” Mamãe se enrolou em posição fetal e ficou esperando para morrer. Depois disso, exigiram que ela carregasse água para os cavalos diariamente; ela não protestou mais.

Muitas moças e mulheres jovens se escondiam em celeiros e porões à noite, porque não queriam ficar disponíveis para os soldados; mas nem todas faziam isso. Algumas, inclusive mulheres casadas, gostavam dos soldados. No entanto, quando os soviéticos readquiriam temporariamente o controle da vila, os maridos não temiam mais as esposas infiéis e algumas dessas mulheres apareciam com o rosto roxo e machucado. Elas perdiam o respeito da família e dos aldeões.

Os alemães ocuparam nossa vila por vários meses. As primeiras ondas dessas forças eram brutais, mas as divisões que chegaram depois eram menos agressivas conosco. Davam-nos liberdade para visitar a cidade de Slavyansk e até para frequentar os mesmos cinemas que eles. Andávamos pelas ruas da cidade e por parques repletos de jardins, com suas roseiras floridas e cheias de cores. Os soldados, muito espertos, sempre trajando uniforme, caminhavam de braços dados com nossas moças.

Certo dia, mamãe me levou para um passeio no parque com uma amiga dela, uma jovem que morava na cidade. Essa amiga era mais elegante e mais culta do que nós, aldeões. Alta e magra, com cabelo grená [avermelhado] obviamente arrumado por uma cabeleireira, essa jovem bonita de 20 e poucos anos chamava a atenção de muitos soldados. Ela trabalhava como tradutora para os alemães. Algo que ela e mamãe tinham em comum era que ambas falavam alemão. Pouco depois da retirada dos alemães, nossa região foi ocupada mais uma vez pelo exército soviético. A amiga de mamãe foi presa e julgada como espiã das forças inimigas. Foi amarrada a uma árvore e fuzilada. Ficamos horrorizados. Ela era apenas tradutora e agora mamãe estava sendo chamada para relatar as próprias “atividades” com os alemães.

Ao que tudo indica, como mamãe havia ajudado a resolver a briga entre as duas famílias rivais, a família acusadora decidiu delatar mamãe como simpatizante dos alemães. Alguns moradores da vila a defenderam, explicando às autoridades soviéticas que os vizinhos acusadores haviam inventado a história inteira contra os vizinhos inocentes e agora estavam tentando se vingar de mamãe por ter interferido. O resultado não foi bom para os acusadores. Gritaram com eles e disseram que seriam severamente punidos se causassem mais problemas.

Capítulo 7

Nessa época, a fazenda coletiva havia parado de funcionar por causa das brigas constantes entre alemães e soviéticos. Por isso, os aldeões a dividiram em lotes entre si. O trabalho continuou nos campos e nas hortas, além do cuidado com os animais. Nós, as crianças, também tínhamos nossa parcela de responsabilidades. Nós juntávamos gravetos e empilhávamos a lenha cortada por nossos pais, varriamos o quintal, cuidávamos dos irmãos mais novos e expulsávamos gansos e galinhas das hortas onde eles ciscavam em busca de minhocas. Subíamos nas árvores e colhíamos frutas para secar, conduzíamos as vacas até o pasto e depois de volta para casa quando chegava a noite, capinávamos a horta, depenávamos os gansos mortos para fazer cobertores, ordenhávamos as vacas e tricotávamos roupas de inverno – tanto os meninos quanto as meninas. Até as crianças pequenas tinham suas tarefas, separando, por horas a fio, as pedras de ervilhas e feijões secos, colhendo frutas do bosque e cogumelos na floresta sob a supervisão dos adultos. Procurávamos ovos escondidos pelas galinhas nos arbustos e grama, recolhendo-os antes que chocassem. Às vezes, porém, os ovos e a galinha ficavam tão bem escondidos que só os encontrávamos quando a galinha aparecia seguida por vários pintinhos atrás de si.

Babushka Natasha morava a pouco mais de um quilômetro de distância de nós. Era uma mulher alta, de semblante severo, mas eu sempre sentia amor e doçura nela. Lembro-me das noites de verão, quando os aldeões voltavam para casa depois de trabalhar no campo. Cansados e famintos, eles se lavavam e comiam um jantar reforçado, que consistia principalmente de *borscht*. De sobremesa, comíamos painço cozido com abóbora amassada, que era naturalmente doce. Às vezes, nós, crianças, ganhávamos uma fatia de pão integral imerso em água e depois passado no açúcar feito de beterraba amarela. Que delícia!

Como nosso solo era muito rico e macio, e o clima era quente, desfrutávamos as mais saborosas frutas e verduras, isso sem falar em todos

os bons nutrientes. Às vezes, as pessoas me perguntam o que acho de ser vegetariana. Bem, eu cresci praticamente assim. Comíamos bem pouca carne; era um luxo que não tínhamos condições de ostentar.

Quando o sol se punha, e a noite ficava fresca e agradável após o calor do dia, os aldeões se reuniam para cantar – e que cantores maravilhosos eles eram! Mamãe tinha um violão e tocava muito bem; aprendeu sozinha. Quando ela estava com seis anos, vovô Gregory deu um pequeno novilho a um vizinho em troca pelo violão.

Eles começavam cantando músicas tristes, inclusive uma que contava uma infeliz história de amor com fim trágico. Porém, logo as pessoas se animavam, e a vila ecoava vozes felizes. Papai era desafinado, mas isso não o inibia; ele continuava cantando mesmo assim.

Certa noite, enquanto mamãe dedilhava as cordas, *babushka* Natasha sentou-se na grama comigo no colo. Ainda consigo sentir seus braços fortes e amorosos envolvendo meu corpinho. Os grilos cricrilavam na grama, e eu sentia o doce aroma das flores. O céu estava negro, cheio de estrelas reluzindo sobre nossa cabeça. Como não havia carros, nem poluição, o céu parecia mais próximo, como se eu pudesse estender a mão e tocar aquelas estrelas brilhantes. E então ouvi *babushka* Natasha sussurrar em meu ouvido: “Está vendo aquelas estrelas? Você é tão bela e preciosa para mim quanto uma delas.”

Eu sabia exatamente o que ela queria dizer. Quando ela ou outros adultos se referiam à beleza, sempre falavam do caráter, da conduta ou do comportamento. Aludir à beleza física de uma criança era considerado bajulação e isso não se fazia. Éramos criados para ser humildes.

Aquela noite se tornaria uma de minhas poucas e queridas lembranças de *babushka* Natasha.

Foi ela quem deu minha primeira instrução religiosa quando entramos na pequena Igreja Ortodoxa Grega, branca e simples, localizada não muito longe de nossa vila.

– Esta é a casa de Deus – ela explicou. Quando os alemães chegaram em

nossa vila, tivemos permissão para restaurar as igrejas e voltar a cultuar, algo que seria motivo de perseguição durante o regime de Stalin.

Senti o cheiro do incenso e das velas de cera de abelha. Ouvi o coral cantando em tons harmoniosos e solenes na galeria do fundo. Mulheres e crianças ficavam do lado esquerdo da igreja, e os homens na ala direita, com o chapéu nas mãos, prostrando-se e fazendo sinal da cruz enquanto o sacerdote balançava o incensário diante da congregação.

Observei um velho sacerdote de barba, ministrando no altar e cantando em voz grave monótona. Ele usava vestes douradas e, sobre a cabeça grisalha, uma mitra dourada, bordada com pedras preciosas.

Babushka Natasha comprou duas velas para colocar na frente de uma imagem, que retratava Jesus pintado com fundo dourado, dentro de uma moldura de madeira com cobertura de vidro. Os ucranianos consideravam sagradas tais imagens e as reverenciavam. Quando chegou minha vez de colocar a vela acesa no suporte, a chama tremulou e, em minha imaginação, a imagem de Jesus ganhou vida. Ele parecia balançar a cabeça severamente em minha direção, da maneira que os adultos faziam quando nós, crianças, nos comportávamos mal. Fiquei assustada e senti culpa por minha maldade. Até então, a única hora que os adultos falavam de Deus para nós era quando fazíamos travessuras. Eles apontavam para cima e falavam: “Deus vai castigar você!” Essas palavras despertavam mais medo do que amor.

Contudo, o que mais me impressionava era a solenidade e a reverência que os adultos demonstravam em sua conduta, criando impressão profunda e duradoura em minha mente jovem. Compreendi um pouco da importância e da majestade de Deus e senti como se estivesse pisando em solo santo, o que me fez ter vontade de voltar à igreja. Meu coraçãozinho foi tocado e, embora não conseguisse vê-Lo, ansiei por conhecer mais sobre aquele misterioso Deus. Eu tinha cerca de seis anos na época, mas foi uma experiência tão memorável que posteriormente continuei a frequentar os cultos sozinha.

Capítulo 8

Alexa, a irmã bem mais nova de mamãe, que havia contraído tuberculose nessa época, foi nos visitar junto com vovó Barbara. Alexa tinha 14 anos e eu, sete. Vovô Gregory já havia morrido – falido e decepcionado. Quando jovem, fora favorável ao novo regime comunista. O *slogan* naquele tempo era “Fábricas para os trabalhadores e terras para os fazendeiros”. Parecia tão justo e bom que ele se uniu à revolução.

Ele e os filhos trabalhavam muito duro e, por isso, eram ricos em terras, gado e grãos. No entanto, por ter acumulado essas riquezas, agora era considerado “inimigo do povo” e deveria ser tratado como tal. Um fazendeiro bem-sucedido era considerado um “parasita, miserável e ganancioso”. Por isso, sua fazenda próspera foi confiscada e transformada em um espaço coletivo, e sua riqueza foi redistribuída para os menos prósperos. Para piorar a situação, os “menos prósperos” incluíam homens como Billy, o vagabundo da vila. Enquanto os outros trabalhavam, Billy sentava debaixo de uma árvore e mastigava uma folha de grama. Quando vovó Gregory passava com sua carroça carregando bolas de feno para o gado, via Billy e falava:

– Ei, Billy, por que você não sai daí e vai trabalhar?

– Ah, tio Gregory, estou com planos de ir pescar – Billy respondia enquanto continuava a olhar para o céu. Mas essa pergunta feria o orgulho de Billy e, mais tarde, vovô Gregory pagaria caro por isso.

Quando os comunistas subiram ao poder, Billy ingressou no Partido Comunista. Recebeu um uniforme, uma arma e ficou responsável por tomar conta da vila. Ele formou um pequeno destacamento armado e começou a intimidar e prender os fazendeiros à medida que suas terras eram confiscadas. Ele sentia grande prazer em assediar verbalmente vovô Gregory e tratá-lo com desprezo, sem jamais deixá-lo esquecer quem é que mandava agora.

Alexa fora levada para um hospital militar soviético, onde a operaram e removeram a parte afetada do pulmão. A cirurgia foi feita sem anestesia ou analgésicos. Fecharam a ferida e a colocaram em uma rede a fim de balançá-la gentilmente, em um esforço para diminuir a dor. As enfermeiras, os médicos e até os endurecidos soldados foram amorosos e ternos com ela. Alexa também precisou raspar a cabeça. As condições sanitárias eram péssimas de modo geral, e esse era o melhor tratamento contra piolhos.

Finalmente chegou o dia que ela recebeu alta e pôde ir para casa. Vovó Barbara decidiu levá-la para nossa casa, onde encontraria o conforto de uma família amorosa e apoio moral. E foi isso mesmo que aconteceu – com exceção de uma pessoa mimada e egoísta.

Eu me ressentia de toda a atenção que Alexa estava recebendo, e meu ciúme não conhecia limites. Certo dia, eu a vi sentada no toco de uma árvore no meio de nosso jardim, apreciando a tão necessária luz solar e o ar fresco. Ali ela estava com a cabeça careca. Sua mãe, de pé nos degraus de frente da casa, olhou para ela cheia de amor e disse para minha mãe:

– Olhe para ela, Dusia. Não parece um raio de sol?

É verdade, o rosto de Alexa transmitia tanto contentamento e paz! Era algo belo de se ver, mas eu precisava estragar tudo. Pensei em como os bodes se chocavam uns contra os outros; então me afastei, abaixei a cabeça e corri o mais rápido possível na direção dela, atingindo-a em cheio no peito. Eu literalmente tirei seu ar. Minha mãe e a mãe dela, horrorizadas, correram em sua direção. Quando olhei para o rosto de Alexa, não vi raiva, apenas dor. Em seu sofrimento, ela tentou me proteger de ser punida e minimizou todo o incidente, dizendo:

– Estou bem, muito bem. Não precisam se preocupar.

Além de ganhar uma boa surra, precisei ficar ajoelhada no canto do quarto por um bom tempo. Lembro-me da dor nas costas e nos joelhos. Embora o castigo não tenha curado meu mau comportamento, vergonha e remorso encheram meu coração. Não havia justificativa para meus atos. A única coisa que me afetou foi a capacidade de Alexa de amar e me perdoar, mesmo depois de tê-la machucado tanto. Hoje isso me lembra de Jesus e de

seu amor por nós. Creio que vi um vislumbre dele no rosto e na postura dela. Nunca me esquecerei desse dia.

Aquele foi o último verão que passamos juntas. Aquela pobre viúva e sua filha enferma pegaram o trem de volta para a vila onde moravam; Deus cuidou delas. Algum tempo depois, vovó Barbara se casou com um solteirão da vila a quem ela conhecia havia bastante tempo. Os três viveram felizes juntos. Aliás, anos mais tarde, quando eles nos acharam por meio da Cruz Vermelha Internacional, vovó Barbara escreveu para mamãe: “Querida Dusia, ah se eu tão somente tivesse sido feliz com seu pai por 20 dias como tenho sido com esse homem há 20 anos!” Ele era bondoso com minha tia Alexa e a tratava como se fosse sua filha. Depois de um tempo, mandei para ele duas camisas de flanela grossa; ele as usava todo orgulhoso, gabando-se para os aldeões que “a neta havia enviado as camisas”. Talvez eu tenha compensado um pouco minha maldade.

Capítulo 9

A primavera chegou e foi embora, e agora o verão era responsável por muitos dias quentes e ensolarados. Mas não caía chuva. Nossa vila e a região ao redor começaram a sentir a seca. Os campos de trigo dourado, que balançavam como ondas diante da brisa, estavam quase prontos para a colheita, mas o solo estava seco demais. A menos que um milagre acontecesse, nossa sobrevivência corria riscos. Só havia uma coisa que sabíamos fazer: pedir ajuda a Deus. Éramos profundamente religiosos. Nenhum poder na Terra era capaz de abalar nossa fé em Deus.

Foi organizada uma procissão liderada pelo sacerdote, que vestia roupas brilhantes e usava uma mitra dourada na cabeça. Na mão esquerda, levava uma cruz dourada e, na direita, um incensário cheio de incenso queimando. O diácono o auxiliava, vestido de preto. Atrás dele, um homem forte erguia uma grande cruz dourada que brilhava ao sol. Outro homem carregava um estandarte retratando a virgem Maria carregando o menino Jesus nos braços. O coral da igreja os seguia cantando em tom solene e reverente. Homens e mulheres idosos, pais e filhos se uniram à procissão, que dava a volta pela vila e pelos campos.

Não me lembro como ou por que, mas fui escolhida para carregar uma imagem dourada de Cristo. Levei a relíquia sagrada nas mãos e a apertei contra o peito, sentindo como se estivesse andando nas nuvens. Achei um grande privilégio participar da procissão. Eu havia visto adultos se prostrando diante de outras imagens na igreja que mostravam Maria segurando Jesus ternamente nos braços, e os anjos pairando em volta em adoração. Comecei a sentir como se Ele pertencesse somente a mim e me enchi de orgulho e alegria. No entanto, ficava confusa ao ver que o mesmo Jesus, tão adorado, era retratado crucificado em outras imagens da igreja. Aquilo entristecia meu coração de criança.

Eu estava usando um vestido branco feito com os restos de um paraquedas militar. Quando os aviões eram abatidos, as mães corriam para pegar os

paraquedas e fazer roupas para nós. Quando os caminhões militares eram atacados e bombardeados, pegávamos a lona, colocávamos os pés no material, riscávamos em volta com um lápis, cortávamos os pedaços e costurávamos sapatos. Também comíamos a carne dos cavalos dos militares que haviam morrido.

Enquanto a procissão prosseguia, cantando e orando, vi *babushka* Natasha me observando.

– Ela não parece um anjo? – eu a ouvi dizer para uma amiga a seu lado. Ergui a imagem com orgulho em direção ao céu e senti como se meus pés estivessem flutuando sobre o chão.

A procissão continuou seu caminho, e, por fim, chegamos às margens do rio Torets. Amávamos muito esse rio que corria calmamente através de nossa vila e dos dourados campos de trigo. Naquele período, a água estava rasa por causa da seca, mas ainda era suficiente para as mulheres lavarem roupa, os homens pescarem, o moinho transformar os grãos em farinha e as crianças espalharem água para se divertir.

O sacerdote permaneceu ali, cercado pelos anciãos e o coral da igreja cantava suavemente, implorando a Deus por chuva e bênçãos sobre nosso trabalho. As palavras emanavam de um coração sincero, e nós o considerávamos um homem santo, nosso intercessor diante de Deus.

O dia esquentou, e o sol se encontrava no meio do céu. A essa altura, todos nós sentíamos fome e sede; porém, precisávamos voltar para a igreja a fim de devolver os objetos e fazer uma oração final antes de podermos chegar a nosso lar.

Em casa, tomamos água fresca do poço e comemos nossa comida simples, mas apetitosa. Mamãe fritou batatas e salsichas na gordura de porco e serviu pepinos e tomates em conserva, chucrute crocante e uma fatia de melancia de sobremesa. E sempre havia vodca caseira. Quando a noite amenizava a temperatura e chegava a hora das músicas e danças populares, as pessoas esqueciam os problemas, pelo menos por algumas horas.

Tenho certeza de que Deus atendeu às nossas orações, porque, alguns dias

depois, chegou uma chuva suave que durou o suficiente para molhar nossos campos e salvar a colheita. Também sei que muitas avós se ajoelharam diante de suas imagens naquela noite, agradecendo a Deus por sua misericórdia e resposta às orações.

Pouco depois da procissão, assisti a um funeral pela primeira vez. O homem da casa morreu e se encontrava deitado em um caixão rústico, colocado na mesa da cozinha. Era um dia quente, as janelas estavam abertas, e as moscas eram atraídas pelo cheiro da morte. Não importava quantas vezes os adultos as espantassem, elas continuavam pousando no rosto do falecido. Um laço foi colocado em sua testa e todos nós ficamos em fila para nos despedir e demonstrar respeito, beijando-o no laço.

Não era uma cena bela de se ver – nada de maquiagem, nem de embelezamento. A realidade e a feiura da morte davam um choque de realidade em todos, inclusive nas crianças. Enquanto os homens carregavam o caixão até o cemitério, a pobre viúva enlutada, com um lenço preto cobrindo a cabeça, seguia atrás com os filhos jovens. E, conforme o costume, haviam contratado uma mulher que, na minha opinião, parecia fazer barulho demais. Enquanto batia no peito com o punho fechado, gritava e lamentava:

– Oh, Timothy, por que você deixou as crianças e a mim? Quem vai cuidar de nós agora? Como irei sustentar e criar essas crianças sem pai, sozinha? Oh, Timothy, por que você fez isso com a gente?

Então, todas as mulheres entravam em colapso, chorando alto, à medida que a mulher continuava a provocar as emoções de todos. Aquilo que ela gritava era real. A vida já era difícil; perder o cônjuge tornava as coisas piores. Não havia seguro de vida, seguridade social nem auxílios governamentais com os quais contar. A pobre viúva dependia totalmente de familiares e amigos, mas eles próprios mal davam conta de sobreviver. Sua única esperança e confiança estariam em Deus.

Contudo, ao testemunhar a cena e ouvir os lamentos, fiquei incomodada com toda aquela *performance*. Senti que a carpideira, que não parava de perguntar ao homem por que ele havia morrido, estava colocando toda a

culpa no morto. Fiquei triste por ele. Só havia ficado doente e morrido, mas o marido da carpideira profissional estava vivo e muito bem de saúde. E eu brincava com os filhos dela. A pior parte de tudo aquilo é que ela recebia pelo drama. Nada daquilo fazia sentido para mim.

Pouco depois do funeral, estava sentada nos degraus de frente de casa. Estávamos tendo uma trégua das bombas e balas perdidas; o sol brilhava forte. De repente, ouvi uma gritaria. Quando me virei para ver o motivo de toda a comoção, vi nossa vizinha viúva na parte de trás de sua casa, segurando sua galinha pelas pernas enquanto um jovem soldado alemão puxava o pescoço da pobre criatura.

Ela era uma mulher forte, na casa dos 50 anos de idade, com braços resistentes, em virtude do trabalho físico. Estava determinada a não abrir mão da galinha. O soldado, alto, magrelo e jovem, totalmente uniformizado, só contava com a força da arma de fogo pendurada no ombro.

Enquanto faziam cabo de guerra com a criatura cacarejante, cujas penas voavam por todos os lados, sua dona deu um último puxão, e a galinha finalmente se livrou das mãos do soldado. A mulher colocou a ave debaixo do braço e marchou vitoriosa em direção ao celeiro, de cabeça erguida. O soldado ficou lá com ar de derrotado. Ele teria se sentido ainda pior caso houvesse entendido todos os nomes depreciativos que ela havia dito em nosso idioma e todos os palavrões que lhe dirigira. Naquele dia, eu aprendi uma importante lição com a galinha e sua dona: nunca desistir.

As galinhas pareciam estar no centro de muitos conflitos. Lydia, amiga de mamãe e colega de quarto no colégio profissionalizante, que havia se casado com Alex, amigo de papai, estava na cozinha quando vários soldados alemães invadiram a casa. Estavam com fome, se colocaram à vontade em volta da mesa e exigiram um bom jantar. Lydia tentou explicar que sua despensa estava vazia. Um dos soldados, que parecia o líder do grupo, se levantou e olhou pela janela. Viu as galinhas do vizinho perambulando e, apontando para elas, disse:

– Pegue uma e prepare nosso jantar.

Lydia fez que não com a cabeça.

– Não são minhas – respondeu. O soldado tirou a arma do coldre, a colocou em cima da mesa e, com um sorriso irônico, falou:

– Agora são. – Assim os soldados conseguiram seu jantar.

Preparar uma galinha para o jantar é uma lembrança que ainda carrego comigo. Mamãe pegava a vítima, colocava a cabeça no bloco de cortar (o mesmo toco no qual Alexa havia se sentado) e, com precisão de especialista, cortava o pescoço fora com um machado.

Certa vez, um galinha conseguiu fugir das mãos de mamãe e começou a correr pelo quintal enquanto minha mãe, ainda com o machado no ar, foi atrás dela. A galinha sem cabeça fez um círculo completo e, sem olhos para ver, acabou bem nos braços abertos de mamãe. Eu literalmente vi uma galinha correndo sem cabeça!

Capítulo 10

Por conta da bênção da chuva, as plantações prosperaram, e os aldeões ficaram muito ocupados com a colheita. Porcos eram mortos e processados, a sujeira era tirada dos celeiros, barris eram levados para o quintal e esfregados com água fervente para prevenir a deterioração dos novos produtos que seriam armazenados ali dentro, e areia nova era colocada nas cavidades dos celeiros onde as batatas, cenouras, beterrabas e aipos seriam cobertos de areia para preservar o frescor.

Nossos celeiros se transformavam em minimercados. Havia buracos gigantes cavados profundamente no solo. Lá dentro, armazenávamos barris de tomates em conserva, chucrute misturado com maçãs doces e pepinos em conserva.

Além disso, as frutas do verão eram secas ao sol e, no inverno, nós as mastigávamos como balas ou fazíamos compotas. Cogumelos pendurados em barbante balançavam no teto da cozinha para secar sobre o fogão a lenha e tranças de alho ficavam penduradas nas paredes. E, é claro, sempre tínhamos bastante semente de girassol e de abóbora assadas, óleo de girassol e, às vezes, até carne. Toda essa “riqueza” era produzida por nosso trabalho duro naquele solo de excelente qualidade.

Painço e cevada eram moídos e nós fazíamos mingau ou sopa com esses cereais. Era um período ocupado de preparativos antes de ficarmos cobertos por neve e gelo. O inverno em nosso país pode ser bastante rigoroso, e os homens precisavam garantir que tinham cortado lenha suficiente para o fogão. Usávamos a madeira com moderação, apenas o suficiente para acender o fogo, pois éramos cercados principalmente por campos, não por muitas florestas. Também queimávamos um tipo de carvão barato. Para nos manter aquecidos, usávamos diversas camadas de roupas. Fazíamos tiras com retalhos e as enrolávamos nos pés para usar dentro de nossa *valenki* (bota feita com feltro de lã). Elas eram bem quentes e confortáveis até sairmos de casa. Então nossos pés ficavam molhados e congelados, já que a

valenki encharcava de neve derretida. Pendurávamos as faixas em frente ao fogão quente para que secassem, e o processo de molhar e ficar com os pés frios novamente começava.

Após as colheitas do outono, o inverno era menos ocupado e nos dava tempo para socializar. Os familiares e vizinhos visitavam uns aos outros, e os anfitriões fritavam batatas com cebola na banha de porco para servir com pão integral e pickles, completando o jantar.

Os homens fabricavam a própria vodca, que corria solta e, dependendo de qual exército estava ocupando a região na época, os soldados a bebiam também. Mas era uma maldição. Já lutávamos tanto contra a pobreza, e a bebida alcoólica só acrescentava ainda mais tristeza, criando um ambiente de violência doméstica por causa da bebedeira e colocando muitas casas em chamas – as destilarias funcionavam na cozinha, e uma única faísca era o suficiente para incendiar tudo.

Em uma noite de inverno, recebemos visitas e, depois de uma refeição simples e satisfatória, todos começaram a cantar. Cada um tentava cantar melhor do que os outros, competindo para ver quem alcançava a nota mais aguda e a segurava por mais tempo. Mamãe era boa nisso, mas os outros também, e a vodca parecia dar vantagem aos competidores. Quando nossos convidados começaram a ir embora, subi em cima da mesa e juntei as gotas restantes de vodca dos vários copos em um só, formando um bom gole. Ao beber, minha garganta e boca queimaram como fogo e engatinhei até a cama para não entrar em uma confusão. Dormi profundamente. De todo modo, o inverno começou e, com uma colheita tão farta armazenada, estávamos preparados. Pelo menos era o que pensávamos.

Por causa das batalhas constantes que ocorriam em nossa região, nós, literalmente, precisávamos alimentar dois exércitos; por isso, a comida armazenada começou a desaparecer com rapidez. Como havia ficado escassa nas cidades, as pessoas começaram a aparecer em nossa vila, implorando pelo pouco do que tínhamos agora em troca de roupas quentes. Xales de lã, meias-calças, chapéus, luvas, suéteres e *valenki* eram muito apreciados. Não nos importávamos com joias ou coisas sofisticadas.

Precisávamos de itens práticos. E eles ficavam igualmente felizes com um saco de cenouras, batatas, beterrabas ou pequenas sacolas de painço ou cevada.

Lydia, colega de quarto de mamãe dos tempos de escola, também veio da cidade com o filho Volodya. Fiquei feliz por ter um pequeno visitante da mesma idade. Eu era um mês mais velha que ele. Era um garoto bem comportado, muito diferente dos meninos levados da vila com quem eu brigava o tempo inteiro só para me divertir. Por isso, eu gostava bastante dele. Mamãe deu a Lydia toda a comida que ela conseguia carregar de volta. Em troca, recebi de presente o suéter de lã grossa de Volodya.

Quando Lydia voltou sozinha, mamãe lhe deu um saco de batatas, que ela carregou nas costas ao voltar andando para sua casa na cidade. Enquanto atravessava um riacho em uma pequena ponte de madeira, os russos e os alemães começaram a atirar uns contra os outros. No meio do fogo cruzado, ela se jogou da ponte e as batatas caíram na água. Rimos dessa história por muitos anos, mas, na ocasião, não foi nada engraçado.

Certa manhã fria de inverno, *baba* Maryna e eu estávamos sentadas na mesa da cozinha olhando pela janela. Vimos flocos de neve caindo suavemente, e os pássaros empoleirados nos galhos desfolhados das árvores frutíferas. Estava quente e confortável dentro de casa e conseguíamos ouvir o fogo crepitar no fogão. Ela estava descascando sementes de girassol torradas e juntando-as para mim em uma caixa de fósforo vazia. Depois de um tempo, *baba* Maryna começou a ficar sonolenta e foi para o quarto tirar uma soneca. Nessa época, todos sabíamos que a saúde dela começava a fraquejar.

Eu estava entediada e solitária até olhar pela janela e ver minha vizinha, Sonya, escorregando em uma poça congelada com uma amiga visitante. Coloquei correndo meu casaco de tricô, enrolei um xale em volta da cabeça e corri para me juntar a elas. Enquanto eu me aproximava, Sonya me cumprimentou rispidamente:

– Alla, vá para casa. Não queremos você por aqui.

Fiquei pasma. Nós brincávamos juntas desde que eu conseguia me lembrar e agora ela estava me humilhando na frente da amiga nova.

Uma raiva ardente tomou conta de mim. Eu me aproximei dela e falei bem alto para a amiga dela ouvir:

– Sabe, Sonya, sua mãe está saindo por aí com soldados alemães.

O choque e a mágoa registrados no rosto dela tiveram o efeito pretendido. Ela caiu em prantos e correu para casa com a amiga seguindo-a. Voltei para minha casa de cabeça erguida. Fiquei satisfeita comigo mesma – mas não por muito tempo. Mamãe entrou em casa pouco depois com o rosto desfigurado de fúria. Ela me pegou pelo braço, me virou e gritou a plenos pulmões:

– O que é que você disse sobre a mãe da Sonya?

Ela nem esperou minha resposta, deu-me uma boa surra e me colocou no canto do quarto.

– Aí, de joelhos! E fique até eu mandar levantar!

Depois de um tempo, meus joelhos e minhas costas começaram a doer, e meu bumbum ainda estava ardendo – o braço de mamãe era forte. Agora eu estava brava não só com a Sonya, mas com mamãe também. Ela nem quis saber meu lado da história. Eu ainda estava irada, sentindo pena de mim mesma quando *babushka* Natasha apareceu para fazer uma visita.

– Oh, o que nosso anjo fez? – ela perguntou ao me ver ajoelhada no canto.

– Essa aí não é nenhum anjo, é um capeta! – retorquiu mamãe. – Você tem noção do que falou sobre a Helen?

Mamãe explicou a situação e virei a cabeça para ver a reação de *babushka* Natasha. Ela cerrou as mãos chocada, revirou os olhos em direção ao céu como se estivesse pedindo misericórdia a Deus e depois olhou para mim. Em seu rosto, eu conseguia ver mágoa e decepção.

Foi só então que eu senti arrependimento profundo. Eu não queria magoar vovó. Eu a amava tanto e sabia o quanto ela me amava. Também tinha consciência de que as palavras que havia dito na raiva, além de mentirosas,

eram perigosas. O caráter da mãe de Sonya era imaculado. Eles tinham uma família feliz, mas rumores como aquele poderiam se alastrar como fogo. Se chegasse aos ouvidos das autoridades soviéticas, mesmo que fosse apenas fofoca, eles seriam severamente castigados. Afinal, era tempo de guerra.

Naquele inverno, fui excluída por familiares e vizinhos. Sonya não quis mais brincar comigo, e as outras crianças se afastaram. Ninguém gostava de mim e, muito embora conhecesse tão pouco sobre Deus, tenho certeza de que Ele foi meu único amigo. Ao ponderar sobre esses anos tão distantes no passado, eu me pergunto como uma criança foi capaz de causar tanta dor e, sendo tão jovem, demonstrar um espírito tão mau. Até hoje me arrependo do que disse.

Porém, Deus, em sua misericórdia, se compadeceu de minha solidão naquele inverno. Uma nova família se mudou para a casa do outro lado da rua: a mãe, o pai, um filho adolescente e Zina, uma menina mais nova e menor do que eu. Como era nova na vila, ela me admirava e, mais uma vez, eu me senti necessária e importante. Seu rosto era pequeno, marcado por olhos castanhos grandes e expressivos, que encaravam tudo como se estivesse constantemente maravilhada. Ela tinha cabelos curtos que parecia nunca ter sido penteados. Era sempre cheia de vida e divertida. Ainda era inverno e adorávamos escorregar pelas pequenas encostas às margens do rio Torets até cairmos no rio congelado, sempre tomando o cuidado de evitar as partes íngremes e perigosas onde se sabia que pessoas haviam caído e encontrado a morte.

Certo dia, nós duas precisávamos ir à latrina. Estava escuro lá dentro, e o buraco era grande; por isso, hesitei em subir, mas não a animada Zina.

– Ai, Alla, você é tão medrosa! – disse ela rindo. – Olhe para mim!

Em um instante, ela subiu, escorregou e caiu lá dentro. Por sorte, quase tudo ali dentro estava congelado e sólido. Eu me inclinei para olhar e lá ela estava, chorando alto. Nunca me esquecerei da cena cômica de Zina esparramada calçando uma bota em um pé e um sapato no outro.

Corri até a mãe dela, gritando:

– Tia, tia! A Zina caiu na latrina!

A mãe de Zina reagiu rápido. Pegou uma corda e um balde, correu até a latrina, levantou a tampa e abaixou o balde. Zina subiu e foi puxada para cima.

Tivemos um final feliz, com exceção de que não tínhamos água encanada, sabonete, nem desinfetante. Mais uma vez, a mãe de Zina sabia o que fazer. Derreteu bastante neve e usou sal alcalino forte, mas demoraram vários dias para o mau cheiro sair de Zina. Fiquei triste por ela, mas feliz por tê-la de volta. No entanto, nossos novos vizinhos não ficaram por muito tempo. Logo se mudaram para a cidade, e eu senti muita saudade da amiga.

Capítulo 11

As batalhas nos arredores de nossa vila se intensificaram naquele inverno. Os alemães continuavam ocupando a área, mas os russos se aproximavam em um cerco. Na verdade, os soldados dos dois lados ocupavam a mesma fábrica abandonada, em alas opostas, na tentativa de se manter aquecidos. Certo soldado russo, que estava ficando em nossa casa, contou a meu pai que, em determinada noite, escurecia enquanto ele retornava para sua unidade, quando, sem se dar conta, aproximou-se do lado inimigo da fábrica. Um soldado alemão o viu e disse:

– Camarada, sua unidade está do outro lado.

– Se não fosse pela guerra – contou o soldado russo para o papai –, eu teria convidado aquele cara para jantar e lhe oferecido uma garrafa de vodca. Ele poderia ter atirado em mim, mas não o fez.

Os alemães eram bem equipados e mais preparados para a guerra do que os russos e os ucranianos. Eles usavam uniformes brancos parecidos com roupas apropriadas para a neve, camuflando-se melhor na paisagem branca e suas baixas eram menores. No entanto, apesar da vantagem em armas e equipamentos, eram recebidos com resistência feroz.

À medida que a guerra continuava, os alemães foram mais uma vez empurrados para trás e agora eram os *soviets* que ocupavam nossa vila. Balas passavam constantemente por sobre nossa cabeça e explosões iluminavam o céu. Nosso único esconderijo era o celeiro no fundo do quintal de casa. Em muitas noites, soldados feridos eram levados até nosso celeiro, implorando por ajuda, e meus pais não tinham remédios, nem faixas. Éramos todos desesperadamente pobres e necessitados.

Certa noite, quando a batalha começou a ser travada de novo, dessa vez mais ferrenhamente do que nunca, mamãe saiu correndo do celeiro até a casa, desviando-se das balas, para conferir como estava a enferma *baba* Maryna. Não podíamos colocá-la dentro do celeiro úmido, por isso ela

ficava sozinha em casa. Mas ela havia contraído febre e tinha começado a alucinar.

– Dusia – disse ela a mamãe –, vá até o portão e deixe o pastor entrar com as ovelhas.

Não havia portão e mamãe sabia que o fim estava próximo. Ela deu um banho de esponja em *baba* Maryna, enrolou-a em um cobertor grosso e a colocou no chão da sala, para que não corresse o risco de cair da cama.

Na manhã seguinte, um soldado jovem e sardento com o rosto cheio de cinzas bateu na porta do celeiro e a abriu.

– *Towarisch!* – gritou ele. – Há uma mulher morta dentro da casa de vocês! Chegamos durante a noite, e eu caí em um cobertor no chão, então o puxei para me cobrir. De manhã, acordei e deparei com essa senhora morta me encarando. Ela me assustou mais do que todas as balas disparadas! E pensar que dormi com ela a noite inteira!

Papai encontrou alguns restos de tábuas de madeira e fez um caixão rústico onde mamãe enrolou *baba* Maryna no mesmo cobertor que o soldado havia dividido com ela. *Baba* parecia tão pequena deitada naquela caixa! Papai, mamãe e até aquele pobre soldado, que parecia um forte rapaz do campo, cavaram um buraco em nosso quintal congelado e foi ali que a enterramos.

Em outra noite, dois soldados esfarrapados e com frio entraram em nosso celeiro. Usando uniformes que não lhes cabiam bem, pareciam jovens de bochechas rosadas que haviam acabado de sair do colégio. Um tinha um curativo na cabeça do qual o sangue jorrava. Ele tremia descontroladamente, gritando: “Mamãe, mamãe!” O amigo explicou que uma bomba havia explodido perto deles e o deixara em choque.

Ficamos tristes por aqueles dois rapazes bonitos que tentavam nos defender dos nazistas, e mamãe, sem suprimentos médicos, decidiu que poderia pelo menos alimentá-los. Quando os tiros deram uma trégua, ela correu até a casa para cozinhar batatas no fogão a lenha e as levou de volta ao celeiro junto com pão seco. Também comemos pickles e fatias de *salo*

(gordura de porco crua e salgada), que já estavam ali no celeiro.

Depois de descansar e comer, o soldado ferido retomou a compostura; mamãe encheu os bolsos deles com as batatas que sobraram e pão seco antes de saírem pela manhã.

Cerca de uma semana depois de havermos enterrado *baba* Maryna, a batalha continuou ferrenha; o assovio das balas e o barulho das explosões se intensificaram. No meio da noite, nosso vizinho bateu à porta de nosso celeiro e gritou:

– Nikolai, Nikolai! Sua casa está pegando fogo!

Subimos depressa a escada e saímos de nosso esconderijo apenas para ver nossa casa em chamas. Mamãe e papai me pegaram pelas mãos e correram, com o gelo e a neve esmagados sob nossos pés. Virei a cabeça para olhar para nossa casa pela última vez e vi as chamas dançando no telhado de palha que papai havia construído com tanto amor. Meu coração doeu.

Com a lua e as estrelas iluminando nosso caminho, corremos em meio ao fogo cruzado até a casa de *babushka* Natasha e vovô Anton, que ficava a pouco mais de um quilômetro de distância. Estávamos tremendo de frio e sem fôlego quando batemos à porta deles. Sem palavras, nos deixaram entrar. Aquela seria nossa casa a partir de então.

Capítulo 12

Eu amava morar na casa da *babushka* Natasha. Ela e vovô Anton me amavam incondicionalmente e eu podia dormir na cama deles bem ao lado de minha *babushka*, com seus braços me envolvendo em segurança todas as noites.

A primavera trouxe o calor, e o rio Toretz começou a descongelar. Com o sol batendo na neve, a água subia, e as margens transbordavam, inundando metade de nosso quintal. Muito embora houvéssomos perdido nossa casa, o jardim estava intacto, e a terra ainda era nossa. À medida que a água retrocedia, muitos peixes ficavam caídos pelo chão, então mamãe e outras pessoas os recolhiam. Os peixes terminavam nas frigideiras e também nos deliciávamos com uma saborosa sopa de peixe com cenouras e cebolas. Não se desperdiçava nada.

Certo dia de primavera, mamãe me levou para nossa antiga casa, a fim de trabalharmos no jardim. Contento por aproveitar a luz solar, sentei sobre os alicerces, a única coisa que havia restado de nossa casa. Enquanto mamãe cavava o solo, fiquei com medo, ao ver a mãe de Sonya caminhando em minha direção. Abaixei a cabeça envergonhada e não ousei olhar para ela. Eu me lembrava muito bem de minha horrorosa explosão de raiva.

– Oi, Alla – eu a ouvi falar –, como você cresceu! É uma mocinha agora. Seu tom de voz e rosto sorridente me mostraram que eu tinha sido perdoada. Como eu a admirei por suas palavras bondosas e cheias de generosidade, um exemplo maravilhoso do perdão que podemos encontrar em Deus! Sorri timidamente de volta e a observei se aproximar de mamãe. Pude ouvi-las conversando e dando risadas. Por causa de minha índole vingativa, o relacionamento entre as duas havia sido abalado também.

Continuamos a morar com nossos avós ao longo daquele verão. Certo dia, mamãe foi até a feira da cidade vender parte de nossa produção agrícola. Muitas pessoas foram até a barraca dela, inclusive a mãe de Zina. Ela estava

tão magra que mamãe mal a reconheceu.

– Dusia – disse ela –, você se lembra de minha pequena Zina?

Mamãe fez que sim com a cabeça.

– Bem, ela morreu! Estávamos sentados ao redor da mesa de jantar durante uma tempestade quando, de repente, fomos atingidos por um raio que entrou pela janela. Ela caiu da cadeira morta!

Mamãe fechou os punhos em choque e tristeza. As duas se abraçaram e choraram. A pequena Zina fora meu raio de sol durante aquele inverno e eu a amava de verdade.

Naquela época, nossa vila estava ocupada pelos alemães; por isso, tínhamos permissão para ir à igreja. Era verão e *babushka* Natasha estava ocupada; então, eu ia à igreja sozinha. Eu amava a casa de Deus. Era como entrar em outro mundo com figuras coloridas de anjos, santos, a virgem Maria e Jesus com halos dourados me cercando. O sacerdote cantava solenemente em voz monótona no altar, e o coral acompanhava em reverência.

Entretanto, certo domingo foi ainda mais especial: uma celebração de casamento com noiva de vestido branco longo e véu. Não me lembro do noivo, mas a noiva foi a visão mais linda que eu já havia contemplado.

A partir daquele momento, eu também quis ser uma noiva. Algum tempo mais tarde, recrutei dois garotos da vizinhança para me ajudar com minha cerimônia de casamento. A princípio, estavam hesitantes, mas prometi a cada um deles uma suculenta maçã da macieira de *babushka* Natasha. Eles não resistiram. Ninguém estava em casa; por isso, tirei uma das cortinas da sala de jantar de *babushka* Natasha, fiz um nó em uma das extremidades e a coloquei na cabeça. Levei os meninos para o meio dos arbustos, para que não fôssemos vistos e ordenei ao mais apresentável que se ajoelhasse diante de mim enquanto o outro atuava como sacerdote oficiante. Ele imitou a voz grave do padre, fingiu balançar um incensário e nos declarou marido e mulher.

Cumpri minha promessa e lhes dei as maçãs antes de irem embora.

Logo em seguida *babushka* Natasha chegou em casa. Pude ver o desapontamento em seu rosto quando me viu.

– *Babushka* Natasha, olhe para mim! – disse radiante. – Acabei de me casar!

– Tire essa cortina da cabeça e coloque de volta no lugar! – ela ordenou.

Fiz o que ela mandou. A cortina ficava bem melhor pendurada na janela do que em minha cabeça e, mesmo tendo me sentido um pouco decepcionada, o desejo de ser noiva nunca me deixou.

Capítulo 13

Cerca de uma semana depois, quando os tiroteios deram uma trégua, mamãe resolveu me levar de trem para outra cidade a fim de visitar seu meio-irmão Peter e a família dele. Foi muito empolgante andar de trem, ver o céu azul e observar os quilômetros e quilômetros de campos de trigo dourado balançando com a brisa como ondas do oceano. De vez em quando, passávamos por alguma pequena vila. As pequenas casas com telhado de palha eram cercadas por diversas flores, como rosas, lilases, malvas e girassóis tão grandes e altos que faziam as casas parecer ainda menores. Cercando as casas, havia também várias árvores frutíferas e hortas. Na minha terra, as crianças subiam nos pés de maçã, pera, damasco e cereja para comer as frutas suculentas sem nem precisar lavá-las. Também tínhamos fileiras e mais fileiras de milho, muito saborosos. Não havia pesticidas para causar danos. O solo era tão rico e fértil que conseguíamos produzir qualquer coisa só aguando.

Finalmente, chegamos a nosso destino e começamos a longa caminhada até onde nossos parentes moravam. Não havia telefone, bonde nem carro. O sol castigava nossa cabeça, e bolhas começaram a se formar em meus calcanhares. Meus sapatos sempre estavam grandes ou pequenos demais, apertando os dedos do pé, ou sobrando demais, pois eram de segunda mão, dados por alguém em quem eles não serviam mais. De qualquer forma eu sofria, mas não tínhamos dinheiro para comprar um par novo. Além disso, eu estava ficando com sede. Almejava um copo fresco de água. Tenho certeza de que mamãe também.

– Quanto falta até a vila, mamãe? – perguntei em tom de lamento.

– Não muito, *Allachka*. Aguenta firme.

E foi o que eu fiz. Não havia mais nada a fazer, a não ser continuar a caminhada.

A princípio, a estrada era sinuosa, mas depois ficou plana e finalmente

avistamos a vila a distância. Como ficamos felizes! Podíamos ver as margens da estrada repletas de flores do campo, como trevos vermelhos, chicórias, cenouras, ervilhas e papoulas. As moças ucranianas colhiam essas flores e faziam guirlandas para enfeitar a cabeça. Dos dois lados da estrada, havia campos de cereal maduro e amarelo sob o céu azul, no desenho da bandeira ucraniana: a metade superior azul-celeste e a metade de baixo, amarelo-ouro.

Como tio Peter estava nos esperando, ficou na estrada aguardando a chegada da irmã e da sobrinha. Ele era alto e amigoso. Por ter crescido na fazenda, seus músculos saltavam. Usava calças azuis feitas de linho bem resistente, a roupa típica dos homens, um tecido bem parecido com o *jeans* e uma camisa de linho branco para fora. Minha maior lembrança a seu respeito foi como sorriu e me pegou no colo com alegria. Ele era tão forte que pensei que fosse me matar esmagada!

Sua esposa, Helen, saiu correndo, limpando as mãos no avental.

– Onde estão aqueles meninos famintos? – perguntou, olhando em volta. – Não dá para encontrá-los nem se procurar com uma vela acesa!

Em poucos minutos meus primos apareceram. Eles estavam com o rosto sujo e suado de brincar, mas ficaram cheios de alegria por conhecer a prima. Os garotos tinham por volta de 9 e 11 anos de idade e estavam ávidos por impressionar a pequena visitante com suas gracinhas.

Enquanto a mesa era posta, e os adultos colocavam em dia as novidades da família, os primos me convidaram para brincar no quintal, que era fechado por uma cerca branca de madeira, onde os perus ficavam. Os meninos abriram o portão bem devagar, entraram ali e começaram a implicar com os perus fazendo caretas e muito barulho para as pobres criaturas. Imediatamente os perus inflavam o pescoço e saíam na direção deles, mas os meninos pulavam a cerca e ficavam fora do alcance dos animais. Fiquei impressionada até o pai deles chegar e gritar com os garotos. Então eles voltaram a parecer menininhos mais uma vez.

Quando finalmente entramos e nos lavamos, fomos convidados a nos sentar à mesa. A casa era simples, como a de todo mundo, e continha

móveis de madeira feitos à mão. A mesa e as cadeiras eram grandes e resistentes. Uma toalha de linho com bordados coloridos alegrava o ambiente. Nossos pratos e colheres eram esculpidos em madeira.

Deram-me um lugar entre os primos e, enquanto eu comia, não conseguia tirar os olhos da tia Helen. Ela era uma mulher jovem muito bela, com os olhos escuros, sobrancelhas perfeitamente arqueadas e bonitos dentes brancos. Seu cabelo estava trançado e arrumado com uma pequena tiara. Também observei que ela era bem mais jovem do que tio Peter, como eles tratavam um ao outro com gentileza e como ele a olhava apaixonado.

Foi servida a tradicional *borscht*, sopa ucraniana típica feita com repolho, beterraba, cenoura, batata, tomate e pimenta. Primeiro, coloca-se uma galinha ou um pedaço de carne de boi na panela, e acrescentam-se os legumes depois. Para finalizar, alho fresco esmagado e endro direto da horta são colocados por cima. Tia Helen serviu essa sopa maravilhosa em tigelas e acrescentou bolas de creme azedo caseiro. É claro que junto vinha uma fatia de pão integral caseiro com manteiga batida espalhada por cima.

Porém, uma refeição não seria completa sem *vareniki*. O *vareniki* é uma versão ucraniana de ravióli, feito com uma massa em forma de bolsos de meia-lua, recheada com uma série de coisas, como purê de batata, queijo da roça ou chucrute. Durante o verão, o *vareniki* muitas vezes era recheado com cerejas, ameixas ou morangos. A massa era cozida em água até ficar macia e fervente, servida com manteiga, cebola frita (não os recheados de fruta) e creme azedo por cima. Que delícia!

Em seguida, foi servido purê de abóbora madura com painço cozido e manteiga. De sobremesa, fatias de melancia. À tarde, recebemos semente de girassol e de abóbora tostadas para lancharmos, tudo da própria horta deles.

Após uma noite muito agradável, chegou a hora de dormir. Bastante palha limpa e fresca foi colocada sobre o chão de terra batida e um lençol de linho, costurado em casa, esticado por cima. Meus primos e eu dormimos lado a lado nessa cama improvisada e nos cobrimos com outro lençol de linho. Como o dia fora muito empolgante e cansativo, dormi profundamente. Porém, então, para minha tristeza, fiz xixi na cama!

Quando acordamos, a mancha reveladora escurecendo o chão de terra era visível.

Como os adultos foram amorosos! E os primos não riram de minha cara. Na verdade, todos tentaram me consolar, mas, na minha imaginação, tive certeza de que a vila inteira sabia do que eu fizera e até os perus estavam rindo de mim. No entanto, também me lembro do amor e da compaixão que todos demonstraram, pois sabiam como eu me senti envergonhada. De algum modo, isso me lembra do carinho que o Pai celestial nos demonstra quando erramos.

Muitos anos depois, pouco antes de mamãe morrer, estávamos nos lembrando de nossa vida na Ucrânia, e eu a surpreendi contando como me lembrava bem dos dias que passamos na casa de seu irmão. Ela achava que eu havia me esquecido, por ser tão nova na época. Então ela me contou sobre a primeira esposa do tio Peter e o casamento infeliz que tiveram.

Ao que parece, certa noite, vovô Gregory convidou um amigo de uma vila vizinha para jantar e, seguindo o costume, para alguns goles de vodca caseira. Ambos eram considerados trabalhadores e pessoas com recursos. O amigo de Gregory tinha condições de oferecer um bom dote junto com a bela filha. Por isso, os dois decidiram casar tio Peter com a moça que não sabia de nada. O que eles não faziam ideia é que ela já estava apaixonada por outro rapaz. Porém, mesmo que o pai dela soubesse, tinha a palavra final e ela não teria outra escolha, a não ser obedecer.

Foi marcado o dia do casamento, e as duas vilas participaram da celebração. Como foi em época de colheita, havia muitos alimentos frescos e alguns animais foram abatidos para a ocasião. As duas famílias contribuíram com fartura e generosidade de coração. E, é claro, havia bastante bebida para matar a “sede” dos homens.

Todos estavam felizes, menos a noiva. Mesmo assim, ela levou para casa um belo baú laqueado, pintado artisticamente e cheio de roupas de cama, um cobertor, travesseiros e outras coisas. Assim eles se casaram.

Chegou o outono, e logo o inverno veio. Sempre havia muito trabalho na fazenda, e a jovem esposa cumpria sua parte diligentemente e se

relacionava bem com a família do marido. Contudo, chegou a primavera, e tudo mudou.

A Páscoa se aproximava, e as pessoas se preparavam não só para o plantio, mas também para celebrar a primavera e, o mais importante, comemorar com grande festa e alegria a ressurreição de Jesus.

Por causa da religião ortodoxa grega, nós nos abstinhamos de comer carne vermelha por seis semanas, substituindo-a por peixe. Nesse período, fazíamos muitas preces diante das imagens. Finalmente chegou o “Dia da Ressurreição”. Os aldeões vestiam suas roupas mais limpas e chiques: blusas com bordados meticulosos feitos à mão para as mulheres e meninas, colarinhos e punhos bordados para os homens. Os mais ricos compartilhavam salsichas, presunto, *paskas* e ovos com os aldeões pobres. As *paskas*, pães doces redondos com passas, eram colocadas dentro de cestas cobertas por toalhas rendadas. Ovos pintados em cores vivas, chamados *pysanky*, alguns com desenhos bem complexos, eram dispostos em volta das *paskas*. Até hoje os sacerdotes abençoam as *paskas* e *pysanky*, aspergindo água benta sobre eles com hissopo enquanto o coral da igreja canta.

Quando chegava o sábado à noite, as pessoas se reuniam para o culto na igreja. Como sempre, mulheres e crianças ficavam à esquerda e os homens à direita, todos segurando uma vela acesa. As imagens douradas reluziam ao tremular da luz das velas enquanto os sacerdotes de mitra, com barbas longas e fechadas, tinham o aspecto muito solene e reverente ao realizarem os ritos cerimoniais e balançarem os incensários cheios. O coral na plataforma cantava em harmonia, como os anjos do Céu.

Exatamente à meia-noite, os sinos da igreja tocavam e a congregação saía e andava em volta da igreja. Carregando uma cruz e um incensário, o sacerdote conduzia a procissão e era seguido pelo coral que cantava. Os sinos das igrejas das vilas vizinhas se misturavam belamente aos nossos. Sob a luz da lua e das estrelas, era tudo maravilhoso.

Quando a procissão terminava, todos irrompiam em alegre exclamação: “Cristo ressuscitou!” Familiares, amigos e estranhos se abraçavam e davam

três beijos na bochecha uns dos outros, com lágrimas de alegria nos olhos, respondendo: “Sim, Cristo ressuscitou!” Todas as barreiras de posição, idade e gênero se quebravam naquela noite. Esses eram os dias alegres que vivenciávamos antes que o longo braço de Moscou alcançasse nossas vilas.

Minha mãe tinha ido à igreja com a mulher de Peter naquela noite. Ao fim da procissão, no escuro da noite, mamãe a viu beijando um jovem, e não era um “beijo de Páscoa”. Mamãe tinha 13 anos de idade na época e, com o coração partido, correu para casa e contou a Peter e aos parentes o que havia visto. Assim que mamãe terminou a história, a mulher de Peter apareceu em lágrimas na porta e se ajoelhou diante do marido e dos familiares dele. Implorou para que a liberassem do casamento. Ela havia se dado conta de que não amava Peter, e estava apaixonada por outro homem. Seu pedido foi concedido de imediato.

Mamãe, porém, não conseguiu tolerar tamanho insulto a seu irmão. Ela encontrou o maior e mais afiado prego da casa, e atacou o baú, marcando-o e arranhando todas as pinturas até ficar irreconhecível. A pobre noiva ficou arrasada. Anos depois, mamãe se arrependeu desse mal que cometera.

Porém, a história não terminou aí. Não se passou muito tempo, e a pobre ex-nora voltou, ajoelhou-se novamente e implorou por perdão, pedindo para ser aceita de volta na casa. O jovem que ela amava havia mudado de ideia. Não queria uma “mulher usada” e desaparecera.

– Não, filha – respondeu vovô Gregory. – Volte para sua casa. Você humilhou nosso filho e nos envergonhou. Você não pertence mais a esta família.

Demorou muitos anos para tio Peter se recuperar desse golpe terrível, mas ele finalmente se apaixonou por Helen, uma mulher mais jovem com disposição doce e amável. Mamãe disse que eles eram muito felizes juntos e, de sua união, vieram meus primos.

Com o tempo, a primeira esposa do tio Peter reconheceu que, na verdade, ela o amava. Ele era um homem decente e poderiam ter vivido felizes juntos, mas era tarde demais. Depois de um tempo, ela se casou com um viúvo alcoólatra com vários filhos, e que a agredia fisicamente.

Mamãe ficou brava com vovô Gregory e seu amigo. Concluiu que aqueles dois velhos imbecis arruinaram a vida da pobre moça.

Capítulo 14

Nessa época, os soviéticos conseguiram fazer os nazistas recuarem e estavam ocupando nossa região mais uma vez. De novo, as igrejas foram fechadas, e muitos de nosso povo foram presos por terem sido amistosos demais com os alemães. Na maioria das vezes, porém, eram apenas acusações falsas por parte de alguém que lhes desejava o mal. O estresse de viver no *front* de guerra fez com que todos nós passássemos a suspeitar uns dos outros, e toda a confiança se foi.

Depois de muitas semanas, os nazistas voltaram, mas, ao perceberem que estavam perdendo a guerra, começaram a recuar uma última vez. No caminho de volta, bombardearam ferrovias, fábricas, hospitais, edifícios governamentais e levaram consigo toda e qualquer coisa de valor. Chegaram a carregar trens com nosso solo negro rico para levá-lo para sua terra. Ficamos surpresos, pois achávamos que todos tinham o mesmo solo maravilhoso que nós.

No início da guerra, quando ouvimos rumores de que os alemães estavam vindo, ficamos empolgados, por achar que eles nos libertariam do opressor regime soviético. Em vez disso, porém, levaram à força nosso maior tesouro: homens, mulheres e jovens capazes para serem usados no trabalho físico.

Alguns jovens, em busca de aventuras, se voluntariaram para ir. Porém, na grande maioria dos casos, os nazistas batiam de porta em porta, conferindo se havia corpos capazes de trabalhar em suas fábricas de munição e ordenavam que comparecessem na estação ferroviária em um dia e horário preestabelecidos. Os nazistas percebiam que as pessoas não estavam felizes por deixar os pais idosos por conta própria, seu lar e animais. Por isso, para nos acalmar, prometeram-nos emprego e um lugar para morar. Com ameaças veladas espreitando por trás de nós, não tínhamos escolha, a não ser obedecer e ir.

Babushka Natasha e vovô Anton levaram meus pais e eu até a estação ferroviária de carroça. Quando chegou a hora de dizer adeus, *babushka* colocou os braços em torno de mim e sussurrou:

– Molharei seu travesseiro com minhas lágrimas, minha preciosa estrelinha!

Eu era sua única neta. Lembro-me, porém, de só desejar que ela me soltasse, pois estava muito empolgada por andar de trem. Nunca mais a vi. Eu não sabia que aquela seria nossa última despedida, mas suas palavras permaneceram comigo para sempre.

O trem estava muito lotado, e nós três nos assentamos quando finalmente achamos lugares desocupados. Não havia nada a fazer além de observar as pessoas ou olhar pela janela e ver as vilas passarem enquanto nosso trem se apressava para a Alemanha e nos levava para um futuro desconhecido.

Percebi que, ali no trem, havia muitos adolescentes, tanto rapazes quanto moças, que não pareciam felizes. Eles haviam sido separados de suas famílias contra a vontade. Quando o sol começou a se pôr por trás do horizonte, muitos jovens se levantaram e foram para a plataforma na parte de trás do trem. Acho que ninguém mais além de mim pensou que isso significasse alguma coisa. O resto provavelmente achou que os adolescentes estavam cansados e precisavam de um pouco de ar fresco. Contudo, quando o trem chegou a uma curva e começou a reduzir a velocidade, de repente vários deles pularam, um de cada vez, rolaram pelo barranco e começaram a correr em direção aos arbustos e à floresta. Ouvimos tiros e xingamentos dos guardas alemães e então gritos, a distância, dos jovens feridos. Ficamos assentados em silêncio, absortos em nossos pensamentos, enquanto o trem ganhava velocidade. Sabíamos que os filhos e as filhas de alguém, feridos e ensanguentados, estavam morrendo ali sem ninguém para limpar suas lágrimas ou aplacar sua dor. A noite chegou, mas não trouxe descanso.

Após vários dias de viagem lenta, finalmente chegamos à Alemanha e permanecemos na cidade de Dresden por três meses. Não me lembro das condições de vida que enfrentamos ali. Mamãe disse que o lugar era muito

lotado. Só me recordo de que a cidade era extraordinariamente bela. Vi casas com varandas cheias de flores coloridas e cestos nas janelas, transbordando com mais flores ainda. Havia lagos artificiais com vitórias-régias, e as pessoas, especialmente as mulheres, se vestiam muito bem. Tendo vindo de uma vila pobre, fiquei encantada ao ver pela primeira vez homens vestidos com ternos sob medida, calçados com bons sapatos, e mulheres vestidas e penteadas de acordo com a moda. Li, posteriormente, que Dresden, no passado uma cidade medieval, era uma meca cultural, com muitos prédios históricos e museus que abrigavam famosas obras de arte. Porém, a cidade foi destruída durante os bombardeios dos Aliados, junto com muitos tesouros da arte e da vida. Anos depois, descobri que a destruição foi desnecessariamente severa, pois não havia instalações militares ali.

Escoltados por guardas nazistas, tomamos um trem para Leipzig e lá fomos transportados por caminhões militares para um campo fora dos limites da cidade. Era o verão de 1942 quando chegamos a nosso destino final e fomos colocados em casernas. Ainda podíamos sentir o cheiro de tinta fresca. A cerca de arame farpado brilhava com um grande portão com uma única fechadura. Guardas, com suas armas de fogo, e cães pastores alemães ao lado deles nos vigiavam. Finalmente nos demos conta: estávamos em um campo de trabalhos forçados; não éramos livres, mas, sim, prisioneiros. Etiquetas com as letras “OST” afixadas no lado esquerdo de nossos casacos significavam que éramos do “leste”, provenientes dos países eslavos.

No início de cada manhã, nossos pais eram apanhados por caminhões e levados para trabalhar nas fábricas. Mamãe trabalhava no departamento de laboratórios como técnica em química, onde estavam tentando melhorar a qualidade da mistura de cimento. Papai labutava em uma fábrica de peças de veículos militares. Eles voltavam tarde da noite, exaustos.

As crianças ficavam no campo sob a supervisão de uma mulher que não tinha nenhum controle sobre nós. Corríamos como selvagens, batendo uns nos outros com varas e pedras, e brincando de guerra, fingindo ser alemães e norte-americanos em combate.

Certo dia, logo depois que chegamos, eu estava junto com as outras crianças perto da cerca de arame farpado, observando os caminhões trazendo muitas cargas de materiais de construção, em sua maioria tábuas e vigas. Quando as estruturas foram erguidas, percebemos que mais casernas estavam sendo construídas, também com cercas de arame farpado ao redor. Porém, a cerca entre nós e o novo campo permaneceu.

Não precisamos imaginar por muito tempo para que ele serviria. Logo avistamos filas de prisioneiros sendo escoltados para o novo local. Víamos seus uniformes rasgados, alguns mancando e sendo apoiados pelos companheiros, outros com faixas na cabeça ou braços enfaixados. À medida que aqueles homens se moviam lentamente, cheios de dor, recebiam chutes e socos dos guardas, sem nenhum motivo. Assim que se instalaram no novo local, lembro que os prisioneiros vinham até o lado deles da cerca e tentavam conversar com as crianças. Nós não sabíamos quem eles eram e não entendíamos o que diziam; por isso, só corríamos por perto. Tinham a barba por fazer e o cabelo embaraçado, mas sorriam para nós e pareciam amigáveis.

Não conseguíamos entender por que os guardas eram tão ruins com eles. Depois de um tempo, alguns dos adultos solucionaram o mistério. Os prisioneiros eram soldados italianos que se recusaram a lutar contra os norte-americanos quando a guerra se aproximava do fim. Eles não queriam lutar e morrer pelo “Il Duce” Mussolini. Considerados traidores, foram capturados pelos alemães e tratados com crueldade.

Certo dia, enquanto corríamos e brincávamos, vimos um belo jovem de camisa marrom, com uma faixa de suástica enrolada no braço esquerdo. Era musculoso, estava em boa forma física e suas botas muito bem polidas brilhavam. A seu lado se encontrava seu companheiro, um cão da raça pastor-alemão. O pelo do cão estava penteado e reluzente. Ele também parecia muito bem cuidado. Seu mestre sorria e o acariciava, enquanto o cachorro respondia alegremente abanando o rabo. Parecia um retrato de serenidade. Contudo, dentro de poucos instantes, a cena mudou abruptamente quando o mesmo belo jovem começou a gritar com um prisioneiro italiano e a bater nele. Nós, crianças, observamos horrorizadas o

prisioneiro deitado, chorando e implorando para os socos pararem. Depois desse incidente, nada mais nos chocava. Envelhecemos naquele dia e perdemos a inocência da infância.

Capítulo 15

No início de nosso confinamento, nossos pais recebiam o domingo de folga e tínhamos permissão de deixar o campo de prisioneiros para visitar parques e até mesmo o zoológico. Porém, pouco depois, os Aliados começaram a direcionar seus ataques noturnos a nossa região; então, nossa liberdade e nossos suprimentos ficaram mais escassos. Começamos a sentir muita fome e, com a fome, veio a perda de peso. Lembro-me de que mamãe trouxe da fábrica uma pedra de sal e eu sentei e fiquei chupando, chorando por estar com tanta fome.

Compartilhávamos um quarto de canto na caserna com outra família bem parecida com a nossa. O casal mais jovem, Boris e Tina, tinha uma filha mais nova do que eu. Eles também eram da Ucrânia. Era um quarto pequeno, mas tínhamos beliches. As meninas dormiam na parte de cima enquanto os pais se apertavam nas camas de baixo.

Boris era um homem alto e muito enérgico. Ele sempre se gabava de aventuras na terra natal, como roubar. Mas, de algum modo, nunca era apanhado e conseguia fugir da punição. Ele nos contava suas experiências com muito gosto e orgulho.

Certo dia, Boris compartilhou algo importante com meus pais.

– Ouça, Nick – ele disse a papai, em tom de sussurro –, alguns amigos e eu temos um plano. Está vendo aquele fazendeiro alemão entrando e saindo do celeiro, em seu campo de batatas, carregando alguma coisa? Pois bem, ali dentro está cheio de comida. Vamos dar uma escapada e investigar. Você é bem-vindo para vir conosco.

– Como é que nós chegaremos lá? – papai perguntou. – A cerca é alta e estamos rodeados por guardas e cães.

– Já pensamos em tudo, meu amigo! – Boris sorriu furtivamente. – Vamos cavar um túnel debaixo da cerca. Quando você perceber, já estaremos do outro lado.

Papai hesitou, olhando para mamãe. Ela não o desanimou. As dores da fome eram severas para todos nós. Eles também pensavam em mim, pois eu não passava de pele e ossos na época.

Papai concordou, e tudo prosseguiu conforme planejado. Eles cavaram o túnel e chegaram ao campo em uma noite, depois foram até o celeiro, sem se dar conta de que os guardas seguiram cada passo deles. Eles foram apanhados, levados de volta para a caserna, e seus nomes foram anotados. Alguns dias se passaram como se nada tivesse acontecido. Porém, papai sabia que não estava tudo bem. Ele compartilhou seus temores e pressentimentos com mamãe.

Certa noite, minha mãe teve um pesadelo e o contou para Tina, que afirmava saber interpretar sonhos.

– Conte-me, Dusia, com o que você sonhou? – ela perguntou.

– Bem – disse mamãe –, eu estava carregando uma cruz preta grande e pesada nas costas. Cheguei até uma cadeira e deveria subir na mesa para alcançar um prego na parede e pendurar a cruz; mas, enquanto tentava fazer isso, a mesa se quebrou e eu caí com minha cruz.

– Oh, Dusia – disse Tina com tristeza –, ao longo de toda a vida você carregará uma pesada cruz. Você sofrerá muito.

Mamãe estava sofrendo e com muitos maus pressentimentos quanto ao futuro.

Logo chegou meu oitavo aniversário, e mamãe me levou para a fábrica com ela, onde suas colegas de trabalho alemãs queriam me conhecer. As mulheres foram amigáveis e me deram alguns biscoitos. Ao fim do dia, voltamos para nosso quarto no campo de prisioneiros. Tina e outras duas mulheres nos receberam com lágrimas nos olhos.

– Oh, Dusia – gritou Tina –, vieram e prenderam nossos maridos. Eles os levaram embora de carro, só Deus sabe pra onde!

Mamãe ficou perplexa, e eu me senti arrasada por saber que meu pai se fora. Como me lembro desse dia! Sabíamos que os homens haviam feito

algo errado e agora iríamos pagar por isso. Porém, o castigo foi maior do que o crime. A intenção era que servisse de lição para os outros prisioneiros do campo.

Mamãe perguntou ao líder do campo para onde os homens haviam sido levados. Ele não era um homem gentil, mas, de algum modo, mamãe conseguiu permissão e um papel dizendo que podíamos pegar um bonde até o local para onde os prisioneiros tinham sido levados até serem transportados para o campo de concentração Buchenwald.

Encontramos o lugar. Parecia um grande depósito sem cômodos, apenas um espaço aberto com fileiras e mais fileiras de beliches com três camas e homens estáticos nelas.

Um guarda nos acompanhou enquanto andávamos em um corredor após o outro, observando o rosto daqueles pobres homens. Não havia nenhum raio de vida ou brilho de esperança em seus olhos, apenas uma expressão vazia. Pareciam bois sendo levados para o matadouro.

Como eu ansiava ver meu pai mais uma vez, dar-lhe um abraço apertado e dizer o quanto o amava! Contudo, antes de termos a chance de ver o restante dos prisioneiros, acabou o tempo e a paciência do guarda que nos acompanhava, e ele mandou que voltássemos para nosso campo.

Tina ficou deprimida e, quando os dias se transformaram em semanas, aquela pequenina mulher começou a parecer uma criança desesperada. Ela perdeu a vontade de viver, mas mamãe não. Ela era batalhadora. Continuou a trabalhar, compartilhou suas lágrimas e tristezas com as colegas de trabalho e recebeu muita simpatia.

Várias semanas depois, após a intensificação dos ataques noturnos, perdemos Tina e sua filha no inferno inflamado da fatídica noite em que ela se recusou a correr até o abrigo.

Naquela noite, ao chegarmos cambaleantes ao abrigo, que não passava de um grande e resistente buraco subterrâneo com paredes de tijolos, já o encontramos lotado de outros prisioneiros – civis russos e ucranianos, bem como os soldados italianos, que haviam sido colocados separadamente na

parte detrás do abrigo.

A fumaça começou a entrar, dificultando a respiração, e um jovem soldado nazista se posicionou à porta, ameaçando atirar em nós se nos mexêssemos. Estávamos presos.

Observei curiosa a reação das pessoas ao meu redor. Algumas soluçavam em silêncio, resignadas diante da morte certa. Outras tinham uma expressão de ódio, xingavam os alemães e olhavam de forma tensa para o soldado com a arma em punho.

Uma adolescente gritou:

– Mamãe, por que você me deu à luz? Eu não pedi para nascer neste mundo cruel!

Um homem de meia-idade se virou na hora para ela e disse:

– Cale a boca! Você vai assustar a pequena! – e apontou para mim.

Embora eu tivesse apenas oito anos de idade, senti pena da menina, que era apenas um pouco mais velha do que eu, mas não passava de uma criança assustada.

Outro grupo se ajoelhou em um círculo para orar. Meu coração saltou de alegria, porque finalmente vi pessoas que ainda tinham esperança. No meio do círculo, um homem levantou as mãos em direção ao céu e clamou em russo: “Ó, Deus querido! Por favor, nos salve! Ouça nossas orações e nos ajude!”

Nossa situação parecia sem esperança. Com falta de ar, necessitávamos desesperadamente de fugir da densa fumaça negra, mas o nazista continuava a bloquear a porta.

– Movimentem-se que eu atiro! – ele gritava. Contudo, conseguíamos perceber que ele também temia pela própria vida.

Assim que o homem disse “Amém”, como se um poder invisível tivesse nos levantado ao mesmo tempo, todos avançamos e fugimos do abrigo, derrubando o guarda para poder abrir a porta.

Testemunhas oculares contaram que, quando os prisioneiros italianos, atrás de nós, tentaram escapar, outros guardas apareceram e atiraram neles, trancando a porta antes que os prisioneiros conseguissem sair. Sem jeito de fugir, morreram inalando a fumaça.

Quando nos apressamos até o único portão do campo de prisioneiros, a multidão pressionava tanto que eu fui levada adiante, mesmo que meus pés mal tocassem o chão. Mamãe conseguiu pegar minha mão e me levou a um lugar seguro. Quando, porém, chegamos ao portão, descobrimos que estava trancado. Os constantes bombardeios lançavam escombros e estilhaços sobre nós. As roupas pegavam fogo, e as pessoas gritavam com medo e dor. Foi como a experiência do Mar Vermelho. Da perspectiva humana, não havia escapatória – certamente morreríamos –, mas Deus cuidou de nós. Pressionamos freneticamente o portão até ele ceder e saímos do campo em chamas em direção aos campos abertos, onde caímos, maravilhados e resfolegando, levando ar fresco até os pulmões.

Foi então que me perguntei quem era aquele grande Deus que havia respondido à oração das pessoas. Como Ele conseguiu ouvir as orações, se vivia tão longe, na igreja da vila de minha avó? Confusa e cheia de perguntas, eu me consolei com o pensamento de que, um dia, quando crescesse, eu conheceria esse Deus.

Capítulo 16

Os guardas logo apareceram para pegar os que haviam sobrevivido à destruição do campo de prisioneiros e que não tinham morrido pisoteados na confusão junto ao portão. Tremendo por causa do frio do início da manhã, recebemos cobertores e fomos colocados em caminhões militares cobertos a fim de ser transportados até uma fábrica parcialmente abandonada no centro de Leipzig. Centenas e centenas de pessoas haviam sobrevivido e agora dormíamos no chão de concreto do prédio de três andares.

De certo modo, foi uma bênção nosso campo ter sido incendiado. Nós, crianças, logo descobrimos que os civis locais, ao passarem em seu caminho para o trabalho, carregavam pequenos sacos marrons – comida! No início de cada manhã, ficávamos em fila nas paredes de tijolos da fábrica e os observávamos passar. Não éramos uma cena bonita: magros, maltrapilhos, imundos, famintos e infestados por piolhos. O coração deles se compadecia, e compartilhavam conosco seus sanduíches e, às vezes, até um ovo cozido. Isso continuou por todo o verão e até gostávamos de ficar na fábrica.

Outro momento de brilho em minha vida nessa época foi a presença de Nicky, um bebê de oito meses que dormia com sua mãe ao lado de onde mamãe e eu dormíamos. Ele tinha o rosto redondo, gorducho e sorridente, com olhos azuis e cabelos loiros. Era uma criança muito feliz! Eu amava brincar com ele. De manhã, eu acordava e o encontrava sentado em seu fino colchão, me observando e esperando que eu abrisse os olhos. Ainda sonolenta, eu estendia os braços e o puxava para mim. Ali ficávamos deitados, felizes por estar juntos enquanto a mãe dele dormia profundamente, de costas viradas para nós. Depois de um tempo, ele ficava inquieto e engatinhava de volta para a mãe. Eu sabia que ele estava ficando com fome, pois era hora de comer e só ela podia satisfazer sua fome. Quanto a mim, era hora de observar os civis locais irem para o trabalho.

Certa manhã, quando acordei, Nicky não estava esperando por mim. Estava tudo assustadoramente silencioso, com exceção de alguns tossidos aqui e ali, daqueles que estavam resfriados ou com tuberculose. Mamãe já havia saído para trabalhar, e a única coisa que eu via era a mãe de Nicky de costas, dormindo. Imaginei que ele também estivesse dormindo, então corri para conseguir algo para comer. Depois de mendigar, encontrei dois soldados, um carregando o corpinho de Nicky e o outro puxando a mãe do bebê pelo braço. Ela estava chorando, mas não consegui detectar nenhuma tristeza ou dor verdadeira em sua voz. Até para mim ficou claro que ela estava fingindo o luto. Circularam rumores de que ela havia sufocado o filho com um travesseiro. Ele nascera fora do casamento, e o novo namorado da mãe não queria Nicky por perto. A guerra tirava a sensibilidade de muitas pessoas, e elas se tornavam cruéis.

Os alemães logo construíram um novo campo de trabalho para nós, ainda mais distante da cidade do que o anterior. Mamãe e eu fomos colocadas em um quarto minúsculo pra nós duas. Os vizinhos de porta eram uma mãe solteira e seus três filhos. A menina mais velha, Raya, era da minha idade. Ela tinha dois irmãos mais novos. Como as paredes eram muito finas, ouvíamos os meninos chorando toda noite: “Mamãe, estou com fome! Dê-nos algo para comer!” Porém, não havia comida. Todos os dias, recebíamos uma fatia de pão preto com um pouco de manteiga e uma sopa de aipo fedida e muito aguada, que tinha gosto de água de louça suja. Um ocasional pedaço de batata era extremamente valorizado. Mamãe sempre me dizia: “Mastigue devagar e não corra. Assim você conservará energia e não ficará com fome tão rápido.”

As coisas iam de mal a pior e estávamos desesperadamente famintos. Certa vez, mamãe trouxe um pouco da mistura de cimento da fábrica onde ela trabalhava. Um dos ingredientes da mistura era amido de milho. Depois de construir um fogão improvisado empilhando tijolos com uma lâmina de metal por cima e uma pequena fogueira por baixo, ela acrescentou água à mistura, moldou em forma de hambúrgueres e os fritou na chapa para comermos. Enquanto eu tentava mastigar, sentia a textura granulosa do cimento em meus dentes. Nunca mais fui enjoada para comer.

O diretor do campo de prisioneiros era um homem parrudo na casa dos 40 a quem chamávamos de “Nero”. O apelido era perfeito. Ele tinha uma cabeça grande apoiada sobre um pescoço curto e seu rosto sempre estava contorcido de ódio. Faltavam-lhe os três dedos do meio da mão direita. Ele balançava a mão no nariz das pessoas e declarava que havia perdido os dedos em um campo russo de prisioneiros. Não sabíamos se isso era verdade ou não, mas ele certamente usava como desculpa para abusar dos prisioneiros.

Dia após dia, nossos pais voltavam famintos e exaustos do trabalho nas fábricas militares e eram recebidos no portão por Nero, vestido com seu uniforme militar de lã marrom, com uma faixa de suástica, cercado por guardas e cães. Sem sofrer a menor provocação, ele chutava e socava nossos pais e depois soltava uma risada maligna. Com frequência nos perguntávamos se ele não era mentalmente desequilibrado. Nós, crianças, nos abraçávamos e ficávamos juntas, tentando consolar umas às outras. Quando testemunhávamos essas cenas feias e cruéis, lamentávamos por nossos pais, mas não havia nada que pudéssemos fazer para ajudar. Por isso, só chorávamos em silêncio. Não tínhamos aonde correr para pedir ajuda e não havia tolerância a reclamações.

Nós nos comunicávamos com Nero por meio de uma tradutora que falava um russo macarrônico. Era uma mulher alemã com traços fortes e cabelo castanho sem vida, vestida em uniforme militar, de saia. Ela sempre traduzia de um jeito que deixava Nero ainda mais furioso. Ele espumava pela boca ao gritar e abanar a mão desfigurada em nossa direção. A tradutora dava um passo para trás com um sorriso maldoso. Sabíamos que ela havia traduzido incorretamente para nos colocar em problemas, e isso parecia lhe dar uma espécie de satisfação perversa.

Entretanto, nem todos tinham um espírito tão maligno. Havia um guarda querido que nunca nos maltratava e, sempre que testemunhava o comportamento de Nero, víamos uma expressão de dor em seu rosto.

O sentimento de inutilidade e desesperança era esmagador, porque não havia nenhum lugar para onde correr em busca de ajuda ou proteção. Muito

embora nos sentíssemos abandonados por Deus e pelos homens, sei que Deus continuou a cuidar de nós. Muitos alemães de vilas locais vinham até nossa cerca de arame farpado para nos trazer comida. Não era muito, pois eles mesmos tinham bem pouco e nós éramos tantos! Porém, tocava nosso coração vê-los arriscar ser presos ou alvejados por tiros dos guardas.

Lembro-me em particular de um homem chamado Max. Era um senhor baixinho na casa dos 50 anos de idade com um pequeno tufo de cabelo loiro no alto da careca. Ele vinha regularmente e trazia um pudim rosa só para mim. Sempre via compaixão em seu sorriso amigável. Essa simpatia vinha de um homem que havia perdido o único filho na guerra e cuja esposa o deixara.

A coragem e o cuidado dessas pessoas aqueciam nosso coração e elevavam o espírito. Era como se Deus estivesse dizendo: “Vocês não estão sozinhos. Eu me importo com vocês.” Sentíamos que ainda havia restado algo de bom neste mundo escuro e doloroso.

Capítulo 17

Raya e eu ficamos muito amigas por termos a mesma idade. Aliás, éramos tão próximas que pegamos sarampo alemão na mesma época. Como uma epidemia entre os trabalhadores de nosso campo era indesejada, fomos levadas a um hospital e recebemos cuidados médicos na cidade de Leipzig. Até compartilhamos o mesmo quarto.

Como sempre, os ataques aéreos noturnos continuaram. Uma vez que Raya e eu éramos muito magras, os funcionários nos colocavam na mesma maca e nos levavam para o porão do hospital durante os bombardeios. Ficava absolutamente escuro ali e só quando as explosões iluminavam o subsolo conseguíamos ver como estava lotado.

Em uma dessas noites, houve uma comoção súbita. Ouvi um homem falar russo enquanto tentavam acalmar um camarada rebelde. “Misha”, uma voz afirmou, “vamos fazer uma xícara de chá para você; tenha só mais um pouco de paciência.” Quando outra bomba explodiu, consegui ver o rosto de um louco. A expressão em seus olhos revelava claramente que ele estava completamente fora de si. Esperei ansiosa poder voltar para nosso quarto silencioso, a fim de ficarmos longe de Misha. Ele me assustava.

Depois que o ataque cessou, fomos levadas de volta para o quarto. Logo que dormi, fui despertada pelo barulho de nossa porta se abrindo. Em seguida, entrou Misha. Ele não falou nada, e seus movimentos eram furtivos como os de um gato espreitando a presa. Então ele me viu. Como Raya estava virada para a janela, e eu, para a porta, ele não a viu, somente a mim.

Ele se aproximou de minha cama em total silêncio, inclinou-se e colocou o rosto perto do meu e me encarou bem nos olhos. Meu coração batia muito depressa. Então ele se deitou em minha cama, a meus pés, e se enrolou todo. Não sei por quanto tempo ficou ali, mas pareceu uma eternidade. Quando ouviu vozes no corredor, Misha pulou e se escondeu atrás da porta. Uma enfermeira abriu a porta e gritou quando viu Misha escondido. Dois

homens vestidos de branco entraram correndo com cordas e tentaram contê-lo. Ele lutou ferozmente de volta, mas foi subjugado. Senti tristeza por ele, que parecia tão digno de pena, todo amarrado.

Sou grata porque ele não me fez nenhum mal, mas o incidente me traumatizou. Até hoje às vezes acordo no meio da noite, com o corpo tenso e o coração acelerado, sentindo uma presença ao lado de minha cama.

Raya e eu nos recuperamos e voltamos para o campo de prisioneiros. A vida prosseguiu como de costume. Enquanto os adultos continuavam trabalhando nas fábricas, uma mulher que havia tentado nos supervisionar no antigo campo conseguiu nos ensinar a olhar as horas. Essa foi a única educação que recebi por um bom tempo. Quando ela não estava nos ensinando, nós atacávamos uns aos outros com pedaços de pau e pedras. Éramos, porém, um grupo bem unido que cuidava uns dos outros e não causávamos machucados sérios, apesar das brincadeiras de luta.

Eu dormia na cama de cima do beliche, como antes, mas o colchão não era tão confortável quanto o do hospital. Parecia recheado de palha, pois pontas afiadas sempre me pinicavam. Além disso, piolhos sugavam meu couro cabeludo o tempo inteiro. Como se não fosse ruim o bastante, os percevejos que andavam pelo teto sempre caíam em meu rosto. Uma vez que eles se alimentam de sangue humano, eu acordava com o rosto manchado de sangue todas as manhãs – durante o sono eu os esmagava contra as bochechas.

Os vizinhos do quarto em frente ao nosso eram um casal, os Shtepa, que dividiam o quarto com um homem que eu chamava de tio Vanya. Raya e eu chamávamos o casal de vovô e vovó, mais por respeito do que pela idade, já que eles não eram tão velhos assim. Vovó Shtepa era uma mulher de ombros largos e aspecto um tanto quanto musculoso. Tinha um rosto redondo e sorridente. Seu cabelo era arrumado em longas tranças enroladas na cabeça. A maioria das mulheres tinha o costume de usar tranças. Seu marido era um homem alto e bonito, com cabelo castanho ondulado e bigode pontudo. Seus olhos sempre piscavam como se ele estivesse prestes a fazer alguma coisa errada, e, quando sorria – e isso acontecia com

frequência –, sua boca parecia se iluminar, já que vários de seus dentes da frente eram de ouro.

Raya e eu amávamos passar tempo com vovô Shtepa. Ele parecia um cavaleiro da antiguidade, e nós o imaginávamos montado num cavalo branco resgatando uma princesa. Era muito especial para nós quando ele nos colocava no colo e nos contava histórias inventadas.

Assim como acontecia comigo, faltava uma figura masculina na vida de Raya. Nunca soube o que aconteceu com o pai dela, mas sua mãe fora artista de circo quando jovem e era uma mulher atraente. Quando a guerra terminou, um homem muito bom fez amizade com ela e passou a cuidar de sua família.

Raya e eu nos alegrávamos muito quando vovô Shtepa e todos os outros adultos voltavam das fábricas diariamente. Nós duas corríamos até vovô e insistíamos para que nos contasse mais uma de suas histórias. Uma de nossas favoritas se chamava “Johnny, o bobinho”.

Johnny, filho de pais pobres, não era inteligente e era zombado por toda a vila. Um dragão mau de sete cabeças sequestrou a filha do czar e este ofereceu metade do reino e a mão de sua filha em casamento para quem conseguisse resgatá-la. Johnny se preparou para ir resgatar a princesa. Todos os aldeões riram dele, e seus pais imploraram para que não fosse. Porém, Johnny estava determinado a lutar contra o dragão mau que soprava fogo de todas as sete cabeças. Quando Johnny entrou na cidade, montado em sua mula, encontrou uma fila de belos jovens valentes que tinham as mesmas intenções que ele.

De acordo com vovô Shtepa, Johnny lutou contra o dragão usando mais a esperteza do que a força. É claro que conseguiu derrotá-lo, e o czar lhe deu a filha e metade do reino. O czar concluiu que qualquer um capaz de tal façanha era bom o bastante para sua filha. Eles viveram felizes para sempre, e ninguém nunca mais riu de Johnny, o bobinho, pois agora ele era um príncipe.

– Ah, vovô, por favor, conte-nos mais uma história! – Raya e eu implorávamos.

– Agora, meninas – ele sempre respondia –, vão para o quarto de vocês e durmam, pois não sabemos se haverá ataques hoje à noite. Se tudo der certo, continuaremos amanhã.

Quando eu me deitava, ficava imaginando o belo palácio e a princesa. Tenho certeza de que Raya fazia o mesmo.

Os Shtepa, por mais bondosos que fossem, também estavam sofrendo. Eles haviam sido separados do filho adolescente, que fora levado pelos nazistas para cavar valas e trabalhar em fábricas. De acordo com o casal Shtepa, ele era um jovem alto e bonito. O coração deles doía, pois não sabiam se o filho estava vivo ou morto.

Os Shtepa imigraram para os Estados Unidos após a guerra e se estabeleceram em Rochester, Nova York. Anos depois, durante a reconstrução de Gorbachev, os Shtepa encontraram o filho, que foi à América do Norte e os visitou por várias semanas. Como ficaram felizes por esse reencontro tão aguardado! Ele tinha uma família na Ucrânia, havia estudado e seus pais ficaram muito orgulhosos dele. Os Shtepa viveram felizes e em paz até o fim.

O colega de quarto dos Shtepa no campo de prisioneiros, o homem que eu chamava de tio Vanya, interessou-se por mamãe. Era alto, bonito e inteligente, formado em Engenharia Elétrica. A guerra o havia separado da esposa e da filha, que tinham ficado na Ucrânia. Mamãe, por sua vez, não tinha inclinações românticas, pois continuava casada com papai e o amava. Ela considerava tio Vanya um amigo, e ele tentava corresponder a amizade.

Só ouvimos falar duas vezes a respeito do papai depois que foi levado embora. Ele nos enviou cartões-postais implorando para que mandássemos suas botas e calças. Infelizmente, elas haviam sido destruídas quando nosso quarto foi bombardeado no primeiro campo. Entretanto, as colegas de trabalho de mamãe na fábrica, compadecidas, juntaram dinheiro, e ela conseguiu lhe mandar botas e calças, junto com pão seco e tabaco.

Com o passar do tempo, não recebemos mais nenhum cartão-postal de papai. Tio Vanya incentivou mamãe a perguntar para Nero como poderia receber informações sobre a situação de meu pai. Por mais malvado que

fosse, Nero parecia nutrir certo respeito por mamãe. Ela era bonita e não precisava de tradutor, pois falava alemão relativamente bem. Acho que isso talvez agradasse seu orgulho nacionalista. Ele lhe deu o endereço na cidade onde ela deveria ir para conseguir as informações de que precisava, junto com uma permissão para deixar o campo de prisioneiros. Quando ela finalmente encontrou o escritório, as autoridades a xingaram em alemão e se recusaram a ajudá-la. Sem se deixar intimidar, ela não desistiu. Explicou que ainda era jovem e poderia querer se casar de novo, mas não tinha como fazê-lo sem saber se o marido estava vivo ou morto.

Algum tempo depois, Nero entregou para ela um envelope com a certidão de óbito de papai. O documento afirmava que ele havia morrido de “inflamação dos linfonodos” em 3 de outubro de 1944, no campo de concentração Buchenwald. Mamãe caiu em prantos. Os Shtepa e tio Vanya tentaram consolá-la. Ela ficou viúva aos 26 anos e tinha uma filha pequena. Eu fiquei de coração partido, porque nunca mais veria meu pai novamente.

Capítulo 18

À medida que a fome aumentava, as pessoas começaram a adoecer e morrer. Nós víamos os cadáveres serem levados para fora em macas e carregados em caminhões. A fim de tentar manter os prisioneiros vivos para trabalhar nas fábricas, Nero permitia que fôssemos até as vilas vizinhas aos domingos a fim de mendigar comida, privilégio que nos fora retirado anteriormente, após a inauguração do novo campo. Ele sabia que voltaríamos. Não havia lugar nenhum para onde correr e nos esconder.

Certo domingo frio de outono, mamãe se enrolou em seu cobertor esburacado, do exército, me pegou pela mão e começamos a caminhar pela estrada rural rumo a uma vila, a fim de pedir comida. À medida que andávamos, vimos um homem loiro de um braço só em um pomar, quebrando os galhos secos das árvores. Maçãs, gloriosas maçãs, enchiam o solo! Tímida, mal vestida, magricela e suja, mamãe continuou a caminhar. Lá na Ucrânia, nossos pomares eram bem maiores e mais exuberantes do que aquele! Doía-lhe reconhecer que lhe restava mendigar de alguém com muito menos do que tivéramos no passado. De repente, uma voz em seu interior a orientou a voltar e pedir algumas maçãs para aquele homem.

– *Herr*, por favor, você pode nos dar algumas maçãs? – pediu mamãe. – As que estão caídas no chão?

O homem de cabelos claros olhou para nós e sorriu.

– Por que vocês não entram para conhecer minha família? – ele respondeu em tom amigável, apontando para uma casinha branca com um grande jardim cercado pelo pomar.

A cozinha era iluminada e limpa. Uma alemã agradável, de rosto redondo, vestida com um avental branco e três meninas estavam assentadas à mesa, prontas para almoçar. Ficamos extasiadas pelo cheiro da comida. Descobrimos que o homem havia perdido o braço na Frente Oriental. Mamãe contou que papai havia morrido em Buchenwald. Em silêncio,

comemos uma refeição simples, mas farta.

Enquanto os adultos conversavam após o almoço, a filha mais nova, que tinha minha idade, convidou-me para brincar no sótão. Sem saber se eu entendia alemão, ela me pegou pela mão e me conduziu gentilmente enquanto eu a seguia.

– Venha até nosso sótão. Temos um balanço onde você pode brincar.

Ela também tinha vários brinquedos que eu nunca havia visto antes: mobília feita à mão para bonecas, com lençóis, roupas de boneca e um pequeno balanço pendurado nas tábuas do teto. O que mais me chamou a atenção foi sua bondade para comigo, uma desconhecida de um campo de trabalhos forçados.

Quando partimos, eles nos carregaram de comida e roupas de segunda mão para mim.

– Por favor – disseram –, voltem quando puderem.

E voltamos mesmo. À medida que o clima foi esfriando, a filha mais velha, uma costureira de mão cheia que trabalhava em uma fábrica de uniformes militares, fez um casaco para mamãe substituir o velho cobertor do exército e um gorro de lã para minha cabeça infestada de piolhos.

Do inverno até a primavera, essa família nos salvou de morrer de fome. Eles próprios tinham bem pouco, mas como eram ricos em espírito!

Na primavera de 1945, os bombardeios dos Aliados aumentaram tanto em frequência e intensidade que não se limitavam mais ao período da noite, ocorriam de dia também. Os adultos não conseguiam mais ir trabalhar nas fábricas sob fogo tão pesado. Por isso, todos nós passávamos o dia sentados em buracos e trincheiras dentro do campo. Não tínhamos um abrigo antibombas como no antigo campo de prisioneiros. Por isso, quando mudamos para o novo, os homens e as mulheres receberam picaretas e pás para cavar buracos nos quais poderíamos ficar escondidos durante os bombardeios.

Quando nos assentávamos nessas trincheiras, víamos aviões prateados

brilhando no céu azul ao refletirem a luz do sol. Alguns explodiam e caíam em um raio inflamado de fumaça. Como nos sentíamos mal por saber que homens bons estavam morrendo no esforço de nos salvar. Passávamos tantas horas sentados naquelas valas que os homens jogavam cartas e contavam piadas de mau gosto para passar o tempo e aliviar a tensão, enquanto as mulheres e crianças se abraçavam com medo.

Lembro-me vividamente de nossa última noite como prisioneiros naquele campo. Continuávamos vagando dentro e em volta do campo, procurando locais de esconderijo da chuva incessante de bombas e balas. Nessa hora, os guardas haviam sumido para tentar salvar a própria vida.

Um grupo dos nossos havia encontrado um abrigo fora do campo para nos esconder, com uma grande tampa cobrindo a entrada. Estávamos todos deitados de rosto para baixo, empilhados uns em cima dos outros, como panquecas. Eu estava em cima de um homem que não parava de comentar:

– Que doce para os ouvidos o assovio das balas voando sobre nossa cabeça!

Enquanto isso, mamãe, deitada em cima de mim, gritava para o homem, mas, na verdade, no meu ouvido:

– Seu covarde! O que você está fazendo aqui embaixo com as mulheres e crianças? Saia e vá lutar como um homem!

A situação seria cômica, se não fosse tão grave.

Finalmente a noite começou a se acalmar. A cobertura de nosso esconderijo se abriu e um prisioneiro de guerra francês nos disse em alemão macarrônico:

– Fiquem um pouco mais. Os alemães estão perdendo a guerra, e os norte-americanos estão vindo.

Depois de um tempo, o silêncio foi total. Quando amanheceu, ouvimos pássaros cantando e finalmente abrimos a cobertura do abrigo. A luz do sol incomodou nossos olhos enquanto saíamos do esconderijo, por termos ficado tanto tempo na escuridão. Quando nossos olhos se adaptaram à luz,

vimos os norte-americanos a distância na colina, vindo em nossa direção, com tanques e caminhões decorados com a estrela branca.

Queríamos correr até eles, mas não podíamos, porque o campo que nos separava estava repleto de corpos e veículos militares em chamas. Minhas emoções estavam tão entorpecidas que eu só conseguia pensar no incômodo que eram aqueles corpos, impedindo o progresso para chegarmos até nossos libertadores.

Entretanto, logo uma alegria e felicidade indescritíveis encheram meu coração. Estávamos livres! Não éramos mais prisioneiros! Imagino que é exatamente isso que sentiremos quando Jesus voltar à Terra e nos levar para o lar celestial. Ríamos e chorávamos ao mesmo tempo, ao nos dar conta de que também estávamos livres do medo e da fome. Não haveria mais fugas, esconderijos ou perseguições.

Nós nunca havíamos visto soldados sorridentes antes. Como eram amistosos aqueles norte-americanos! Eu conseguia ver compaixão e pena nos olhos deles, enquanto olhavam para nossos corpos esqueléticos, subnutridos e sujos, vestidos em roupas imundas e maltrapilhas.

Eles fizeram fogueiras, nas quais penduraram caçarolas e cozinham mingau de aveia para nós. Que choque! Em nossa cultura, aveia é comida de cavalo, não de gente! Porém, o gosto estava muito bom! Até hoje, meu marido e eu comemos mingau de aveia quase todas as manhãs e nunca nos cansamos.

Depois de comer até encher a barriga, voltamos para o campo de trabalhos forçados, o único “lar” que conhecíamos, a fim de descobrir quem havia sobrevivido. Enquanto mamãe e eu andávamos de mãos dadas, chegamos ao alto de uma colina em frente ao campo. De repente, ela balançou minha mão para chamar minha atenção e olhou nos meus olhos.

– Alla – disse ela, engasgada em lágrimas –, a guerra terminou!

E eu pensava comigo mesma: “Dormir, eu preciso dormir! Nada mais de esconderijo, nada mais de sentir fome.” Eu necessitava demais de descanso.

– Mas seu pai morreu – ela continuou e pude ver a angústia em seus

olhos.

De repente, fiquei brava com papai e meu coração se contorceu de dor. Por que ele precisava ter morrido? Por que não aguentou só um pouco mais? Se tivesse resistido, nós três estaríamos juntos novamente. Esses pensamentos se aceleravam dentro de minha mente, como se as circunstâncias estivessem sob controle dele. Então a raiva se transformou em pena de papai, mamãe e de mim. E me consolei com o pensamento de que voltaríamos para a Ucrânia, para nossa vila, pois com certeza ainda teríamos alguém da família por lá.

Porém, nada disso aconteceria. Deus tinha outros planos para nosso futuro.

Capítulo 19

A distância, vimos que nossas casernas continuavam intactas e os soldados norte-americanos estavam ocupados derrubando a cerca com seus tanques. Gosto de pensar que eles tomaram o cuidado de não bombardear esses edifícios, cientes de que estavam cheios de prisioneiros inocentes.

Enquanto nos aproximávamos, vi Raya vindo em nossa direção, e meu coração saltou de alegria. Raya estava viva! Eu queria correr e abraçá-la, mas ela caminhava com tanta presunção que magoou meus sentimentos.

– Ei, Alla! – ela chamou cheia de orgulho. – Quer saber o que acabamos de fazer?

– O quê? – perguntei.

– Acabamos de matar o Nero! – ela respondeu furtivamente.

– Como vocês fizeram isso? – indaguei sem fôlego.

– Lembra aquelas picaretas que ele nos deu para cavar buracos e valas? Usamos para golpeá-lo até a morte.

Nós duas éramos meninas dessensibilizadas e endurecidas, aos nove anos de idade. Raya narrou a história se sentindo muito importante, o que me fez ficar brava com mamãe por não ter andado mais rápido. Nesse caso, eu também poderia falar que tinha matado Nero e me sentir tão importante quanto Raya. Hoje eu sei que Deus me poupou de estar ali. Eu já havia presenciado violência demais para minha tão pouca idade.

– Depois disso, nós o jogamos no rio – ela continuou. – Você deveria tê-lo visto lá só com as botas para fora da água!

Ela segurou a barriga com as duas mãos e se agachou, rindo histericamente. Ainda sem fôlego de tanta alegria, explicou que a filha de Nero viera depois para tirar o corpo do pai dali.

Durante várias semanas, ainda ouvi pessoas se gabando:

– Cara, nós demos mesmo um jeito naquele cachorro do Nero!

E eu ficava pensando: “Ele era um só. Foram necessárias quantas pessoas para matá-lo?” Muitos anos depois eu descobriria.

Porém, ainda precisávamos “dar um jeito” na tradutora que havia aumentado tanto nossa infelicidade. Algumas semanas depois, ela foi encontrada e levada de volta ao campo de prisioneiros para enfrentar um dia de prestação de contas. Como havia mudado! Perdera peso, parecia mais velha e assustada. Não era mais tão confiante e imponente como pouco tempo antes.

Lembro-me de que um dos soldados norte-americanos subiu em um Jeep aberto e se assentou ao lado dela. Nós, os ex-prisioneiros, havíamos nos transformado em uma turba. Formamos duas filas, uma de cada lado do Jeep, deixando apenas espaço suficiente para o veículo se apertar entre nós. Munimo-nos de pedras; com vergonha, admito que eu estava entre a multidão com minhas amiguinhas. Até mesmo nós, as crianças, havíamos desenvolvido um espírito de ódio e vingança.

Contudo, aconteceu algo que nos enfureceu e envergonhou ao mesmo tempo. Depois de dirigir poucos metros, o motorista parou, tirou seu capacete de aço e o colocou na cabeça da passageira. Ela parecia cômica e digna de pena ao mesmo tempo. Enquanto os dois continuavam a se afastar lentamente, eu conseguia ver o rosto dela com clareza, mas o capacete era grande demais para sua cabeça e cobria seus olhos. Ele continuava balançando para cima e para baixo, parecendo um cogumelo gigante. Nenhum músculo se movimentava em seu rosto absolutamente assustado. Nós, porém, entendemos o gesto do soldado. Era como se o próprio Deus estivesse dizendo: “Já chega, gente! A guerra acabou; vocês se vingaram quando mataram Nero. Agora deixem esta pobre mulher em paz.”

O gesto simples tocou a todos nós e mostrou que, enquanto o soldado era um cavalheiro e possivelmente cristão, nós estávamos nos comportando como um bando de hienas. Ele tentou protegê-la porque era uma mulher indefesa. Não queríamos machucá-lo, pois era nosso libertador; por isso, soltamos as pedras assim como os fariseus no átrio do templo muito tempo

atrás.

Havia outra pessoa que queríamos encontrar, não para punir, mas para recompensar. Com nossa ajuda, os norte-americanos conseguiram encontrar o guarda querido que nunca nos maltratou. Ele também estava magro e maltrapilho. Conseguimos perceber que estava com medo. Não sabia o destino que o aguardava, então ficou surpreso quando nossos homens o colocaram sobre os ombros e começaram a andar pelo campo, vibrando e rindo. Depois que o colocaram no chão, nós lhe demos bastante comida, e os norte-americanos, depois de verem como o tratamos, o mandaram embora em liberdade.

Continuamos a morar no campo por mais alguns meses, aguardando, enquanto os Aliados se reuniam e dividiam a Alemanha em quatro setores: norte-americanos, britânicos, franceses e russos. Enquanto isso, refugiados que nunca havíamos visto antes começaram a chegar a nosso campo.

Certo dia, enquanto mamãe e eu caminhávamos sem rumo pelo terreno do campo, vimos um homem a distância, andando em nossa direção. Estava esquelético e vestido em farrapos; seus ombros estavam caídos e a cabeça se encontrava rapada. Quando nos aproximamos, percebi que sua cabeça estava cheia de cicatrizes e sulcos profundos de espancamentos. Conseguíamos ver que ele era jovem, mas, ao mesmo tempo, muito amadurecido. De repente, parou e um sorriso quase grotesco apareceu em seu rosto. Mamãe perdeu o fôlego. Era Boris, marido de Tina.

– Dusia – começou Boris –, onde está Tina? Você tem alguma notícia dela e de nossa filha?

Mamãe, com tremor na voz, descreveu em detalhes o que havia ocorrido naquela fatídica noite em que a bomba atingiu nosso quarto de canto.

Ele não chorou. Suas lágrimas haviam esgotado. Porém, a dor que sentia no coração estava escrita em seu rosto.

Agora era a vez de mamãe perguntar sobre meu pai. Ela contou sobre a certidão de óbito que recebera de Buchenwald, declarando que ele havia morrido de inflamação nos linfonodos. Ele olhou para mamãe com um

sorriso de pena:

– Não, não acredite naqueles assassinos. Eu estava lá com ele. Eu vi tudo. Trabalhávamos em uma pedreira e precisávamos carregar fardos pesados de rocha. Contudo, seu Nikolai era muito fraco e não parava de tropeçar e cair, fazendo o carrinho de mão virar e derramando todas as pedras. O guarda ficou com raiva, chamou um dos cães e o fez morder a garganta de Nikolai. Ele sangrou até morrer.

Como minha mãe chorou! Meu coração doeu por ela. Sei que só Deus foi capaz de ter lhe dado forças a fim de prosseguir na vida como ela o fez, desfrutando-a e levando ânimo aos outros.

– Além disso – continuou Boris –, seu Nikolai era um bobo. Se tivesse pegado o pão dos mais fracos, teria sobrevivido. Mas não, não tinha coragem.

Quando nos despedimos deles, mamãe sussurrou para mim:

– Parece que foi assim que Boris sobreviveu: pegando pão dos outros.

Foi o único daquele grupo que voltou. Nunca mais o vimos.

Os tanques dos Estados Unidos continuaram a rodear o campo, derrubando a cerca de arame farpado. Os soldados norte-americanos se misturavam conosco e nos davam muita coisa para comer. Não havia mais fome nem medo, e o futuro parecia brilhante.

Entretanto, mesmo com todas essas coisas boas, incidentes ruins continuavam a acontecer. Praticamente não havia lei, nem ordem e, em nossa empolgação, nós, ex-prisoneiros, queríamos vingança. Como os norte-americanos queriam nos apaziguar, permitiram que passássemos três dias saqueando as vilas vizinhas e civis alemães. Observei que a ambição e a ganância humana não têm limites. Nosso povo pegou relógios, bicicletas, instrumentos musicais, ferramentas, porcelanas, roupas de cama e, é claro, todas as bebidas alcoólicas que conseguiram, causando embriaguez e aumentando ainda mais a violência entre nós. Bêbado, certo jovem atirou e

matou um amigo sem qualquer motivo. Não houve castigo, mas o jovem chorou amargamente enquanto enterramos o amigo. Que desperdício de uma vida preciosa! Como se a devastação e o caos já não fossem suficientes, sei que tomamos de muitos dos mesmos alemães que haviam repartido sua comida e arriscado a própria vida para nos ajudar enquanto estávamos presos.

Lembro-me de estar de pé perto da estrada que passava por nosso campo enquanto três de nossos homens estavam ali no meio, rindo e conversando. De braços cruzados, pude ver três ou quatro relógios nos punhos de cada um. Lá estavam, parecendo bem satisfeitos consigo mesmos por terem roubado os alemães.

Naquele momento, uma moça alemã passou de bicicleta. Ela devia ter cerca de 17 anos e era muito bonita. Suas tranças castanhas balançavam ao sabor do vento, e suas bochechas eram bem coradas. Vestia uma roupa alemã típica: uma blusa branca com mangas bufantes curtas, uma salopete com estampa floral e um pequeno avental branco usado mais pela aparência do que para fins práticos. Os alemães chamavam aquela roupa de *Dirndl*. Quando nossos homens a viram se aproximar, bloquearam seu caminho e mandaram que descesse da bicicleta. Vi o medo e o pavor escritos em seu rosto. Seus olhos se encheram de lágrimas, e os lábios tremeram. Obediente, ela desceu da bicicleta e a entregou. Fiquei triste por aquela garota, mas então pensei: “Ela tem sorte por deixarem-na ir embora.” Havia arbustos nas laterais da estrada para onde poderiam tê-la levado. Nunca me esqueci dessa cena feia.

Certamente a aparência dos ex-prisioneiros havia se transformado. Agora nossas mulheres usavam belos vestidos, brincos, colares, pulseiras e anéis de ouro. Ainda assim, apesar de toda a injustiça, um pequeno grupo de cristãos alemães se aproximaram para fazer amizade conosco. Lembro-me de duas mulheres que me levaram até a casa delas e costuraram um vestido para mim em questão de horas.

Mamãe e eu não nos esquecemos da família alemã que nos ajudara durante o inverno. Continuamos a visitá-los, mas agora para lhes dar

alimentos. Eram eles que sofriam agora, enquanto tínhamos muito para compartilhar. Como mamãe era uma pessoa corajosa e prática, convidou os cinco para ir até o campo e os levou diretamente para o lugar de distribuição de alimentos.

– Oficial – disse mamãe ao norte-americano responsável –, essas pessoas nos alimentaram quando estávamos passando fome. Por favor, dê-lhes um pouco de comida.

O homem foi bondoso e disse:

– Ok, sem problemas. Levem tudo que conseguirem carregar.

Até Max, o homem que costumava me levar pudim rosa apareceu. Mamãe e eu fomos até seu apartamento fazer uma visita amistosa. Achei muito empolgante pegar um bonde até a cidade de Leipzig. Mais tarde, descobriríamos como esse passeio foi providencial.

Certo dia, apareceu um casal em nosso campo. Ao examinar de perto, reconheci a mãe do pequeno Nicky e seu namorado jovem e bonito. Ele não parecia um cara ruim, mas as aparências podem enganar. Ela me reconheceu e sorriu, mas eu percebi que era um sorriso forçado. Na cabeça, ela usava um típico lenço russo: amarelo vivo com rosas vermelhas e folhas verdes, e lã de cor dourada tecida em volta. Em minha cultura, um lenço como esse é um presente muito especial e imaginei que provavelmente lhe fora dado pelo namorado. Porém, não podia entender como aquela mulher conseguia viver com sua consciência.

Enquanto isso, tio Vanya, o homem que morava no quarto em frente ao nosso na caserna, estava competindo com outros dois pretendentes pela atenção de mamãe. Ele me deu uma bonita boneca, sem dúvida tirada de alguma menina alemã, no esforço de conquistar minha afeição e a de mamãe também. Ele tinha ciúmes de um francês que se interessara por minha mãe e que me dava pães de mel enviados por sua família. Lembro-me de pensar que o francês só tinha olhos para mim quando sorriu e me presenteou com o pacote embalado, enquanto havia todo um grupo

assentado sobre um cobertor fazendo um piquenique. No entanto, quando ele se uniu a nós e se acomodou perto de mamãe, entendi de imediato que eu era apenas um meio para que ele chegasse até ela. Contudo, não me importava, contanto que fosse beneficiada.

Havia também um soldado norte-americano interessado em mamãe, com intenções mais sérias. Johnny, de Nova Jersey, implorava para que mamãe esperasse por ele enquanto voltava para seu país a fim de mandar dinheiro para que nós duas fôssemos para os Estados Unidos. Ele prometeu se casar com mamãe e me dar uma boa educação. Era dele que eu mais gostava. Tinha um espírito bondoso, era muito brincalhão, reflexivo e generoso. Deu dólares para mamãe e me lembrava muito de meu pai. Recordo que ele costumava nos trazer o capacete cheio de ovos frescos da fazenda. Como não tínhamos jeito de cozinhá-los, Raya, seus irmãos e eu furávamos a extremidade de cada um dos ovos com um prego e chupávamos o conteúdo. As claras eram meio aguadas, mas as gemas eram lisinhas e cremosas. Nós gostávamos.

Mamãe suspeitava que Johnny fosse mais novo do que ela e, por isso, não estava interessada. Mais tarde, ela me explicou que estava procurando um homem, não um menino.

Capítulo 20

Finalmente chegou o momento em que a divisão da Alemanha terminou. Nós e nosso antigo campo passamos a fazer parte do setor designado para a Rússia. Por isso, à medida que os norte-americanos começaram a lenta retirada, os soviéticos se mudaram para nosso campo.

No entanto, alguns franceses continuavam por perto e frequentavam nosso campo porque gostavam de nossas moças. Elas os achavam charmosos, e isso despertava ciúmes nos jovens ucranianos. Tanto que eles começaram a se comportar mal, puxando o cabelo das meninas ou fazendo-as tropeçar quando passavam. As moças inocentes reclamaram com as autoridades soviéticas – um grande erro!

– Traidoras! – eles gritavam com as meninas. – Por que vocês não ficam com seu próprio povo? Não se misturem aos estrangeiros!

Encorajados, nossos rapazes perseguiram as moças, pegaram algumas delas e raparam-lhes os cabelos.

O álcool continuava a correr solto por nosso campo. Embriaguez, brigas e tiros se tornaram comuns. Certo dia, a confusão foi tamanha que um soldado soviético gritou:

– Seus traidores! Esperem até chegarem em casa. A “mamãe galinha” vai descobrir quem são seus pintinhos. *Batushka* [papai] Stalin vai cuidar de vocês!

Sabíamos que estávamos sendo ameaçados por termos vindo parar na Alemanha. Tudo que queríamos era voltar para nossa terra natal, mas agora começamos a ter medo e a pensar duas vezes.

Durante esse período de transição, enquanto os norte-americanos continuavam a se retirar da região e as autoridades soviéticas assumiam as rédeas, esperamos pacientemente enquanto os soviéticos elaboravam um plano para nos colocar em trens e nos mandar de volta para casa.

Mais tarde, ouvi rumores de que muitos sobreviventes do setor russo demoraram até dez anos para retornar à terra natal. Foram interrogados e presos por sua “cooperação” com os alemães durante a guerra. É bem provável que esse teria sido meu destino e o de mamãe, mas Deus, em sua misericórdia infinita, tinha outros planos para nós. Nossa vida mudou em um único momento crucial.

O novo homem que passou oficialmente a fazer parte da vida de mamãe, a quem eu chamava de tio Vanya, juntou vários relógios e diversas câmeras durante a época de saques aos alemães locais. Ele também pegara um rádio muito valioso, que deveria pertencer a um militar do “alto escalão”. Era muito potente e conseguia sintonizar notícias da BBC e de outras nações. Ele era um homem versado e inteligente; por isso, entendia o valor e a utilidade do aparelho em termos de comunicação com o mundo e de notícias políticas exteriores a nossa esfera.

Certo dia, dois oficiais soviéticos vieram até nossa caserna pilotando motocicletas, enquanto tio Vanya, mamãe e eu estávamos do lado de fora conversando – uma família, segundo as aparências.

Um dos oficiais desceu da moto, caminhou na direção do tio Vanya, apontou o dedo para ele e disse em tom autoritário:

– Ei, você tem um rádio. Entregue-o para mim agora!

Vi tio Vanya empalidecer. Ele cometera o erro de se gabar de seu bem e não havia segredos no campo.

– Espere, vou embalar para você – disse tio Vanya. Após alguns minutos, ele trouxe um pacote bem pesado embrulhado em pano de saco.

– Coloque no baú – ordenou o oficial. Tio Vanya obedeceu.

Assim que os oficiais foram embora, com a nuvem de poeira das motos ainda enchendo o ar, tio Vanya, pálido e com as mãos trêmulas, se virou para mamãe e disse:

– Dusia, vamos correr! Embrulhei vários tijolos naquele pano de saco. O rádio continua em meu quarto. Quando eles descobrirem, vão voltar e atirar

em nós três!

Então foi mamãe que ficou assustada. Ela imediatamente se virou para mim e, sem alarde, me deu instruções com todo cuidado:

– Alla, saia devagar do campo, vá até a parada do bonde, aquela aonde fomos quando visitamos Max, e espere por mim.

Meu coração batia depressa, mas fiz conforme fui instruída. Sabíamos que éramos vigiados pelos *soviets* o tempo inteiro em nosso campo e não queríamos ser vistos saindo juntos. A parada do bonde era uma longa caminhada para uma menina sozinha e assustada de nove anos. Enquanto esperava, muitos passageiros passaram na minha frente, alguns carregando peso sobre os ombros, mas todos tentando conseguir uma corrida. Era fácil identificar os soldados norteamericanos em meio à multidão, barbeados, sorridentes e vestindo seus uniformes elegantes. Todos os outros estavam mal vestidos e com expressões de preocupação no rosto. Porém, ninguém prestou atenção em mim, o que me deixou contente. Enquanto esperava, muitos pensamentos perturbadores passaram por minha mente. “Será que mamãe virá? E se os homens maus descobrirem os tijolos e voltarem antes que ela saia? E se eles prenderam tio Vanya e ela?” Meu pai estava morto e *babushka* Natasha, muito longe. “O que irá acontecer comigo?” Então vi mamãe se aproximando! Como fiquei aliviada quando ela finalmente chegou.

Pouco depois, o tio Vanya apareceu, com os relógios nos braços, as câmeras penduradas no pescoço e aquele tal rádio que ainda poderia custar nossa vida. Ele guardaria o rádio até quase o dia de sua morte.

Entramos no bonde seguinte e fomos até o apartamento de Max, em busca de abrigo. Max foi bondoso e nos deixou passar a noite. Na manhã seguinte, encontramos um trem de carvão se dirigindo para o sul, no setor norte-americano da Bavária. Como já havíamos experimentado a bondade dos norte-americanos, pensamos que encontraríamos segurança com eles. Só tínhamos alguns dólares e precisávamos economizá-los para comprar comida; por isso, escalamos e sentamos em cima de uma pilha de carvão. Encontramos outros refugiados como nós por ali.

Quando o trem parou em uma estação, reconhecemos muitos escravos viajando para o norte, tentando voltar para seus países de origem. Em uma dessas paradas, vimos essas pessoas que retornavam pegarem um acordeom e começarem a cantar e dançar. Mais tarde, contaram-nos que a maioria delas acabou em prisões na Sibéria.

Um dos homens escravos viu uma mulher ao meu lado no vagão de carvão e gritou:

– Tia, você fala russo?

Ela não respondeu e fingiu não entender. Então ele se virou para mim:

– Ei, garotinha, você fala russo?

Com o coração disparado, eu também fingi não entender. Se tivesse respondido, eles teriam nos arrancado do trem e nos acusado de ser traidores por não estarmos indo para o norte com eles, o que nos levaria de volta para casa. Eles veriam que estávamos nos dirigindo para o sul, o setor norte-americano, uma prova de que fugíamos de nossa terra natal. Mais uma que foi por pouco! Não tenho dúvida de que anjos estavam cuidando de nós.

Sem mais dificuldades, finalmente conseguimos chegar à cidade de Augsburg. Depois que mamãe, tio Vanya e eu descemos do trem de carga, precisávamos encontrar um local para passar a noite. Nenhum parente ou amigo chegou para nos receber. Estávamos por nossa conta. A cidade fora bombardeada como muitas outras; por isso, decidimos encontrar um lugar entre as ruínas abandonadas, o que não foi difícil. Achamos uma casa de pedra de três andares no fim de um quarteirão localizado perto do centro da cidade. Ela fora parcialmente destruída e estava toda vazia, com exceção dos ratos. Escolhemos um quarto de canto no primeiro piso com janelas explodidas, mas pelo menos tínhamos um teto sobre a cabeça. Dormimos meio deitados e meio sentados no chão de cimento, cheio de pedras e destroços. Quando a noite chegou e o sono começou a tomar conta de nós, podíamos sentir os ratos escalando nossas pernas.

Tio Vanya e mamãe não perderam tempo. Na manhã seguinte, foram

procurar comida para comprar e também os lugares onde os outros refugiados ficavam. Demorou alguns dias até que encontrassem uma escola abandonada onde centenas de pessoas como nós estavam morando. Quando saíam pelas manhãs, deixavam-me sozinha, com a orientação de não deixar ninguém me ver e nem sair de nosso esconderijo. Contudo, o sol brilhava lá fora, e eu fiquei entediada de ficar sentada naquele quarto cheio de destroços sem nada para fazer. A única coisa que eu precisava fazer era sair pela janela e sentir a luz do sol – e foi o que eu fiz. Foi então que garotos alemães me viram, para a alegria deles. Eles se armaram com pedras, e eu me tornei o alvo. Eram mais ou menos três, no início da adolescência. Sabiam que eu era refugiada e resolveram me dar um bom susto. Pulei de volta para dentro e me encolhi em um canto enquanto as pedras voavam pela janela aberta e acertavam a parede. Eu os ouvi rindo e conversando em alemão. Nessa mesma hora, tio Vanya e mamãe voltaram e meus oponentes fugiram. Mamãe me encontrou sentada em um canto, com medo e abalada. Ela não brigou comigo por ter desobedecido. Em vez disso, sorriu e disse que estávamos indo embora naquele momento.

Fomos para a escola abandonada, onde nos deram um espaço no chão, cobertores, travesseiros e comida. Pendurávamos cobertores do exército em pregos para que homens e mulheres pudessem se vestir com privacidade. Finalmente estávamos com pessoas como nós – refugiados eslavos e ex-prisioneiros de guerra –, que queriam ficar com os norte-americanos.

Como havia cada vez mais refugiados lotando a cidade, as autoridades norte-americanas nos colocaram em um local maior, um ex-campo militar alemão chamado Somme Kaserne. Éramos cerca de 5 mil, e o local ficou superlotado. Acabamos dormindo em um sótão que fora dividido em pequenos quartos. Dormíamos em beliches e compartilhávamos nosso quarto minúsculo com outro casal não casado. Até os estábulos dos cavalos foram divididos em quartos e usados como moradia. Porém, estávamos felizes com a segurança que descobrimos.

A cozinha principal servia refeições, e nós ficávamos na fila com nossas vasilhas de lata. Ali, passávamos o tempo conhecendo uns aos outros e compartilhando nossas experiências de guerra e histórias de vida. Havia

muitos profissionais entre nós, como professores, artistas, escritores, engenheiros, médicos, acadêmicos, sacerdotes, costureiras, sapateiros e alfaiates.

Os adultos reconheciam que nossa educação fora prejudicada por causa da guerra. Por isso, organizaram uma espécie de escola, e as crianças passaram a ter aulas seis vezes por semana. Para minha alegria, também organizamos igrejas, uma para os gregos ortodoxos e outra para os católicos. Eu tinha 10 anos e comecei a primeira série. Contudo, graças ao tio Vanya, que já vinha me ensinando, eu já estava avançada o bastante para pular para a segunda série, o que me deixou feliz.

Entretanto, nossa paz e alegria duraram pouco. Começaram a circular rumores de que Stalin afirmava que éramos seus cidadãos e estava exigindo que o presidente Truman nos mandasse de volta para países de controle soviético. Essa ação incluía russos, ucranianos, poloneses e bielorrussos, bem como os cidadãos dos países bálticos, como a Estônia, Letônia, Lituânia e assim por diante. O general Eisenhower, pressionado pelo presidente Truman, deu ordens aos norte-americanos que ajudassem os soviéticos com a deportação.

Fizemos uma declaração de rebeldia e luto colocando bandeiras pretas no alto dos prédios de nosso campo. Comitês representando os diferentes grupos étnicos que ali existiam começaram a se organizar e a se juntar uns aos outros no esforço unificado de apelar às autoridades norte-americanas para conseguir ajuda nessa questão. Os católicos, os mais organizados, eram uma grande força em nosso campo e lideraram a campanha. Até ameaçamos organizar uma greve de fome.

Em questão de dias, os norte-americanos nos reuniram no auditório principal para ouvirmos o discurso de um oficial soviético. O homem pareceu muito amigável, prometendo uma viagem segura para casa, o reencontro com os familiares e uma vida boa, já que a guerra havia acabado. Porém, nós tínhamos consciência da realidade e não acreditamos em uma palavra do que ele disse. Já havíamos vivenciado o regime comunista no passado. Começamos a vaiar e a xingar o homem, enquanto

ele deixava o palco e se dirigia para o carro que o aguardava. Vi mulheres adultas mostrando a língua para ele. Para mim, elas pareciam infantis e bobas.

Quando saímos do auditório, ficamos chocados ao descobrir que estávamos cercados tanto por soldados soviéticos quanto por militares norte-americanos, esperando para nos levar à força em veículos militares dos Estados Unidos. Porém, já havíamos visto sangue, sofrimento e dor demais; por isso, nossos adultos resolveram que, se fosse para ser colocados em campos de trabalhos forçados de novo ou mandados para a Sibéria e provavelmente fuzilados, preferiríamos acabar com tudo ali mesmo.

Os prédios de Somme Kaserne eram altos, e muitas famílias subiram até a cobertura no quarto andar, ameaçando jogar primeiro as crianças e depois pular. Sem nos desejar nenhum mal, os norte-americanos entraram em pânico e mandaram os soviéticos embora. Tiraram os veículos e suplicaram que nos acalmássemos.

– Tem de haver uma saída – os norte-americanos nos disseram. – Vamos procurar as autoridades do outro lado da cidade onde nossa sede se localiza e discutir a situação. Nós protegeremos vocês.

Concordamos com a proposta deles.

Como sempre, nós nos voltamos para um poder superior em uma situação grave como essa. Tínhamos nossos líderes espirituais, os sacerdotes, e, no dia seguinte, eles nos organizaram – todos os 5 mil – em uma marcha pela cidade de Augsburg até a sede norte-americana.

A situação me lembrou de quando minha vila natal havia orado pedindo chuva. Naquela ocasião, carregamos estandartes bordados de seda e ouro retratando Jesus e a virgem Maria. Contudo, dessa vez, os clérigos estavam vestidos de preto, em sinal de luto. O coral cantava hinos de lamento, e o restante os seguia: primeiro as crianças, depois os idosos e, por último, os pais. O trânsito parava enquanto nos dirigíamos ao local de encontro.

Lembro-me vividamente do mar de pessoas na sede norte-americana. Em uma mesa no meio da multidão se encontrava um oficial de alta patente

vestido com uniforme militar, mas sem gravata. Ele parecia meio informal e estava – vocês não vão acreditar – mascando chiclete! Ficamos chocados ao ver que um homem daquela posição mascava chicletes. Para nós, ele parecia indigno de estar ali. Havia duas mulheres mais velhas na minha frente. Uma disse para a outra:

– Veja só ele! Parece uma vaca ruminando a comida. E nossa vida está em suas mãos?

O homem assentado perguntou ao intérprete:

– O que essas pessoas querem?

– Elas não querem voltar para seus países – respondeu ele.

– Tudo bem. Elas podem ficar aqui. É uma democracia.

Esquecemos na hora que ele estava mascando chiclete! Estávamos prontos para beijar não só suas mãos, mas também seus pés. Naquele momento, aprendemos o significado maravilhoso da democracia. Até então, sempre nos diziam o que fazer ou éramos forçados a fazer o que não queríamos, mas agora tínhamos liberdade de escolha. Voltamos para o campo correndo, rindo, nos abraçando e chorando de alegria.

Fomos aconselhados, porém, a não deixar o campo tarde da noite nem nos aventurar sozinhos pelas ruas. Os soviéticos estavam sequestrando nosso povo, em especial os homens. Os norte-americanos não podiam garantir nossa segurança fora dos limites do campo.

Mais tarde, descobrimos que outros campos como o nosso não tiveram uma experiência tão feliz. Em uma época na qual a vida se tornou mais tranquila e segura, nós, os refugiados de todos os campos da região, passamos a visitar uns aos outros, na tentativa de encontrar entes queridos ou de conseguir informações quanto a seu paradeiro. Foi durante essas visitas que ficamos sabendo dos horrores de como os soviéticos pegavam nosso povo à força nos campos de refugiados. Por algum motivo, o nosso ficou intacto, mas, em outros campos, os soldados entravam nos quartos, pegavam os homens e os arrastavam até veículos vazios para serem levados de volta para casa. Muitos que não eram apanhados tão depressa corriam até

as janelas e pulavam para a morte certa. Outros cortavam os pulsos ou se esfaqueavam na barriga. Os mais sortudos corriam para se esconder nas florestas.

Os norte-americanos, que tinham a ingrata tarefa de pegar os corpos após tais acontecimentos, achavam a situação revoltante. A guerra havia oficialmente acabado, tratados foram assinados, mas, ainda assim, o sofrimento humano continuava. A fim de impedir que esse tipo de tragédia continuasse, acredito que os norte-americanos devem ter insistido para que os soviéticos se aproximassem de nosso campo de maneira um pouco menos agressiva quando chegou nossa vez de sermos levados embora.

Capítulo 21

Cerca de 8 milhões de pessoas estavam fora de sua terra natal no fim da Segunda Guerra Mundial. A maioria delas fora retirada pelos nazistas para campos de trabalho escravo. Porém, o centro administrativo de socorro e reabilitação das Nações Unidas entrou em ação e, até dezembro de 1945, um grande número fora repatriado. No verão de 1947, restava menos de um milhão, a maioria europeus orientais que não queriam voltar para áreas sob controle soviético.

Uma vez que o campo estava menos lotado, conseguimos nos organizar melhor. Foi fundado um clube tipo escoteiros para os jovens, surgiram corais, teatro e drama e grupos de dança folclórica. As mulheres organizaram oficinas de artes manuais e ensinavam a bordar, habilidade que nenhuma menina ucraniana podia deixar de aprender. Um bondoso sacerdote grego ortodoxo nos ensinava religião. Nós, as crianças, o amávamos muito. Ele e a esposa haviam sofrido perseguição por sua fé no passado, mas permaneceram fiéis como muitos de nossos clérigos. Os católicos também instruíam seus jovens.

Quanto a mim, finalmente consegui encontrar respostas para muitas de minhas perguntas sobre Deus. Achei um pouco decepcionante descobrir que Ele não morava exclusivamente na igreja de minha vila – eu queria guardá-lo só para nós! Contudo, fiquei maravilhada ao reconhecer como Deus é grande e poderoso e como cuida do mundo inteiro. Também acreditava que Ele ouvia e respondia às orações.

Mamãe e tio Vanya continuavam vivendo juntos, como muitos outros casais. Naquelas circunstâncias, não era algo incomum. Muitas famílias romperam por causa da separação ou da morte durante a guerra. Com o tempo, a maioria se casaria legalmente, adotaria os filhos uns dos outros e teria os próprios.

Tio Vanya queria se casar com mamãe, mas ela estava hesitante. Ele sofria oscilações de humor e batia ou dava socos nela diante da mínima

provocação. Era briguento e tinha um ar de superioridade. Sempre gostava de lembrá-la de que ela era apenas uma filha de fazendeiro, enquanto ele era engenheiro, muito embora ela fosse inteligente e formada em Química.

Nesse meio-tempo, um homem que conhecíamos e morava no mesmo piso que nós apareceu para dar um “oi”. Ele nos contou:

– Visitei a cidade de Mittenwald, onde também há pessoas deslocadas e lá conheci um casal muito bacana, Alex e Lydia.

Mamãe se empolgou.

– Eles têm filhos? – ela perguntou.

– Sim – respondeu o homem. – Têm dois filhos, Volodya e Alex Júnior.

– São eles! – exclamou mamãe. Fazia muitos anos desde a última vez que vira sua querida amiga de escola.

Pouco depois, mamãe e tio Vanya pegaram um trem e foram para Mittenwald, deixando-me para trás. Enquanto estavam lá, mamãe se abriu com Lydia e contou que tio Vanya queria se casar, mas ela ainda não havia conseguido se decidir quanto ao que fazer. Mamãe estava só e precisava de um homem e de estabilidade na vida, mas não tinha a confiança de que tio Vanya seria a pessoa certa para suas necessidades.

– Sem problemas – disse Lydia. – Temos uma vidente aqui que convoca os espíritos. Talvez ela possa lhe dar algum conselho.

Era comum nosso povo fazer sessões para tentar prever o futuro. Mamãe e Lydia foram ver a mulher e se assentaram em volta de uma mesa redonda com pires e letras do alfabeto espalhadas ali por cima.

– Quem você deseja chamar para poder se comunicar? – perguntou a mulher.

– Chame meu pai, Gregory, e pergunte-lhe se devo me casar com Vanya – respondeu mamãe.

Logo em seguida, um pires começou a se movimentar de uma letra para a outra, soletrando uma resposta: “Minha filha, não perturbe minha paz.”

Mamãe ficou abalada e decidiu deixar o suposto espírito do pai em paz.

Então a mulher perguntou:

– E Rasputin?

Rasputin era o famoso monge que, segundo se conta, conseguira deter o sangramento do filho hemofílico do czar. A história revela que, na verdade, ele era um homem imoral que conseguiu influenciar tanto a esposa do czar a ponto de manipular decisões políticas e arruinar a família do czar e da Rússia. Por fim, a nobreza russa o jogou em um rio, e ele se afogou.

Mamãe concordou com a sugestão e fez a mesma pergunta: ela deveria se casar com Vanya? A resposta foi: “Se você se casar com ele, será a maior pecadora do mundo.”

Mamãe ficou ainda mais abalada e contou a tio Vanya sobre a visita à vidente e como tomara a decisão de não se casar com ele.

Vanya riu e disse:

– Pare de acreditar nessa baboseira e se case comigo assim mesmo. Prometo que as coisas vão mudar quando nos casarmos.

Ao longo de muitos e muitos anos, eu ouvia mamãe resmungar: “Eu deveria ter ouvido Rasputin!”

Apesar do relacionamento turbulento, mamãe se apaixonou e chegou o dia do casamento. Como me lembro bem desse dia! Eu tinha uns 12 anos, e mamãe preparou um delicioso jantar em nosso minúsculo quarto no sótão. Eles não tiveram uma cerimônia de casamento propriamente dita, apenas assinaram alguns papéis perante o juiz.

Eu me dei conta de que agora tinha um padrasto que nunca me adotaria, mas não conseguia entender por que minha mãe se casara com um homem violento. Também fiquei brava com ela porque eu ainda estava em luto pela perda de papai e sentia que ela não estava honrando a memória dele.

Durante o jantar de casamento, eu simplesmente permaneci em silêncio, em um protesto rebelde. Bem, minha atitude não combinou com meu novo padrasto. Ele não toleraria tamanha insolência de uma pirralha, e eu sentiria

sua ira ao longo de muitos anos. Mamãe acabou infeliz com a escolha que fez e se arrependeria muito mais tarde.

Algum tempo depois, nós três fomos para Mittenwald e tive a alegria de ver tia Lydia, tio Alex e Volodya novamente e, claro, conhecer Alex Júnior. Todos estavam felizes e animados, mas tio Alex lamentou a trágica morte de seu amigo, meu pai. Posteriormente, ele escreveu um belo poema em memória de papai. Ainda o guardo comigo e, toda vez que o leio, eu choro. Mais tarde, eles imigraram para a Bélgica, onde tio Alex trabalhou em minas de carvão, mas continuamos a manter contato.

Por fim, as duas famílias se estabeleceriam e se encontrariam nos Estados Unidos. A amizade perdurou até que a morte começou a nos separar. Primeiro morreu Volodya, de câncer, ainda jovem. Isso quebrou o coração de Alex e Lydia. Porém, encontraram consolo em Alex Júnior e sua família. Depois morreu tio Alex e, em seguida, mamãe. Quando liguei para tia Lydia a fim de contar a ela, nós duas choramos amargamente. Nossas famílias tinham tanto em comum e compartilhamos uma história tão longa – todo o sofrimento e as perseguições, mas também a alegria de nos tornar pais e avós! Menos de um ano depois, tia Lydia morreu. Somente Alex Júnior e eu continuamos neste belo país e ainda mantemos contato. Ele tem um casamento feliz e, assim como eu, dois filhos, uma filha e netos. Todos são cidadãos produtivos e de bem, cujas raízes começaram muito tempo atrás lá na Ucrânia com dois casais adolescentes, jovens e muito apaixonados.

Capítulo 22

Enquanto morávamos no Somme Kaserne, mamãe se manteve ocupada e muito produtiva. Ela limpava as casas das mulheres de oficiais norte-americanos e recebia em dólares, cigarros, barras de chocolate e sabão. Ela colocava esses objetos na mochila e pedalava até a vila mais próxima. Ali, trocava as mercadorias e voltava com frutas, verduras, pedaços de presunto, salsichas e queijo. Queríamos a comida, e as pessoas das fazendas desejavam o que mamãe tinha para oferecer. Ela vendia alguns dos produtos agrícolas para as pessoas de nosso campo e ganhava ainda mais dinheiro. Isso permitia que mamãe comprasse sapatos e vestidos para ela e para mim, além de dar dinheiro para tio Vanya comprar filme para suas muitas câmeras.

No entanto, depois de todos esses esforços, tio Vanya se sentiu ameaçado pelo sucesso do próspero negócio de mamãe e surgiu uma briga muito grande entre os dois por causa disso. Certa vez, mamãe abriu a janela e colocou sua mochila no telhado inclinado de nosso quarto para arejar. Tio Vanya, sabendo que a mochila estava lá, a deixou na chuva. Quando mamãe voltou, ele a puxou de volta pela janela, mostrou a mochila encharcada para ela e disse:

– Está vendo como você é burra?

E lhe deu um tapa no rosto.

Tio Vanya passava o tempo garantindo que o rádio e o sistema de alto-falantes do campo funcionassem direito e sempre andava com uma câmera pendurada no pescoço. Ele amava tirar fotos, até mesmo de mim.

Eu passava a maior parte do tempo brigando com os meninos, como de costume. Era magricela e alta para minha idade, com as bochechas secas, fazendo meu nariz parecer grande demais para o rosto. Além disso, eu tossia muito. Os meninos me chamavam de *Alka Palka* (Alla vareta). A rima inteligente não era um elogio. Depois de provocada, eu também lhes

chamava de nomes feios. Certo dia, alguns meninos decidiram que estavam cansados de mim e resolveram me dar uma boa surra. Porém, antes que conseguissem me pegar, corri até um salgueiro bem alto que ficava perto do meu prédio e subi. No meio do caminho, parei e cuspi nos meninos embaixo, que estavam me mostrando os punhos fechados. Então eles decidiram me seguir enquanto eu continuava a escalar.

Um homem do terceiro piso que conhecia meus pais me viu na árvore e gritou:

– Que vergonha! Você, já grande, brigando com os meninos! Não sabe se comportar não, é?

Nessa hora, os garotos já estavam se aproximando de mim, então agarrei vários galhos do salgueiro, escorreguei em segurança até o solo e corri até um lugar seguro.

Quando entrei em nosso quarto no sótão, sem fôlego, mamãe e tio Vanya começaram imediatamente a me condenar por meu comportamento, já tendo descoberto o que eu fizera pelas informações daquele homem. Nem me importei. Estava satisfeita demais comigo mesma por ter conseguido me esquivar dos garotos.

Com frequência, tio Vanya reclamava para mamãe na minha frente:

– Se não fosse por causa *dela*, nosso casamento seria feliz.

Eu me sentia culpada e tanto mamãe quanto eu tentávamos de tudo para agradá-lo. Até evitávamos provocar sua raiva ficando em silêncio quando ele comia os racionamentos de alimentos especiais destinados a mim, depois que eu fui testada e diagnosticada como uma das crianças mais frágeis e doentes.

Entretanto, Deus me enviou um amigo especial que me consolava. Um jovem soldado norte-americano, de 19, no máximo 20 anos, fez amizade comigo. Não era incomum os soldados dos Estados Unidos “adotarem” as crianças. Não me lembro qual era seu nome, mas me recordo muito bem de

como ele ficava lindo de uniforme. Ele se tornou o meu príncipe encantado. Ia até o prédio onde morávamos e, com a permissão de mamãe, me levava para uma caminhada no parque. Mamãe e eu confiávamos nele completamente. Ele era amigável, dava-me chiclete e um pacote de cigarros da marca Camel para o tio Vanya. Não conseguíamos nos falar – eu não sabia nada de inglês, e ele, nada de alemão. Porém, nos comunicávamos por meio de uma espécie de linguagem de sinais. Nós apontávamos para as coisas, concordávamos ou discordávamos com a cabeça e sorriamos.

Ele sempre andava de mãos dadas comigo pelo parque, um lugar bonito com muitas árvores e jardins floridos bem cuidados. Brincávamos de pique-pega e, quando ele me pegava, me girava pelo ar. É provável que tivesse uma irmã mais nova e sentisse saudades dela. Sei que deveria ser solitário, pois visitava mamãe com frequência, já que ela falava um pouco de inglês.

Contudo, como diz o ditado, tudo que é bom dura pouco. Certo dia, houve muita empolgação em nosso campo. Os norte-americanos fizeram uma grande festa com danças para seus soldados. Meus amigos e eu sabíamos o que isso significava: muitos e muitos tocos de cigarro para recolher. Nós observamos que os soldados norte-americanos davam apenas algumas tragadas nos cigarros e os jogavam no chão. Nós, as crianças, juntávamos os tocos e dávamos para os homens de nosso povo, que tinham vergonha de fazer isso eles mesmos. Eu sempre dava alguns de meus tocos para o tio Vanya, a fim de tentar manter a paz com ele. Recebíamos uns trocados como recompensa. Gastávamos esse dinheiro no circo e no parque de diversões, que às vezes ficava montado na periferia de Augsburg. Assim todos se beneficiavam.

Vimos instrumentos musicais serem levados para o gigantesco salão de danças, onde havia mesas cobertas com toalhas brancas e flores colocadas no centro. Por fim, vimos os soldados entrando acompanhados no salão. As moças estavam bem vestidas e os rapazes pareciam inteligentes em seus uniformes. Quando a orquestra tocou e todos começaram a dançar, tivemos a chance de entrar debaixo das mesas para pegar nossos “tesouros”.

Enquanto eu engatinhava de uma mesa até a outra, sem querer esbarrei no

sapato bem polido de um homem. Instantaneamente, a toalha da mesa foi levantada e, pasma, identifiquei o rosto familiar de meu amigo soldado. A princípio, nós dois ficamos chocados. Ao lado dele estava sua acompanhante, fumando um cigarro. Era uma moça muito bonita de cabelos ruivos que caíam sobre seus ombros. Preciso admitir que fiquei com ciúmes. Ela estava com um sorriso divertido no rosto quando me viu.

– Alla! – ele quase gritou – O que você está fazendo aqui? Vá para casa!

Então ele viu os tocos de cigarro apertados entre minhas mãos e sorriu. Deixei a toalha da mesa voltar para o lugar e engatinhei de volta até a saída, não sem antes catar mais alguns tocos.

Por mais surpreendente que parecesse, ele continuou a aparecer para me levar ao parque. Porém, não era mais a mesma coisa. Agora éramos três e, embora ele ainda andasse de mãos dadas comigo, *ela* se agarrava ao outro braço. Eu não gostava dela, a intrusa; e tenho certeza de que ela não gostava de mim, a vela!

Em uma tarde no fim do verão, eu estava brincando de pique- esconde com meus amigos e se aproximava a hora de dormir. Quando me apressei para chegar ao quarto, percebi uma expressão triste no rosto de mamãe.

– Alla – começou ela –, seu amigo veio se despedir.

Meu coração disparou.

– Por quê? – perguntei. – O que aconteceu?

– O esquadrão dele foi transferido, mas ele deixou um presente para você.

Ela me entregou um pequeno pacote que continha uma barra de sabonete Lux, um chocolate e um dólar. Era muito dinheiro para mim. Coloquei os tesouros debaixo de meu travesseiro e chorei até dormir. Eu sabia que nunca mais o veria, mas as doces memórias permanecem até hoje.

Capítulo 23

Muitas pessoas continuaram a imigrar para outros países, como Inglaterra, Bélgica, Brasil, Argentina, Austrália e Canadá. Quando nosso campo ficou grande demais para nós, fomos transferidos para um campo menor fora da cidade de Augsburg, em uma região mais rural e montanhosa. A vila mais próxima era Leipheim. Gostamos do novo local, mas cada vez mais pessoas partiam. Recebíamos cartas de amigos nos contando como estavam bem. Nós mal podíamos esperar por nossa vez de ser selecionados e receber permissão para viajar até uma nova terra que nos oferecesse emprego, vida estável e um futuro.

Naturalmente, todos queriam imigrar para o país que “manava leite e mel”: os Estados Unidos. No entanto, só eram aceitos os saudáveis, e os candidatos precisavam passar por um processo de seleção. Nós, é claro, nos candidatamos para ir para os Estados Unidos também.

Enquanto isso, eu me matriculei em uma escola alemã. Embora tivéssemos estudado um pouco de inglês e alemão no passado, não era suficiente; eu queria me tornar fluente.

Finalmente chegou nossa vez de ir ao campo de seleção para fazer exames médicos. Estávamos muito nervosos e empolgados. Eles tiraram vários raios X de mim e ali eu estava, toda pele e ossos. Descobri que tinha tuberculose severa.

No dia seguinte, um carro especial me transportou depressa para um hospital infantil distante em Kempten, no sudoeste da Bavária, pois meu quadro era contagioso. Nunca chorei tanto na minha vida como nessa ocasião. Havíamos esperado por tanto tempo e foi um golpe terrível em nossos sonhos e esperanças. Fiquei amargamente decepcionada. Todas as minhas amigas estavam partindo para os Estados Unidos, felizes e animadas, enquanto eu ficava para trás. Não conseguia entender por que precisava ser comigo.

Mamãe e tio Vanya ficaram arrasados. Se tão somente conhecêssemos o encorajamento de Romanos 8:28: “Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam.”

Eu tinha 14 anos de idade, no início do verão de 1950, quando cheguei ao hospital infantil. Fiquei de quarentena em um prédio separado e tinha um quarto só para mim onde as enfermeiras deixavam comida e saíam depressa. Os médicos também não ficavam muito tempo, só o suficiente para dar injeções de estreptomicina em minhas duas pernas. Muitas vezes, eles entravam em meu quarto e me encontravam de joelhos, orando. Eu não tinha ninguém com quem conversar, a não ser Deus. Os médicos sempre saíam respeitosamente e voltavam depois.

Passei o verão inteiro a sós com Deus e descobri que Ele é um amigo real, alguém com quem eu podia ter um relacionamento verdadeiro e até conversar. Durante esse período, muitas vezes eu perguntava: “Por quê?” Contudo, não me sentia amarga, nem brava, apenas desapontada.

Como eu precisava de muito descanso e ar fresco, dois funcionários me carregavam diariamente para fora em uma maca e me colocavam em uma cama dobrável debaixo de uma pereira. A comida era boa e eu amava estar ali, mas me sentia muito só. Algumas meninas de minha idade vinham do prédio principal e perguntavam qual era meu nome e país. Éramos de muitas nacionalidades diferentes, mas todos falávamos o alemão. É claro que elas se mantinham a uma distância segura, mas eu apreciava a companhia e a bondade delas, que também estavam doentes.

Era durante essas horas debaixo da pereira que eu olhava para o céu azul em cima de mim e observava os pássaros pulando de galho em galho, cantando melodias felizes, e me perguntava o que estaria reservado para meu futuro. Eu tinha quase 15 anos e minha educação fora interrompida mais uma vez.

Nessa época, mamãe e tio Vanya estavam em Augsburg cuidando de uma espécie de lanchonete, para o dono. Eles tentavam me visitar ocasionalmente, mas era difícil, pois não tinham carro.

O hospital infantil tinha uma lavanderia onde nossos lençóis e roupas

eram lavados. O responsável era um homem bom. Ele amava as crianças, e elas retribuía o afeto. Nós o considerávamos velho – ele tinha 53 anos de idade.

Certo dia, ele foi me visitar, pois ouviu que uma nova paciente havia chegado. Ele era russo, ex-soldado do exército russo branco, que lutava a favor do czar. Quando o regime czarista acabou, fugiu para a Bulgária e, de lá, para a Alemanha. Ele não tinha medo dos meus germes e passava mais tempo comigo do que todos os outros. Tinha uma vasta coleção de livros maravilhosos, a maioria deles em russo. Ele os compartilhou comigo e o tempo passou depressa. Durante meus três meses de quarentena, pude ler muitos dos clássicos russos escritos por Tchekhov, Tolstói, Turgenev e outros. Alguns desses livros eram inspirados na história real da vida de pessoas consagradas a Deus; eu amava lê-los. Fiquei especialmente tocada por *Ressurreição*, de Liev Tolstói.

Finalmente chegou o momento em que recebi alta da quarentena, mas os médicos precisavam fazer tratamentos de pneumotórax para meu pulmão entrar em colapso e acelerar a recuperação. O encolhimento do pulmão também reduziria a área afetada, permitindo que ela calcificasse e fosse curada. Porém, primeiro era preciso fazer uma cirurgia, e mamãe deveria dar permissão.

Ela chegou, muito transtornada e preocupada. Foi então que ela se abriu comigo e disse pela primeira vez que me amava. Ela explicou que não conseguira dizer isso antes porque meu nascimento a traumatizara muito e, quando ela me olhou pela primeira vez, não sentiu amor de imediato. Ela sempre cuidara de mim e me protegera, mas eu me perguntava por que ela nunca me beijava, nem me abraçava. Meu pai era mais amoroso comigo do que ela. No entanto, quando ficou sabendo da cirurgia, ela ficou com medo de que eu morresse, e o amor havia tanto tempo escondido foi despertado.

Mamãe assinou a permissão para a cirurgia, e eu fui transferida para outro hospital mais avançado, com um médico ao lado. A cirurgia liberou o pulmão das costelas e permitiu que entrasse ar na cavidade para que os tratamentos de pneumotórax fossem aplicados mais tarde.

Quando despertei da cirurgia, vi uma grande cruz pendurada na parede. Eu estava com dor e transpirando muito. Então duas freiras vestidas de preto vieram e passaram água fresca em meu rosto. Elas eram tão compassivas e ternas! O rosto delas irradiava bondade e amor. Após alguns dias nesse hospital, voltei para o hospital infantil e para as amigas que me esperavam. Agora começariam os tratamentos.

Fui levada para um quarto pequeno onde o médico e a enfermeira me fizeram deitar em uma mesa sobre o lado direito. O médico pressionou o lado esquerdo da minha caixa torácica, procurando um lugar para inserir a agulha. Ela mais se parecia com um prego fino, porque era oca com outra agulha mais fina por dentro. Quando a agulha perfurava minha cavidade pleural, entrava ar em volta do pulmão, que era comprimido para que a área afetada encolhesse e sarasse. Às vezes, porém, era difícil encontrar um “bolso vazio” entre as costelas e o pulmão; por isso, o médico continuava reinserindo a grande agulha em lugares diferentes até encontrar o ponto certo. Eu era considerada uma menina grande e tentava ser corajosa, mas, certo dia, o médico me furou 14 vezes. Não aguentei e chorei muito de tensão e dor. No início, o tratamento era realizado três vezes por semana, e eu sentia como se estivesse carregando um tijolo no peito, mas logo diminuiu para uma vez por semana e, em anos posteriores, uma vez por mês.

À medida que os médicos adquiriram mais prática e o tratamento reduziu em frequência, as coisas ficaram mais fáceis para mim e, embora o tratamento tenha durado oito anos, minha vida era relativamente normal.

De volta ao hospital infantil, fui abrigada no prédio principal e tinha uma colega de quarto – uma moça da Letônia, de 17 anos, baixinha, de aspecto doente, com cabelos castanhos claros, sardas e olhos azuis. Eu era seu braço direito, como se fosse uma enfermeira de plantão, levando-lhe água ou qualquer outra coisa de que ela precisasse. Eu fazia tudo isso com alegria, pois ela estava em situação pior que a minha. Era tuberculosa e passou dois anos deitada de barriga para cima com um gesso gigante. Naquela época, o conhecimento cirúrgico era limitado em comparação com o de hoje. Ela passava o tempo lendo ou tricotando, mas gostávamos uma da outra; meus

dias de solidão findaram.

Os norte-americanos pagavam tutores para nos ensinar inglês, alemão e matemática, além de uma mulher para ensinar as meninas a fazer crochê e a tricotar suéteres e xales para nós e para as crianças menores.

Comemorávamos aniversários, e fazíamos uma peça no Natal da qual pude participar. Em fevereiro, o país inteiro celebrava um evento chamado *Fasching*, um carnaval, no qual todos vestiam fantasias e iam a festas, bailes e bares. No dia seguinte, os jornais estavam repletos de fotos de celebridades e daqueles que haviam ganhado prêmios de melhor fantasia. Após a guerra, era uma diversão bem-vinda e nós recebíamos fantasias emprestadas para poder participar também.

No hospital infantil, havia apenas dois médicos: um homem alemão e uma mulher judia baixinha e rechonchuda que estava sempre de coque no cabelo. Ela era muito maternal, e nós a amávamos. Esses dois doutores, trabalhando em harmonia, eram como pais para nós. Junto com as enfermeiras extremamente gentis, nós vivíamos como uma grande família. Todas as crianças eram vítimas da guerra, de diferentes nacionalidades, mas unidas no sofrimento e na dor. Conseguíamos perceber que os adultos tinham pena de nós, ao testemunhar o que a guerra fizera com crianças inocentes; eles nos tratavam extraordinariamente bem.

Nós, os mais velhos, éramos incentivados a passar tempo com as crianças pequenas, que precisavam da mamãe e do papai, mas, em vez disso, estavam confinadas ao leito. Líamos para elas, contávamos histórias ou apenas nos sentávamos a seu lado na cama para lhes fazer companhia. Meu coração se compadecia daqueles pequenos e, por causa da minha vívida imaginação, era uma boa contadora de histórias. Eu também gostava do espírito de companheirismo que existia entre todos nós.

Capítulo 24

Fazia cerca de um ano desde que eu fora internada no hospital infantil, quando vários estranhos extraordinariamente belos apareceram no hospital. Eram altos, de olhos azuis, bem vestidos e falavam uma língua diferente, que nenhum de nós havia ouvido antes. Logo descobrimos que eram médicos e enfermeiros da Suécia. Eles representavam a Cruz Vermelha sueca, e o país fez um convite para nós e nossa família. Após algumas semanas de exames físicos, testes e preenchimento da papelada, vários de nós que estávamos dispostos a ser transferidos para um hospital na Suécia fomos aceitos.

Contudo, tio Vanya tinha outros planos. Ele viu nisso uma oportunidade de imigrar para os Estados Unidos.

– Dusia – disse ele gentilmente –, por que não deixamos Alla ir sozinha para a Suécia e, quando ela melhorar, vai se encontrar conosco nos Estados Unidos?

Pela primeira vez, mamãe bateu o pé. Eu tinha 15 anos, e ela sabia que eu precisava de sua presença. Tio Vanya ficou desapontado, depois de sofrer outro golpe em seus sonhos, agravando ainda mais o relacionamento já complicado dos dois.

Assim, mamãe e tio Vanya aceitaram a oportunidade e os empregos prometidos. Partimos então para um país diferente mais uma vez. Recebemos dicionários de sueco e materiais de estudo. Eu me dediquei com afinco ao aprendizado da nova língua. Naquela época, eu já havia estudado alemão, inglês, russo e ucraniano, facilitando o aprendizado de mais um idioma.

Viajamos vagarosamente de trem por vários dias, pegamos uma balsa na Dinamarca e então cruzamos o canal para a Suécia. Fui levada a um sanatório que se localizava propositalmente bem no meio da floresta. Em contraste com o hospital infantil em Kempten, essa construção era uma

grande e bonita mansão. Bem construída e com pé direito alto, tinha quartos espaçosos, uma elegante sala de jantar com candelabros e uma ladeira, além de uma grande escadaria com balaústres decorados com entalhes.

Foram comigo dois amigos do hospital infantil de Kempten, bem como outros pacientes como nós, provenientes de outras partes da Alemanha. Nós, os recém-chegados da Alemanha, fomos tratados como celebridades. Aliás, o fotógrafo da família real sueca foi nos encontrar e tirar fotos para publicar no jornal junto com um artigo explicando quem éramos e por que havíamos ido para a Suécia.

Nós amávamos o cheiro dos pinheiros e dormíamos nas varandas do lado de fora, mesmo quando nevava. Ficávamos enrolados em cobertas e bem aquecidos. Respirávamos ar fresco e tínhamos o descanso vital para nossa reabilitação, junto com uma alimentação nutritiva. Novamente, éramos gratos pelo cuidado e tratamento de alta qualidade que recebemos dos bondosos médicos e enfermeiros suecos.

Ali fiz novos amigos. Meu sueco era limitado, é claro, mas como eu não tinha vergonha, falava o que sabia. As outras meninas estrangeiras pareciam saber muito mais sueco do que eu, mas não praticavam tanto, pois eram muito tímidas e tinham medo de ser ridicularizadas quando errassem. Quando eu falava algo errado, ninguém zombava de mim. Em vez disso, eles me ajudavam com a gramática e a pronúncia, e eu aprendi bem a nova língua. Essa experiência me ensinou que muitas coisas são possíveis e não devemos ter medo de tentar, especialmente depois que Deus se tornou o centro de minha vida. Eu continuava a orar no escuro, ajoelhada ao lado da cama, apesar das risadinhas que ouvia das outras meninas.

O sanatório era somente para adultos. Nós éramos uma exceção. Em nosso andar, ficava uma jovem russa, que permanecia separada em um quarto só para ela. Sua tuberculose havia avançado tanto que ela estava morrendo. Tínhamos permissão de visitá-la somente alguns minutos por dia. Ela estava com 25 anos de idade, e seu marido arquiteto, 32 anos. Eram jovens, eles se amavam e tinham um filho de cinco anos. A situação era de cortar o coração. Ela morreu e foi colocada na capela do sanatório,

enquanto nós, pacientes, médicos e enfermeiras, rodeamos o caixão e lamentamos sua juventude perdida. O marido enlutado estava ali, segurando o filho nos braços. Ela fora uma mulher bonita e, mesmo depois de morta, parecia uma princesa com o cabelo cobrindo os ombros e uma expressão de paz no rosto. O único vestígio de vida que havia era a guirlanda de flores do campo que as enfermeiras fizeram e colocaram para enfeitar sua cabeça. Essas flores cresciam em abundância na floresta. A ocasião foi um triste lembrete para todos nós de como a vida é frágil.

Capítulo 25

Tio Vanya não achava justo mamãe ter a mim, enquanto ele desejava tanto um filho. Por isso, aos 35 anos de idade, ela ficou grávida. Quando chegamos à Suécia, ela foi levada para uma instituição da Cruz Vermelha na província de Småland, onde recebeu cuidados pré-natais até o nascimento do bebê alguns meses depois, em 16 de dezembro de 1951.

Enquanto isso, tio Vanya viajou para Estocolmo e ficou em uma pequena casa nos subúrbios que o Exército da Salvação alugou para nós. Ele também ganhou um emprego em uma fábrica.

Eu tinha 16 anos quando meu irmãozinho George nasceu. Que pacotinho de alegria! Mamãe tinha maturidade suficiente para curtir o novo bebê e seu amor por ele era sem limites. Eu também me apaixonei por ele. Era a coisa mais fofa que eu já havia visto! Naquele inverno, quando mamãe e o bebê George partiram para ir morar com tio Vanya em Estocolmo, recebi permissão para ir com eles fazer uma visita.

Viajamos de trem e fomos recebidos na estação por tio Vanya e seu novo amigo ucraniano. Mamãe apresentou o filhinho, cheia de orgulho. Tio Vanya deu uma olhada, fez uma careta e comentou:

– Um pedaço de carne.

Mamãe ficou profundamente magoada com a reação dele. Porém, tio Vanya amou muito seu filhinho. Quando reflito no comportamento dele ao longo dos anos, fico imaginando que ele poderia ter um desequilíbrio químico, que precisava ser tratado. Infelizmente, esse tipo de coisa não era diagnosticado, nem medicado na época.

Após uma semana, precisei voltar para o sanatório. Entretanto, no início do verão eu já estava bem o suficiente para receber alta, embora ainda fosse continuar a terapia de injeção de pneumotórax por anos. Depois de passar um ano naquelas belas paisagens, sendo cuidada por bons médicos e enfermeiras amorosas, fiquei bem física e emocionalmente. Estava pronta

para voltar a morar com minha família e começar um novo capítulo em minha vida.

Tio Vanya continuava a trabalhar na fábrica enquanto mamãe limpava a casa de pessoas ricas. Cuidar de meu irmãozinho era a parte mais especial de minha vida. Como eu o amava! Ele era adorável, e eu o cobria de amor e afeto, sentindo como se fosse meu próprio filho. Hoje ele é adulto, tem um casamento feliz e três filhos.

Havia uma escola em Estocolmo que oferecia um programa de estudos gerais. Escrevi ao departamento de serviços sociais da Suécia pedindo auxílio e recebi dois anos de bolsa. Contudo, nossa educação ia além dos livros. O diretor da escola acreditava na riqueza cultural e, por isso, todos os sábados, ao longo de pelo menos três horas, ele nos mostrava *slides* de pintores famosos e suas obras de arte, como a *Guernica*, de Picasso, e explicava a história por trás dela. Lemos um livro sobre a vida de Vincent van Gogh e vimos muitos de seus quadros. Estudamos Renoir, Gauguin e Rousseau, que pintou florestas e animais selvagens. O professor nos contou que Rousseau se absorvia tanto pela pintura que os animais ganhavam vida em sua mente, levando-o a correr pela casa gritando: “Os tigres estão correndo atrás de mim!”

Também estudamos as bailarinas de Degas, o famoso pintor holandês de interiores, e o *Banquete de Belsazar*, de Rembrandt. Agora que já estudei o livro de Daniel e a Bíblia, as pinturas de Rembrandt têm ainda mais significado para mim e uma impressão desse quadro está pendurada em minha casa atualmente.

Visitamos os museus e castelos de Estocolmo, que foram ocupados por reis e rainhas ao longo de centenas de anos. Descobrimos que a Suécia, um país rico em história, também era belo, montanhoso, cheio de florestas com rios cristalinos. Os invernos eram longos e frios, dando bastante oportunidade para esquiar e patinar no gelo. Como a Suécia permanecera neutra durante a guerra, não havia ruínas. Tudo era organizado e limpo.

Também fomos ao Teatro Dramático Real, onde assistimos à peça *O Pato Selvagem*, de Henrik Ibsen. O personagem principal era interpretado por

Max von Sydow, famoso ator de Hollywood, que também fez o papel de Jesus em *A Maior História de Todos os Tempos*.

A Ópera Real, outro ponto de aprendizado cultural, localizava-se em um belo edifício do outro lado do rio, em frente ao Palácio Real. Ali tive o privilégio de aprender sobre compositores famosos do mundo inteiro e ouvir a música de cada um deles.

Durante os verões, muitos estudantes suecos viajavam para a França e a Inglaterra a fim de aprender mais sobre essas culturas e praticar os idiomas que vinham aprendendo na escola. Eu também estava ansiosa por aprender, pois reconhecia como minha educação ficara prejudicada por causa da guerra e de meus problemas de saúde. Agora eu tinha a oportunidade de recuperar o tempo perdido.

Como os professores e alunos eram gentis comigo, nunca me senti excluída. Pelo contrário, eles me achavam interessante e, em muitas ocasiões, me pediam que fosse à frente da classe contar minhas experiências de guerra. Pude responder a muitas de suas dúvidas e lhes dar uma visão mais ampla do conflito, já que eram de um país que teve a sorte de não ter se envolvido.

Nessa época, mamãe trabalhava para uma família muito querida, os Lindman, que moravam bem perto de nossa casa alugada. O Sr. Lindman fora entregador quando jovem, mas tinha um ótimo tino para investimentos. Assim que a guerra terminou na Alemanha, ele começou a comprar muitas ações da Volkswagen, que estavam baratas na época. Seu sogro não valorizava muito a empreitada comercial.

– O que você vai fazer com todas essas ações, Olaf? Colar nas paredes? – provocava.

E todos os amigos bem-intencionados de Olaf riram também, mas não por muito tempo. A Volkswagen se tornou uma montadora muito popular, não só na Alemanha, mas no mundo inteiro. Ele vendeu parte das ações quando o valor subiu, comprou prédios de apartamentos e recebia uma boa renda dos inquilinos. Por isso, podia manter uma funcionária trabalhando na limpeza da casa para sua esposa.

Os Lindman tinham dois filhos, Christina e Johan. Christina e eu tínhamos idades próximas; por isso, eu usava as roupas que não serviam mais nela. Eram peças boas, de qualidade. A senhora Lindman era uma mulher bondosa e nobre. Como eles tinham origem humilde, tratavam-me como igual. Quando Christina convidava amigas para ir a sua casa, elas me incluíam. Quando ela se matriculou em aulas noturnas para aprender datilografia, a senhora Lindman me matriculou também. Eu a amava e até hoje aprecio tudo o que fez por mim.

Mesmo depois de partirmos da Suécia, a senhora Lindman e eu escrevíamos cartas uma para a outra e mantivemos contato. Certa vez, ela me perguntou o que eu gostaria como lembrança de nossa amizade, e eu respondi: “um dicionário sueco-inglês”. Ela ficou muito feliz e prontamente me mandou um, que guardo com carinho.

A vida continuou como de costume até que, certo dia, recebemos uma carta registrada da Cruz Vermelha sueca. Para nosso choque e surpresa, ali dentro havia uma carta de *babushka* Natasha destinada a meu pai e minha mãe. Foi o primeiro contato que tivemos com ela desde aquela manhã, anos antes, quando nos despedimos na estação ferroviária.

Com mãos trêmulas, mamãe abriu e leu:

Nosso querido filho, Nikolai, Dusia e Allachka,

Onde e como estão todos vocês? Não temos notícias suas há tantos anos! Porém, entramos em contato com a Cruz Vermelha suíça por meio de nosso governo e temos a esperança de que esta carta os encontre vivos e em boa saúde. Sentimos saudades e amamos vocês. Por favor, voltem para casa.

Mãe e pai

A minha pobre mãe quase desmaiou. Imagine o terror que tomou conta dela ao se sentar para escrever a resposta, explicando tudo que havia acontecido conosco ao longo de dez anos separados. Papai morrera em um campo de concentração, ela se casara novamente, havíamos nos mudado para a Suécia por causa de minha tuberculose e agora ela tinha um bebê

com o novo marido.

Algumas semanas depois, recebemos outra carta de *babushka* Natasha. Mais tarde, descobrimos que essas cartas foram escritas pela tia Katya, que voltara para casa após a guerra. *Babushka* Natasha expressou sua dor e seu sofrimento, mas não houve tom de acusação em sua carta. Ela conhecia o caráter de mamãe e sabia que as coisas que aconteceram estavam além de nosso controle. Também era sensível em relação à situação – uma viúva jovem precisava se casar de novo. Mamãe ficou aliviada por ver que a amizade continuava e começou a comprar roupas quentes a fim de mandar para eles, ciente de que esta era apenas uma das diversas necessidades que eles tinham lá em nossa terra. Era inverno e, na Suécia, havia muitas roupas boas e quentes para compartilhar.

Pouco tempo depois, outra carta chegou, que nos foi endereçada diretamente pela mãe de mamãe, vovó Barbara. Mamãe ficou tão feliz! Vovó Barbara se casara novamente, e Alexa, sua irmã, estava viva e saudável. Vovó Barbara viveria mais do que seu terceiro marido, até os 93 anos de idade. Para a frustração de tio Vanya, agora mamãe tinha duas famílias para as quais mandar roupas quentes.

Para nossa alegria, porém, eles nos enviaram todas as fotos de família que puderam – um verdadeiro tesouro, já que todas as nossas fotografias haviam se perdido no dia do bombardeio do campo. Tia Alexa também mandou fotos atuais dela, da mãe e do padrasto. Ao vê-las, mamãe escreveu: “Querida irmã Alexa, por que você sempre está tão triste em todas as fotos e nunca sorri? Além disso, por que você nunca se casou com essa idade?” Tais perguntas a magoaram, e mamãe deveria ter pensado melhor antes de fazê-las, mas a resposta veio: “Querida irmã Dusia, você me pergunta porque pareço triste. Você sabe como nossa vida tem sido difícil. Não me casei porque muitos de nossos homens morreram durante a guerra e vários dos que voltaram estão inválidos. Como você pode ver, não há muitos motivos para sorrir.” Depois de ler a carta, mamãe ficou triste e reflexiva.

Ficamos tão gratos por voltar a ter contato com nossa família, mas as coisas não estavam muito bem dentro de nosso lar. Nem mesmo o pequeno

George conseguia levar alegria ao tio Vanya, que tinha depressão crônica e trancava a porta de seu quarto todos os dias ao sair para trabalhar. Na verdade, ele começou a se ressentir com toda a atenção que mamãe e eu dávamos a meu irmãozinho. Quando mamãe levava alimentos frios para casa, ele escrevia seu nome na embalagem e não deixava que comêssemos nem um pedaço. Era tudo dele e sabíamos que, se passássemos por cima de suas vontades, ele se tornaria violento.

Lembro-me de um dia em que ele me chamou em seu quarto para conversar. Fiquei feliz por ele tomar tempo para ter um diálogo comigo. Sentei ali com um largo sorriso e esperei, uma moça de 18 anos cheia de esperanças e sonhos.

– Bem – começou tio Vanya –, o que você está planejando fazer com seu futuro? Quais são as suas aspirações?

Meu coração saltou de alegria. Estava ansiosa por compartilhar meus pensamentos e planos com ele; por isso, abri o coração. Porém, minhas palavras foram recebidas por um semblante franzido.

– Sabe, Alla, seus planos nunca darão certo.

– Por que não? – perguntei, incrédula.

– Porque você não tem as qualidades necessárias e vai crescer para ser uma idiota.

No entanto, algo muito estranho aconteceu. Naquele momento, senti uma presença divina me cercando, como se o próprio Deus estivesse me consolando e deixando claro o quanto eu era importante.

Olhei para o tio Vanya e continuei a sorrir. Isso pareceu enfurecê-lo.

– Saia da minha frente! – ele ordenou irritado; eu saí mesmo, feliz da vida.

Capítulo 26

Vários amigos que haviam se estabelecido nos Estados Unidos nos enviavam pacotes com itens básicos, presentes de Natal e longas cartas contando como estavam bem, com fotografias para comprovar os relatos. Eles prometiam nos ajudar a encontrar emprego e um lugar para ficar se fôssemos para lá. Era muito tentador, é claro, pois não estávamos bem financeiramente. Até Lydia, a amiga íntima e colega de quarto de mamãe dos tempos de escola, que agora estava na Bélgica com a família, costurava e mandava roupinhas lindas para George.

Por fim, depois de passar quase cinco anos na Suécia, mamãe e tio Vanya decidiram imigrar para os Estados Unidos. Eu tinha quase 20 anos na época e estava apta a cuidar de mim mesma. Para ser honesta, fiquei feliz quando me despedi deles no aeroporto. Na época, o único de quem eu realmente sentiria saudades seria George, que estava com quatro anos. Eu estava acostumada a tricotar suéteres pequenos e costurar pijamas para ele, além de levá-lo de ônibus para a creche. Às vezes, as pessoas achavam que eu era mãe dele, mas nós apenas sorriamos um para o outro e guardávamos nosso segredinho.

Uma de minhas lembranças favoritas de George é do dia em que me esqueci de colocar luvas nele antes de sairmos.

– George, não conte para mamãe que eu esqueci suas luvas.

Estava muito frio, e mamãe havia me advertido para não esquecer. Ele balançou vigorosamente a cabeça, concordando. Assim que chegamos em casa naquela tarde, ele foi direto até a mamãe e disse:

– Mamãe, eu *não* vou lhe contar que Alla esqueceu de colocar luvas nas minhas mãos!

Mamãe não resistiu e abriu um sorriso.

Depois que minha família partiu, passei a morar em um prédio do

Exército da Salvação, enquanto estudava em uma escola técnica. Mais uma vez, aprendi datilografia, taquigrafia e biblioteconomia. Também continuei a estudar sueco e inglês.

Havia várias outras moças com quem fiz amizade que também moravam no prédio do Exército da Salvação, mas estudavam em outras escolas. Desenvolvi uma linda relação de amizade com uma moça bondosa, tranquila e inteligente, Birgit, com quem mantenho contato até hoje. Temos tantas memórias maravilhosas juntas e meu coração se aquece toda vez que ela me envia cartas e fotos de sua família.

Consegui um emprego como secretária e fiquei por conta própria. Por isso, aluguei um quarto em um ótimo apartamento só para mulheres. Continuei a fazer amizades, mas agora os rapazes começavam a entrar em minha vida. Eu gostava deles, e eles de mim, mas nunca conseguia entrar em um relacionamento sério. Afinal, eu não era um “bom partido”: sem família, sem dinheiro, educação limitada, forte sotaque eslavo e ainda não era completamente saudável, já que continuava a receber tratamento de pneumotórax uma vez por mês. As famílias dos jovens ficavam com medo. Afinal, eu era uma ex- tuberculosa. Não os culpo, eu também teria sentido a mesma coisa.

Aliás, certa vez, um jovem engenheiro civil de meu escritório me levou a um encontro, mas, no caminho, parou no apartamento dos pais, que ficava em frente ao parque. Ele me pediu para ficar sentada em um banco enquanto ele almoçava com os pais. Consegui ver pela janela quando o jovem e o pai começaram uma partida de xadrez. Enquanto estava ali sentada no banco, começando a sentir frio, minha afeição pelo rapaz esfriou também. Tempos depois, quando fui embora da Suécia, ele ligou querendo ir me encontrar, casar comigo e me levar de volta para seu país. Recusei – não tinha interesse em ficar sentada sozinha em um banco frio no parque. Ouvi falar que posteriormente ele se casou com uma médica e, alguns anos depois, com dois filhos, eles se divorciaram.

Nesse meio-tempo, eu continuava a ir até a embaixada norte- americana em Estocolmo a cada seis meses para ser examinada pelo médico. Ele

conferia meus pulmões, tirava raios X para ver como estava o processo de cura, depois balançava a cabeça e dizia:

– Você ainda não pode ir para os Estados Unidos.

Enquanto eu caminhava pelo parque até o bonde após cada visita, eu olhava para o céu e chorava por dentro: “Ó, Deus, quanto tempo mais até que possa reencontrar meus familiares e amigos?” Todas as vezes, eu sentia o mesmo forte desapontamento.

Mamãe escrevia cartas e enviava dinheiro e pacotes com lindos vestidos. Eu podia perceber que estavam bem e ficava feliz por eles. A maioria das minhas amigas já havia se casado, tinha filhos e bons carros. Porém, ali eu estava, uma estranha em um país estrangeiro. Comecei a temer as visitas à embaixada e a resposta “ainda não”.

Quando olho para trás, percebo que foi uma boa experiência para mim, uma lição para aprender a confiar totalmente em Deus e a depender dele por completo. E em sua misericórdia, Ele me protegeu do tio Vanya e de sua disposição briguenta.

Apesar dos momentos de solidão e tristeza, eu não era melancólica e me mantinha ocupada. Fiz cursos de costura e culinária à noite, depois do trabalho, e conheci pessoas interessantes. Com a permissão do administrador do apartamento em que morava, aluguei um piano e fiz aulas por dois anos.

Nessa época, eu estava na Suécia havia nove anos. Quando tinha 24 anos, o dia tão esperado chegou, no início de maio de 1960. Uma das secretárias da embaixada norte-americana me telefonou em casa. A essa altura, todos os funcionários me conheciam e sabiam da minha situação.

– Senhorita Alla – começou ela –, você está de pé ou sentada agora?

– De pé – respondi.

– Bem, então sente-se.

Acomodei-me depressa na cadeira mais próxima.

– Pode comprar uma passagem e se unir a sua família nos Estados

Unidos!

Minha vida sempre fora uma montanha-russa tão grande e agora eu estava extasiada de alegria. Deitei em minha cama, com as mãos por trás da cabeça e fiquei encarando o teto, tentando digerir mentalmente a notícia. Meu sonho tão esperado finalmente estava se tornando realidade.

No fim de junho, entrei em um navio sueco, o *Gripsholm*. Eu nunca havia visto tanto luxo: comida maravilhosa, danças, entretenimento, uma piscina, teatro e jogos no deque. Era tudo muito surreal. Contudo, depois de cinco dias no mar, me entediei e fiquei ansiosa para encontrar minha família.

Chegamos ao porto de Nova York em 29 de junho de 1960. Era uma noite bonita e fomos recebidos pela moça do porto – o belo símbolo de libertação conhecido como Estátua da Liberdade – segurando sua tocha no alto. Os arranha-céus estavam com as luzes ligadas, e os carros – quantos carros! – iam cheios de um lado para o outro. Foi uma vista espetacular, algo que eu nunca havia contemplado antes e pensei: “O que será que o futuro reserva para mim nesta nova terra?” No outro dia, porém, todas as luzes e o brilho haviam ido embora, e a única coisa que eu via eram prédios cinzentos e ruas sujas, mas ainda assim muitos carros.

Na manhã seguinte, após o desjejum, enquanto nossos documentos eram processados, éramos tratados como amigos de longa data pelos agentes alfandegários, que nos recebiam com um sorriso e nos davam as boas-vindas aos Estados Unidos. Eles sabiam que éramos imigrantes em busca de liberdade e de uma vida melhor.

Quando atravessei a prancha de desembarque, fui recebida por mamãe, tio Vanya, todo sorridente, e um George não tão pequeno mais. Mamãe e eu nos abraçamos, nos beijamos e lágrimas de alegria caíram uma na outra. Tio Vanya parecia sinceramente feliz em me ver também. George era um belo garoto de oito anos, alto para sua idade. Fiquei pasma ao perceber quanto eu perdera da companhia dele. Como estava feliz em poder abraçá-lo!

Enquanto dirigíamos pelas ruas da cidade de Nova York até a casa deles, tio Vanya conversava mostrando os pontos turísticos, como o rio Hudson e a famosa ponte do Brooklyn, que atravessamos.

Finalmente chegamos a casa, a alguns quarteirões do Prospect Park e do museu do Brooklyn, que posteriormente frequentaríamos. Ficava em um prédio com oito apartamentos, que pertencia a uma família russa, imigrantes como nós.

Mamãe, trabalhadeira como sempre, não precisava pagar o aluguel, pois era a zeladora do lugar. Ela varria a calçada, lavava as escadas e, no início da manhã e tarde da noite, “alimentava” o fogão com carvão para manter o prédio aquecido e a água quente, cuidando para que o fogo nunca se apagasse. Esse emprego significava não ter férias, mas mamãe convidava amigos para visitá-la e tinha bastante companhia.

Além disso, tinha um emprego de meio período no hospital judaico do Brooklyn, que ficava perto de casa. Ela trabalhava na sala de circuncisão, que também era um local de celebração para as famílias que geravam meninos. Ela decorava as mesas com rosas de seu jardim e servia *bagels* com *cream cheese* e salmão defumado, café e vinho Manischewitz. Era uma ocasião sempre feliz para as famílias, apesar do preço que o bebê tinha de pagar!

Muitas das famílias haviam sofrido durante o Holocausto. Eles e mamãe encontraram um vínculo, porque ela havia perdido o marido em Buchenwald. Pelos bons serviços que prestava, era recompensada com gorjetas generosas. Ela economizava cada centavo, assim como tio Vanya, com o salário que recebia no emprego em uma fábrica de lâmpadas. O objetivo deles era alcançar o sonho americano e ter uma casa própria.

Enquanto isso, George frequentava uma escola que também não ficava longe de casa. Era um menino inteligente, bom aluno e se saía bem.

Eu dormia no sofá da sala do apartamento, mas não reclamava – a família finalmente estava reunida.

Capítulo 27

Três semanas depois de chegar, tive a agradável surpresa de receber a visita de dois casais que foram nos ver, mas especialmente a mim, já que tinham me conhecido ainda menina em Somme Kaserne, o campo para deslocados em Augsburg. Eu fora a florista no casamento da filha de um dos casais. Mais tarde, depois de chegarem ao Estados Unidos, eles enviavam pacotes com itens básicos e presentes para mim enquanto estava no hospital infantil em Kempten.

O motorista dos quatro, o filho do outro casal, não ficou feliz em dirigir dez quilômetros até nosso apartamento só para ver uma menina que viera da Suécia.

Eu estava no depósito organizando meus poucos pertences quando eles chegaram. Apareci com roupas velhas de limpeza, o cabelo desarrumado, em um aspecto nada apresentável. No entanto, a mulher que me conhecia não parou de me beijar e abraçar, sorrindo de orelha a orelha. Ela também me deu dez dólares, com os quais eu comprei meu primeiro vestido nos Estados Unidos.

A mãe do moço, de quem eu não me lembrava da Alemanha, gostou instantaneamente de mim e convidou todos nós para um jantar de domingo.

Enquanto isso, o jovem Wesley apertou minha mão em silêncio quando fomos apresentados. Pude ver que ele não se impressionou comigo. O sentimento era recíproco. *Que chato!*, pensei comigo mesma. *Eu nunca me casaria com um homem como esse.* Estava certa de que ele não tinha habilidades sociais, já que não me perguntou como foi minha viagem, nem me dirigiu nenhuma palavra. Não estava acostumada a esse tipo de atitude. Mais tarde, ele me contou que já havia visto moças mais bonitas do que eu.

O domingo marcado chegou, e eu apareci na casa deles com o cabelo bem arrumado e usando o vestido novo de dez dólares. Sentada ao lado de Wesley, eu tinha muitas perguntas que só ele poderia responder. Havíamos

vindo do mesmo campo de deslocados, conhecíamos os mesmos professores e tínhamos amigos em comum, muito embora ele fosse sete anos mais velho do que eu. Depois de um tempo, ele se abriu, ficou mais pessoal e conversador. Então me atualizou quanto à vida de amigos com os quais eu havia perdido o contato durante o tempo que passara na Suécia.

Depois do jantar, ficou abafado dentro de casa, então Wesley me convidou para sair e me sentar com ele na varanda. Ele trouxe consigo alguns álbuns e me mostrou fotografias de seus ex-professores e amigos. Como eu desejava rever aquelas pessoas! E isso não foi problema. No domingo seguinte, estava planejado um piquenique no qual muitos ucranianos se reuniram para dançar e se divertir. Wesley se ofereceu para me buscar e me levar, a fim de que eu pudesse reencontrar vários amigos. Ele e a família já estavam nos Estados Unidos havia nove anos, eram bem-estabelecidos, e ele tinha um bom carro.

O clima estava agradável enquanto dirigíamos para Nova Jersey, e eu olhava empolgada pela janela para meus primeiros vislumbres da paisagem norte-americana. Quando chegamos, finalmente me senti em casa – música ucraniana, a língua e a cultura familiares. Depois de dez anos de separação, foi empolgante rever amigos que eu havia conhecido em Somme Kaserne. Que reunião feliz!

No fim do dia, ao voltarmos para o Brooklyn, Wesley parou em algumas barracas de frutas à beira da estrada e comprou melancia para mim, depois de descobrir que não havia isso lá na Suécia. E como eu só havia comido banana uma vez na vida, foi uma experiência agradável ganhar uma de presente.

Wesley foi muito atencioso e ficou encantado com minha inocência e alegria simples. Ele se agradava em tentar me fazer feliz. Logo percebi que ele era um jovem decente e muito amigável. Enquanto isso, ele estava impressionado com o apreço e a felicidade que eu demonstrava por todas as suas pequenas atenções e o fato de eu nunca ter perguntado quanto ele ganhava. Eu nem sonhava em lhe fazer essa pergunta mesmo, pois eu teria que calcular o câmbio para a moeda sueca e nunca fui muito boa em

matemática. Eu estava apenas procurando alguém que me apreciasse. Ele era muito encorajador e, ao contrário do ganancioso tio Vanya, me lembrava meu pai.

Nesse meio-tempo, tio Vanya estava ficando cansado de me ter por perto. Eu continuava dormindo no sofá do apartamento de dois quartos e já estava lá havia muitas semanas.

Foi então que Wesley me pediu em casamento.

Estávamos visitando minha amiga Ludmila e sua família em Nova Jersey. Enquanto ela lavava a louça, Wesley e eu nos sentamos nos degraus do fundo da casa dela. De repente, ele se virou para mim e disse:

– Case-se comigo, Alla, prometo que serei um bom marido.

A princípio, levei um susto. Embora eu já tivesse quase 25 anos, casar não estava nos meus planos. Eu queria estudar e continuar a formação em secretariado. Porém, eu o olhei nos olhos. Ele abaixou o rosto, provavelmente chocado com a própria ousadia, já que era tímido. As emoções inundavam minha mente. Ele pareceu tão sincero, honesto, quase infantil, e eu acreditei na promessa de que ele seria um bom marido. Então raciocinei: *Bem, o que toda moça mais quer senão um bom marido?* Além disso, nós estávamos muito apaixonados. Então disse “sim”.

Quando contei a surpreendente notícia para mamãe, ela ficou furiosa!

– Qual é o seu problema? – ela perguntou. Seu rosto ficou vermelho e seus olhos castanhos estavam inflamados de indignação. – Você acabou de chegar aos Estados Unidos e agora planeja se casar com o primeiro rapaz que conheceu? Por que não olha em volta? Existem tantos outros jovens!

Entendi o que ela queria me dizer. Mamãe desejava que eu encontrasse um homem capaz de me oferecer segurança financeira. Afinal, Wesley era apenas um motorista de caminhão em Nova York. Vi em seus olhos que suas esperanças para mim se partiram em pedaços, mas meu coração estava convicto. Já tio Vanya estava ansioso para que eu me casasse. Dois dias antes do casamento, ele gritou com mamãe:

– Ponha essa moça fora de nossa casa, não aguento mais vê-la! Por causa dela, sacrifiquei cinco anos da minha vida na Suécia!

Portanto, havia duas pessoas felizes com a aproximação de meu casamento. Ele queria que eu saísse, e eu também desejava ir embora.

Quando Wesley conversou com mamãe sobre sua intenção de se casar comigo, a resposta dela foi:

– Espero que você saiba com quem está se casando. Ela não tem dinheiro e sua saúde é frágil. Na verdade, ela pode até adoecer de novo.

A resposta de Wesley foi:

– Isso não é problema.

Há um ditado entre nosso povo: O marido ama uma esposa saudável, e o irmão ama uma irmã rica. Eu não era nada disso.

Ficou claro que mamãe tentou desanimá-lo de se casar comigo, mas estávamos determinados a prosseguir com nossos planos. Com Wesley ainda ali, mamãe me olhou e disse severamente:

– Vá em frente. Case-se com ele. Porém, não venha correndo para mim quando as coisas derem errado.

E eu nunca fui. Aliás, anos mais tarde, ela ansiava por ouvir detalhes e reclamações sobre nosso relacionamento, mas nunca dividi nada com ela. Wesley apreciava que eu sempre mantivesse em particular nossos detalhes conjugais.

Enquanto isso, os pais de Wesley estavam felizes com o noivado e tentaram acalmar os temores de mamãe. Garantiram a ela que nos ajudariam financeiramente se fosse necessário e que gostavam muito de mim.

Capítulo 28

Wesley (tradução em inglês do original *Wsewolod*) nasceu perto de Kiev, a capital da Ucrânia. Sua mãe, Sofia, era a segunda mais nova de sete irmãos. O pai dela serviu na guerra russo-japonesa como médico, muito embora fosse formado em veterinária. Quando a guerra terminou, e ele voltou para casa, recebeu a oferta de emprego para ser gerente de uma fábrica de açúcar e ganhava um bom salário.

A princípio, expressava decepção por não ter um filho. Mais tarde, porém, durante a guerra e a perseguição, admitiu estar feliz com as filhas, pois nenhuma delas precisou ir para a guerra.

A casa deles era muito confortável. Tinham empregados, todos os tipos de instrumentos musicais e bastante entretenimento. As sete moças aprenderam culinária, panificação, confeitaria, costura, preservação de alimentos, bordado e ordenha das vacas, trabalhando lado a lado dos empregados. Os pais as prepararam bem para a vida.

Quando chegou a época de Sofia se casar, seus pais foram em busca de pretendentes e se agradaram de outra família rica, que tinha um filho, Jacob, um rapaz bondoso, muito polido e espiritual. Jacob era o caçula de 15 filhos, nove dos quais morreram ao nascer ou ainda bebês. A família tinha o próprio cemitério. Porém, cinco irmãs mais velhas sobreviveram; Jacob era o amado irmãozinho e filho. Era levado de carruagem particular para a escola e estudou contabilidade, francês, alemão, russo e ucraniano.

A família de Jacob também estava procurando uma boa moça que se tornaria uma esposa apta para ele. Chegou o dia em que foram convidados para ir à casa de Sofia, e ela enfrentou um teste: teria de preparar sozinha um suntuoso jantar para o pretendido marido e a família dele. Era importante causar uma boa impressão. Ela passou no teste e começaram os preparativos para o casamento. Não houve namoro, nem paixão. As pessoas eram muito práticas.

Depois de um tempo, Jacob e Sofia passaram a se sentir confortáveis na companhia um do outro e ambos amavam muito o primeiro filho, Wesley. Um segundo filho morreu ainda bebê, e Sofia lamentou sua morte por anos.

A vida não foi fácil para Sofia e Jacob. Ele foi falsamente acusado de um crime e colocado na prisão. Foi liberado depois da comprovação de sua inocência, mas esse incidente o deixou marcado. Todas as vezes que Jacob era contratado como contador de alguma fábrica ou escritório, era demitido pouco tempo depois, quando descobriam que havia passado um curto período na prisão. Estava sempre sob suspeitas, e a guerra não ajudou. Faltavam-lhes muitas coisas básicas. Eles viveram sob o mesmo bombardeio militar que minha família.

Então a família dos dois perdeu a respectiva casa por causa da guerra e ficou à mercê dos filhos. Graças a Deus pelos bons filhos – todos se ajudavam.

Mais tarde, Wesley, com 14 anos, foi levado junto com os pais para um campo de trabalhos forçados em Viena, a capital da Áustria. Durante a permanência ali, uma empresa particular fez um contrato com o governo alemão e requisitou que o campo de trabalhos forçados lhe fornecesse prisioneiros para limpar os destroços dos edifícios bombardeados. Para todos os efeitos, Wesley e os pais foram liberados, mas trabalhavam por uma ninharia e moravam em um prédio que havia sido explodido e abandonado.

Quando descobriram que os Aliados estavam se aproximando da Alemanha, Wesley e os pais, assim como muitos de nós, sentiram vontade de ir embora e ficar com os norte-americanos. O pai dele e um amigo foram até a estação ferroviária comprar passagens. Foram parados e detidos pelos alemães e interrogados durante a noite, mas finalmente dispensados. Quando, porém, conseguiram pegar Wesley e a mãe, o trem no qual deveriam embarcar já havia partido. Que decepção! Precisaram esperar várias horas até o trem seguinte, mas então conseguiram embarcar sem maiores transtornos.

Enquanto o trem passava pelo interior, parou de repente, e os passageiros

precisaram ir andando até a estação seguinte porque os trilhos estavam bloqueados por um acidente com o trem anterior, que eles haviam perdido. A locomotiva tinha sido atingida por bombas e houve muitas mortes. Eles agradeceram a Deus por não terem entrado naquele trem.

Eles finalmente chegaram a Augsburg e ficaram no mesmo campo de deslocados que nós. Wesley e eu participamos do clube de escoteiros, frequentamos a mesma igreja e escola, mas eu era criança e ele, rapaz; por isso, não interagimos e não lembramos um do outro. Nossos pais, porém, se conheceram. Tivemos os mesmos professores e sacerdotes. Crescemos cercados pelos mesmos ambientes. Por isso, nos identificávamos muito um com o outro, já que tínhamos experiências de vida bem semelhantes.

Capítulo 29

Wesley e eu nos casamos em um domingo, no dia 20 de novembro de 1960. Foi um belo casamento grego ortodoxo, com cerca de 200 amigos em comum que foram torcer por nós. Foi uma ocasião alegre para todos os envolvidos – ver meus amigos, no passado tão pobres, maltrapilhos e famintos, agora bem vestidos, dirigindo carros brilhantes, possuindo casa própria e vivendo o sonho americano; e eles me verem segura e bem estabelecida em seu meio, depois de ter ficado sozinha e doente tão longe, por tanto tempo. Até tio Vanya foi amistoso e sorrimos um para o outro.

Fui morar na casa dupla de tijolos de meus sogros, também localizada no Brooklyn. Eu gostava muito deles. Assim como o filho, eram muito generosos e compraram móveis novinhos em folha para nós. Animada por estarmos morando na casa dela, minha sogra se alegrava em comprar bons vestidos para mim, especialmente porque eu tinha pouquíssimas roupas. Ela também pagou por meu vestido de casamento, já que minha mãe planejava comprar um no brechó. Minha sogra ficou chocada.

“Minha nora *nunca* vai se casar com um vestido usado”, foi sua resposta final. Então acabei usando um vestido de casamento novo e maravilhoso.

Continuamos a nos encontrar com amigos e familiares, e a frequentar a igreja, uma paixão que Wesley e eu compartilhávamos. Mais tarde, faríamos parte do coral, cantando melodias repletas de amor e louvores a Deus.

Depois de muito economizar e procurar, mamãe e tio Vanya encontraram a casa dos sonhos deles – um sobrado em Saint Johns Place, no Brooklyn, que na época custou 19 mil dólares. Era como uma obra de arte por dentro: piso de madeira coberto por pesados tapetes persas de lã, portas de madeira maciça, com maçanetas ornamentadas por entalhes, pé direito alto, janelas grandes, magníficos candelabros de cristal, sancas impressionantes, lareiras de mármore com exterior esculpido e escadarias de madeira com balaústres

decorados subindo por todos os andares. A residência tinha três andares, além da antiga dependência dos empregados no porão.

Na época, mamãe recebeu uma carta de vovó Barbara: “Minha querida filha, então você e Vanya estão planejando comprar uma casa? Não se preocupe com o dinheiro, querida. Tenho muitas galinhas. Posso vender ovos e mandar o valor para você dar a entrada.” Mamãe sorriu.

Mamãe e tio Vanya alugaram os dois pisos superiores e ficaram com o primeiro andar e o porão. Havia também um quintal, no qual mamãe cuidava de um jardim de rosas, que ela amava tanto.

A casa era imensa e vazia, mas sempre havia as lojas de segunda mão. As únicas coisas novas que mamãe comprou foram cortinas de renda para pendurar nas grandes janelas. Enquanto voltava do trabalho, ela muitas vezes encontrava itens descartados na calçada: sofás, cadeiras, quadros e pratos de porcelana. Os conjuntos nunca estavam completos, mas quem se importava? Era melhor do que comer em vasilhas de lata.

Certa vez, ela encontrou uma cama. Era grande, mas as tábuas de madeira que a apoiavam eram finas e ásperas, e o colchão era meio fino. No entanto, era de graça e serviria por um tempo.

Posteriormente, compraram um televisor, que eles amavam assistir. O aparelho ajudou mamãe a melhorar o inglês; ela estudava no Brooklyn Community College à noite, após o trabalho. Progredia rápido e se mantinha atualizada com o noticiário, transmitido, é claro, em inglês.

Já tio Vanya não entendia, e mamãe precisava traduzir para ele. A incapacidade de aprender a nova língua era um verdadeiro ponto fraco. Porém, seu orgulho o prejudicava, e ele não admitia que precisava de ajuda. Recusava-se a fazer o mesmo esforço que mamãe para aprender inglês. Em vez disso, ele a depreciava sempre que tinha oportunidade, sobretudo na frente de amigos. A situação ficou tão feia que as amigas de mamãe diziam:

– Dusia, por que você deixa seu marido tratar você desse jeito? Afinal, você é uma mulher inteligente. Por que não se divorcia?

Ela respondia:

– Ah, não liguem para ele. Já estou acostumada.
Entretanto, a semente foi plantada e germinaria.

Capítulo 30

Alguns meses depois, eu apresentava todos os sinais: estava grávida. Com a notícia, havia ainda mais animação na família Czerkasij. Meus sogros estavam empolgados pela chegada do primeiro neto. Mamãe, porém, sentia-se mais preocupada com minha saúde.

Usei vestidos de grávida antes do necessário porque mal podia esperar a chegada do bebê. E a coisa mais importante que precisávamos fazer era comprar um carrinho. Meus sogros, Wesley e eu fomos até uma loja que tinha boas opções. A futura vovó exigiu o melhor e mais caro carrinho que houvesse. Para ela, nada parecia bom o bastante.

– Senhora – disse o vendedor já exasperado –, esse carrinho é muito bom!

Assim compramos um carrinho azul e branco com rodas brilhantes de cromo.

Em setembro nasceu nosso garotinho Victor. Ao contrário da experiência de minha mãe ao dar à luz, meu parto foi fácil, e minha alegria não tinha limites. Todos compartilharam da mesma felicidade e empolgação. Quando chegamos em nossa casa com Victor, descobrimos um piano novinho em folha na sala, um presente e sinal de apreço de meus sogros.

Dois anos depois, fomos agraciados com a chegada de Yaroslav (nós o chamamos de Jerry), nosso segundo filho. Assim que o coloquei no berço pela primeira vez, Victor jogou uma bola no rosto dele e ficou surpreso porque Jerry não a jogou de volta. Ele esperava um companheiro instantâneo de brincadeiras.

A chegada de Jerry foi motivo de mais alegria e celebração. Desta vez, meus sogros me presentearam com um xale de pele de *vison*.

Em um dia de sol, três semanas depois, enquanto voltava de uma caminhada com meus meninos, encontrei um vizinho, dono de uma loja de bicicletas ao lado de nossa casa. Claramente transtornado, agitando os

braços pelo ar, gritou para mim:

– Mataram o presidente!

Nunca me esquecerei daquele doloroso dia em que perdemos o presidente Kennedy.

Certo dia, havia muita animação na família Czerkasij. Esperávamos a visita de um amigo de meus sogros, um colega de classe lá da Ucrânia. Ele era bispo da Igreja Ortodoxa Grega ucraniana. Sabia-se que ele havia sofrido perseguição e prisão pelos comunistas por suas crenças religiosas, mas, de algum modo, conseguira a liberdade.

Ele nos honraria com uma visita. Minha sogra começou a preparar um banquete e a colocar a mesa. Fui orientada sobre como deveria cumprimentar o bispo.

– Você abre as mãos em concha. – ensinaram meus sogros. – Ele irá colocar a mão esquerda sobre as suas, e você deve beijá-la. Com a mão direita, ele fará o sinal da cruz sobre sua cabeça e pronunciará uma bênção.

Entendi que era uma ocasião muito solene e importante, já que se tratava de um homem de Deus.

Enquanto nos assentamos à mesa saboreando a deliciosa refeição e companhia, passou por minha mente que meu primogênito também poderia ser abençoado. Corri até embaixo, onde Victor estava, peguei-o e o trouxe para cima.

– Excelentíssimo Padre – comecei a me dirigir com todo o respeito ao bispo –, por favor, abençoe meu filho também.

Quando o bispo se levantou, Victor soltou um grito penetrante. Não é de se espantar – ele viu um homem alto, vestido de preto, com uma barba comprida e densa, usando uma grande cruz em volta do pescoço. Morri de vergonha enquanto segurava meu pequeno, que chutava e gritava, com os braços envolvidos bem apertados ao redor de meu pescoço.

– *Vitya* – eu suplicava –, feche os olhos, acalme-se.

O bispo esperou com toda a paciência enquanto Victor se aquietava, mas

pude detectar um sorriso por baixo do bigode enquanto ele abençoava meu filho. Anos mais tarde, Victor cresceria e se tornaria mestre em Teologia, daria aulas de religião e pregaria em muitas igrejas.

Três anos depois, pedi a mamãe que cuidasse dos meninos para mim enquanto fazia uma consulta no mesmo médico que me atendera na gestação e no parto deles. Seu rosto transbordava de pena e compaixão enquanto olhava para mim.

– Pobre *Allachka*, minha filhinha – disse ela, abanando a cabeça.

– Mas mamãe, nós *queremos* este bebê. Desejamos uma menininha – expliquei.

A expressão de mamãe mudou imediatamente. Ela bateu os pés, exasperada e nervosa.

– Como você é boba! Porém – ela continuou reflexiva –, se for uma menina, darei uma grande festa de batizado no salão da igreja. Se for outro menino, você cuidará da celebração.

Um ano depois, mamãe cumpriu a promessa e deu uma festa. Deus nos abençoou com uma bela filhinha, Natalie, cujo nome foi dado em homenagem a minha *babushka* Natasha. Assim nossa felicidade foi completa. Nessa época, Victor tinha seis anos, e Jerry, quatro. Eles se alegraram muito com a chegada da irmãzinha. Aliás, certa vez saí de casa recomendando aos garotos que cuidassem da irmã caçula, mas voltei para buscar algo que havia esquecido. Achando que eu era uma invasora, os meninos ficaram de guarda no alto das escadas, com facas de manteiga nas mãos.

Capítulo 31

Nessa época, vivíamos em nossa própria casa no Brooklyn, que ficava perto do sobrado de mamãe. Mesmo com três crianças pequenas, dificilmente perdíamos uma missa. Queríamos inspirar em nossas crianças o amor a Deus e à igreja. Às vezes, eles ainda estavam dormindo quando os levávamos para o carro. Porém, comecei a sentir um vazio espiritual. Por mais que eu amasse cantar na igreja, sentia a necessidade tremenda de ter um conhecimento maior sobre Deus e descobrir mais sobre quem Ele realmente era. Eu sempre orava: “Querido Deus, por favor, leva-me para perto de pessoas que O adorem de verdade. Quero seguir o Senhor por completo.”

Deus respondeu logo em seguida. Contraí pneumonia por micoplasma. Meu rosto e minhas mãos se encheram de bolhas. Eu não conseguia me movimentar, nem deitar de barriga para cima. Fiquei extraordinariamente fraca. Com a fralda molhada e com fome, Natalie, ainda bebê, chorava de fazer dó, mas eu não conseguia nem pegá-la no colo.

Para o bem de minha saúde, decidimos que seria melhor sair de Nova York e nos mudar para uma região com melhor qualidade do ar. Meu sogro nos deu o dinheiro de entrada para comprarmos uma antiga casa vitoriana para duas famílias em Peekskill, que ficava do outro lado do rio Hudson, próximo à academia militar em West Point.

A cidade de Peekskill fica no norte do condado de Westchester. Tem muita história e belos prédios que datam dos primeiros anos de nossa grande nação. Nossa casa fora construída por um banqueiro no final do século 19. Era espaçosa e bem construída, com piso de madeira, pé direito alto e uma grande varanda. Mais tarde, ela foi dividida em dois apartamentos principais, com porão e sótão pequenos adicionais. Nós cinco morávamos no apartamento de quatro quartos do segundo piso. Conseguíamos uma boa renda com os inquilinos, mas tivemos muitas dores de cabeça com eles. Wesley e eu precisamos progredir rápido e aprender

muito.

Enquanto isso, Wesley continuava a trabalhar como motorista de trator e *trailer* na cidade de Nova York e ia para lá todos os dias. Saía antes do sol raiar e voltava à noite, após um longo dia de trabalho duro, levando cargas pesadas nas costas. A responsabilidade de cuidar dos filhos e lidar com os inquietos recaía sobre meus ombros.

Não havia nenhuma igreja ortodoxa grega na região e eu sentia falta de frequentar a missa. Pessoas de diversas denominações batiam a nossa porta compartilhando sua literatura e suas crenças. Eu era respeitosa e tinha a mente aberta, já que admirava a dedicação delas e seu conhecimento acerca da Bíblia – algo que eu não tinha. Convidavam-me para visitar suas igrejas e eu ia. Os cultos eram diferentes dos que eu estava acostumada, mas eu gostava. Wesley não era contra eu ir a essas igrejas, pois queria que eu ficasse feliz. Durante quatro anos, as crianças e eu frequentamos a Igreja Aliança Cristã e, às vezes, visitávamos uma série de outras. Meu interesse por Deus só crescia enquanto eu via meus filhos aprenderem versículos da Bíblia e cânticos cristãos. Eu gostava das atividades de artes da escola cristã de férias. Porém, nunca fiz amizades próximas. Quando o culto terminava, só voltávamos a interagir na manhã do domingo seguinte.

Certo dia, recebi uma carta muito aguardada de um advogado que eu havia contratado quando saímos de Nova York. Houve muitos rumores entre os imigrantes com respeito à reparação por parte do governo alemão para pessoas como eu – que havia perdido o pai e a saúde em decorrência da guerra. Por isso, a primeira coisa a fazer era conseguir um advogado. Encontrei um senhor que ficou feliz em aceitar meu caso e garantiu que eu tinha as qualificações e o potencial para receber compensação por minhas perdas.

A certidão de óbito de papai não foi suficiente. Precisei entrar em contato com meu médico na Alemanha e pedir que ele escrevesse uma carta para meu advogado, contando o que se lembrava da minha condição de saúde, já que fora ele quem fizera minha cirurgia pulmonar antes do início do tratamento de pneumotórax. Conseguir essa carta não foi difícil, já que

mantínhamos contato por meio de correspondências regulares. Ao que parece, outros pacientes também mantiveram contato, e o médico me atualizava sobre como todos estavam passando. Quando chegou meu pedido por informações, ele foi generoso e ficou feliz em ajudar.

Meu advogado ficou satisfeito – todos os fatos do caso eram bem comprovados por evidências. Porém, ele também me advertiu de que poderia levar muito tempo para resolver a questão. E levou mesmo. Na verdade, demorou tanto que me esqueci, até anos mais tarde, naquela primavera de 1972.

Fiquei olhando para o envelope registrado em minhas mãos. Com dedos trêmulos, eu o abri. Ali dentro se encontrava um cheque de 8.217,34 dólares. O advogado ficara com seus honorários e descontara também a taxa bancária de transferência do dinheiro. Fiquei perplexa com o baixo valor atribuído à vida de meu pai. A felicidade em receber o cheque imediatamente se transformou em tristeza profunda.

Como estávamos precisando de um carro novo, o cheque foi uma bênção e permitiu que comprássemos uma perua Ford Torino. Nessa época, as crianças estavam com doze, dez e seis anos de idade e mamãe havia sugerido que todos fizéssemos uma viagem ao norte do estado para visitar um casal que ela conhecia da Ucrânia.

Depois de dirigir por horas, chegamos a nosso destino. Tio Timothy e tia Vera tinham uma fazenda de laticínios com 70 vacas e bastante terra. Os dois trabalharam em fábricas logo que chegaram aos Estados Unidos, mas economizaram cada centavo. Filhos de fazendeiros, eles amavam o campo e queriam um pedaço de terra para si. E calhou de aquela fazenda estar à venda. Quase não havia casas por perto, e a que estava disponível era espaçosa. Quando um centro comercial com um posto de gasolina lhes ofereceu um bom preço por um pedaço da propriedade deles, aceitaram com alegria. Ainda havia bastante terra para as vacas e para o uso pessoal.

Tio Timothy era robusto, de barriga redonda e pescoço curto. Seu rosto era enrugado e marcado pelo tempo. Ele sorria bastante, tinha aspecto feliz e bem-humorado. De imediato, ele e as crianças se deram bem, e ele as

chamou para andar de trator depois do jantar.

Tia Vera era séria e não sorria. Para falar a verdade, nunca vi os dentes dela. Seu cabelo era puxado para trás em um coque apertado e seu rosto, prematuramente enrugado pela exposição constante ao sol. Era uma mulher prática que gritava bastante com o tio Timothy. Não era nada de grave, apenas o jeito deles de se comunicar. Ele respondia com um sorriso e continuava o que estava fazendo. Porém, tia Vera também era muito generosa e de bom coração.

Ficamos bem felizes de passar tempo juntos. Tio Timothy e tia Vera aproveitaram a folga da rotina monótona de cuidar da fazenda de laticínios. Passaram bastante tempo relembando o passado com mamãe, já que os três haviam crescido juntos na mesma vila, frequentado a mesma escola e conheciam muito bem a família uns dos outros.

Comemos ovos frescos do galinheiro e tia Vera fez um cozido gostoso de um bezerro recém-abatido. Também consumimos verduras da horta deles.

Dezoito anos antes, tia Vera ficara grávida sem planejar. Ela não ficou muito animada, já que eles trabalhavam bastante na fazenda e já tinham uma filha na faculdade na época.

Ela nos contou que, enquanto estava grávida, escalou a escada do depósito para ver quanta forragem havia lá. Perto do topo, ouviu o barulho de sirenes, olhou para baixo e viu dois carros de polícia e um caminhão de bombeiros em volta do depósito. Os homens acenavam freneticamente e gritavam para que ela descesse.

Ela desceu devagar, com a barriga pesada, não gostando nem um pouco de ser interrompida. Quando chegou ao chão, sua fúria explodiu, e ela gritou com os homens bem-intencionados. Os pobres bombeiros e policiais não sabiam que ela vinha de um país onde as mulheres varrem as ruas da cidade, cavam valas e trabalham nos trilhos de trem.

– Como eles sabiam que você estava ali? – perguntou mamãe.

– Bem – tia Vera respondeu –, algum bobão que estava dirigindo pelas redondezas chamou a polícia. Provavelmente pensou que eu estava tentando

me suicidar.

Até hoje damos muita risada dessa história.

Pouco tempo depois, tiveram um menino saudável e ficaram felizes por sua ajuda na fazenda enquanto crescia.

Depois do jantar, em nossa última noite ali, tio Timothy se voltou seriamente para mamãe e, muito emocionado, anunciou:

– Dusia, você se lembra de que minha família era muito pobre. Éramos cinco filhos e só havia três pares de sapato para as crianças. Enquanto três brincavam na neve, os outros dois precisavam esperar dentro de casa por sua vez de usar os sapatos. Havia escassez de comida, sobretudo no inverno. Durante esses períodos, seu pai aparecia em uma carroça e descarregava um saco de batatas e um de cenoura, jarras de tomates e pepinos em conserva, alguns pães que sua mãe fazia e outros alimentos que nos faltavam. Em memória dele, quero oferecer a você e a Alla o novilho que acabei de abater.

Comemos solenemente na mesa, enxugando as lágrimas, enquanto as memórias nos inundavam. Em nossa vida, houvera muita tristeza, mas, ao mesmo tempo, bastante bondade e alegria.

No dia seguinte, o tio Timothy havia preparado a carne para levarmos, toda cortada, congelada e profissionalmente embalada.

Um dia depois de chegarmos a nossa casa, recebi a ligação de uma diaconisa da Igreja da Aliança Cristã que eu frequentava. Ela me perguntou se eu poderia fazer o favor de preparar uma refeição para uma das famílias da igreja. A mulher se encontrava hospitalizada e o marido estava em casa com três crianças pequenas.

A carne no congelador se transformou em uma grande e saborosa panela de guisado. Quando a jovem mãe voltou para a casa e a família pôde ir à igreja, eles não paravam de me agradecer por minhas habilidades culinárias. Então pensei comigo mesma: “Vovô Gregory ficaria muito feliz em saber que sua bondade se estendeu até as terras norte-americanas!”

Não muito tempo depois, mamãe e eu também tivemos o privilégio de ir para outro Estado, de avião, visitar um casal que morava perto dos filhos e netos. Havíamos passado juntos pela guerra, vivido no mesmo campo de trabalhos forçados e vivenciamos a libertação proporcionada pelo exército norte-americano.

A reunião foi muito feliz. Eles moravam em uma boa casa, tinham um jardim e um pomar, e a dona da casa era excelente cozinheira. Sentamo-nos à mesa recordando os detalhes do passado e as experiências terríveis que sofremos. Perguntei ao anfitrião que tipo de homem fora meu pai.

– Bondoso e sonhador – ele respondeu.

Depois que a sobremesa foi servida, nossa anfitriã foi para o canto da sala de jantar e ficou assentada ali em silêncio. Percebi que sua mente estava distante, e ela parecia triste. Permanecemos ali por alguns dias e nos preparamos para voltar para casa. Quando mamãe e eu nos acomodamos uma ao lado da outra no avião, perguntei por que tia Milla agira de maneira tão estranha.

– Você percebeu? – mamãe me perguntou com surpresa.

Fiz que sim com a cabeça.

– Bem – continuou –, fiz a mesma pergunta ao marido, e ele respondeu que ela ficou daquele jeito no dia em que mataram Nero. Parece que eles participaram desse ato de violência, e isso a tem assombrado desde então.

Nessa ocasião, entendi por que Deus detivera a mim e a mamãe, e não voltamos correndo para o campo depois que os norte-americanos nos deram de comer. Ele me protegeu de testemunhar mais violência além da que já tinha visto ainda tão jovem. Sou levada a lembrar do que Deus diz: “‘Minha é a vingança; Eu retribuirei’, diz o Senhor” (Romanos 12:19). Quando ferimos os outros, machucamos a nós mesmos.

Capítulo 32

Certo dia, Wesley decidiu levar a família para passear e conhecer nossa nova região, pois ainda nos considerávamos recémchegados em Peekskill. Em uma rua lateral silenciosa e curta, havia uma pequena igreja branca, cercada por um belo gramado verde. Li a placa: “Igreja Adventista do Sétimo Dia”. Eu nunca havia ouvido falar dessa denominação e ri comigo mesma: “Que nomes estranhos as pessoas inventam para as igrejas!”

Em uma noite gelada de outono, algum tempo depois, minha campainha tocou. Quando abri a porta, uma bela jovem estava ali, sorrindo timidamente. Suas bochechas eram rosadas e vi um brilho em seus olhos. Ela estava segurando uma lata redonda nas mãos, pedindo doações para uma causa digna. Eu a admirei por sair espalhando suas crenças, mas me senti um pouco culpada e sem propósito na vida. Logo seu marido, John, se aproximou. Parecia um menino, mas se apresentou como pastor. Como os dois eram baixinhos, pareciam duas crianças, e meu instinto maternal foi despertado. Eu os convidei para entrar, dei-lhes meu telefone e pedi que voltassem para fazer uma visita. Eu nunca havia dado meu número de telefone para estranhos antes, mas, por algum motivo, confiei naqueles dois. Antes de ir embora, o jovem pastor se ofereceu para orar. A prece foi curta, mas tocou meu coração.

Ele me ligou mesmo, e os dois apareceram alguns dias depois. Dessa vez, porém, Bonnie, a mulher do pastor, levou um delicioso pão caseiro. Fiquei impressionada. Quando eles se assentaram no sofá, perguntei o nome da igreja.

– Adventista do Sétimo Dia – responderam. Uma luzinha se acendeu em minha cabeça e dei um largo sorriso.

– Vou visitar vocês em um domingo – falei. Não tive resposta. Finalmente, o Pastor John criou coragem:

– Não adoramos aos domingos.

Fiquei confusa.

– Quando então vocês adoram?

– Aos sábados.

– Achei que vocês fossem cristãos – disse eu, decepcionada.

– Mas nós somos – afirmaram.

– Vejam bem – eu disse com a maior paciência que consegui –, os judeus vão à igreja aos sábados; os cristãos, aos domingos. Percebem?

Eles não pareceram concordar comigo. Apenas ficaram assentados ali em silêncio.

Pois bem, pensei, vou manter contato com eles e esclarecer as coisas um dia.

Enquanto isso, meu marido e eu continuávamos a frequentar encontros com os amigos da cidade. A véspera de Ano Novo era uma ocasião especial, quando eu colocava minha roupa mais elegante: vestido longo, xale de *vison* e joias. Estávamos todos arrumados, assim como nossos amigos.

A orquestra tocava, dançávamos, e bebidas eram servidas. Sentada ao lado de meu belo marido, senti uma dor súbita no peito, tão forte que mal conseguia respirar. Quando olhei para Wesley, sentado ali com um cigarro em uma das mãos e um copo de bebida forte na outra, percebi, mesmo bêbada, que não gostava de vê-lo daquele jeito. Então olhei para minha mão, segurando um copo de bebida e fiquei chocada. Festejar daquele jeito não era algo incomum para nós, mas foi a primeira vez que aquilo me incomodou.

Virei para ele, engasguei e disse, quase chorando:

– Wesley, neste exato momento, eu preferiria estar sentada na igreja ouvindo um bom sermão.

Meio embriagado também, ele me olhou surpreso:

– Você está doida. Beba mais uma dose.

Sim, pensei comigo mesma, devo estar perdendo a cabeça. Quero ir embora daqui. Não pertencemos a este lugar.

De algum modo, conseguimos chegar a nossa casa em segurança, mas a vontade de sentar em uma igreja e escutar um bom sermão persistiu.

O pastor John começou a me fazer visitas regulares, e eu passei a estudar a Bíblia com ele. Sempre ávida por aprender, eu absorvia cada palavra das Escrituras. Fiquei muito orgulhosa de mim mesma quando decorei Jeremias 29:13: “Vocês me procurarão e me acharão quando me procurarem de todo o coração.” Essa promessa se aplicava a mim – eu estava procurando com cada célula de meu ser. É claro que Wesley também tinha suas perguntas, mas, às vezes, ele só queria provar que o pastor estava errado. As respostas vinham diretamente da Bíblia, e meu marido não conseguia vencer; isso o deixava bravo com o jovem ministro.

Enquanto isso, eu continuava a visitar outras igrejas. Mencionei, certa vez, que estava fazendo estudos bíblicos com um pastor adventista. Essa notícia despertou emoções acaloradas. Aquelas queridas mulheres se agitaram e me disseram que havia uma senhora naquela igreja que escrevia coisas além de sua compreensão. Eu não fazia ideia de quem era “aquela senhora”. Com certeza, se os tivesse desencaminhando, os adventistas deveriam se livrar dela. Porém, aquilo permaneceu um mistério.

Houve um pastor que me chamou para me advertir de que os adventistas eram fanáticos acerca da guarda do sábado, mas que podíamos adorar na terça-feira e considerá-la um dia santo se quiséssemos, não fazia diferença. Agora eu estava bem confusa. Mesmo assim, continuei a frequentar a igreja do pastor John e não achei as pessoas extremistas. Pelo contrário, eram bem amigáveis. Fiquei impressionada ao perceber que tanto jovens quanto velhos eram bem versados nas Escrituras.

Fazíamos junta-panels e, após os cultos, eu levava alguns pratos preparados por mim. Descobri o vegetarianismo e aprendi a fazer esse tipo de alimento em casa, mas Wesley não ficou contente.

– Apenas me dê minha carne, meu purê de batatas e molho madeira – dizia.

E isso eu fazia fielmente, mas não deixava de incorporar aqueles pratos novos e saudáveis. Nossos filhos participaram na escola cristã de férias no verão, e eu me envolvi cantando com os pequenos e ajudando-os a memorizar versículos da Bíblia.

Também comecei a fazer novas amizades. Podíamos passar o dia inteiro juntos em adoração, comunhão, cânticos e compartilhando a bondade de Deus em nossa vida. As pessoas tinham uma vida pura e feliz, bem como um ótimo senso de humor.

Além disso, a igreja promovia a educação superior e a mensagem de saúde. Como eu sempre precisara cuidar bem da saúde (na época, eu havia contraído lúpus, uma doença autoimune), a mensagem de saúde também falava muito a meu coração.

Chegou o momento em que eu senti que minha busca por uma caminhada mais próxima a Deus acabara. Eu finalmente havia chegado à minha casa. Anunciei para meu marido que queria ser batizada, e ele ficou bastante incomodado. Em geral, eu tinha liberdade para fazer o que quisesse, contanto que estivesse feliz, mas não dessa vez. Ele ficou irritado, de mau humor e nem ligava para minhas tentativas de agradá-lo, como uma esposa cristã deve fazer. Nossos filhos sentiram a tensão entre nós, e isso se refletiu em uma situação infeliz dentro da família. Confiei na orientação de Deus durante essa batalha espiritual, e Ele continuou a dirigir.

Nesse meio-tempo, li um livro chamado *O Desejado de Todas as Nações*, escrito por “aquela senhora”, Ellen G. White. Quando acabei o capítulo chamado “Getsêmani”, caí no choro, pois ele me mostrou de forma tão vívida o quanto Jesus sofrera por mim e que meus pecados e os pecados das pessoas do mundo inteiro esmagaram seu pobre e inocente coração. “Senhor Jesus”, orei, “Tu passaste por tudo isso por mim? Então toma-me e usa-me. Quero dedicar minha vida a ti.”

Após dez meses de estudos bíblicos, me decidi por Deus e fui batizada. Foi um momento muito feliz em minha vida. Entendi que não havia nada de

bom em mim, então me coloquei diante do Senhor para me tornar uma nova pessoa. Nos primeiros dias, fiquei extremamente empolgada. Não conseguia parar de sorrir e compartilhar minha nova fé.

Embora estivesse feliz com minha nova vida como cristã, comecei a enfrentar uma batalha espiritual e emocional tremenda. Era como se eu fosse lembrada o tempo inteiro do mal em meu caráter e como se cada pecado em minha vida fosse apontado. Comecei a duvidar de minha conversão e fiquei deprimida, algo que nunca havia sentido antes. Não conseguia dormir e chorava por coisas pequenas.

Virava-me de um lado para o outro na cama, certa noite, quando decidi dormir no sofá da sala, pois meu marido precisava descansar. Ainda estava acordada e agitada quando, de repente, a sala ficou absolutamente negra. Não havia um raio de luz sequer, muito embora fosse um cômodo no canto do segundo piso, e as luzes dos postes, bem como a lua e as estrelas, normalmente brilhassem pela janela. Senti uma presença maligna e um peso pressionando meu peito. Mal conseguia respirar e meu coração batia forte. O pânico tomou conta de mim e comecei a orar: “Ó, Deus querido, ajuda-me!”

Então, enquanto o ambiente ainda estava muito escuro, vi o que parecia ser uma caneta de fogo desenhando a silhueta de um homem na ponta do sofá onde eu estava deitada, imóvel. Entendi ser uma imagem de Jesus. Compreendi também que era apenas um símbolo de sua presença em minha vida.

De repente, o ambiente foi inundado pelo que pareceu uma luz celestial. Virei a cabeça para olhar pela janela, mas ela e as paredes haviam desaparecido. Em vez disso, vi anjos descendo do céu em uma grande fila. Não estavam com roupas do tipo que conhecemos. Pareciam estar envoltos por uma névoa brilhante, de cor azul clara, que estava em constante movimento, como se uma brisa suave soprasse. As extremidades das vestes e das mangas eram amplas e bordadas em ouro. Suas expressões faciais não eram claras, mas parecia que tinham cabelos longos e ondulados. Senti que bondade e amor emanavam deles. A visão durou apenas alguns segundos,

mas mudou minha vida para sempre. Muito embora tenha continuado a enfrentar dificuldades ao longo da vida, nunca mais duvidei de minha conversão e de ser completamente aceita por Deus.

Wesley finalmente começou a ir à igreja comigo e com as crianças quando havia pregadores convidados e ficava para o almoço junta-panels que acontecia após o culto. Ele admitia que gostava bastante dessas ocasiões. O Espírito Santo estava trabalhando no coração dele.

Enquanto isso, um grupo de membros de nossa pequena igreja decidiu abrir um restaurante vegetariano na região. A comida era deliciosa, nutritiva e barata. Para nós, sair para comer fora era uma ocasião rara e especial, pois ainda tínhamos dificuldades financeiras. Eles também ofereciam, à noite, um curso sobre como deixar de fumar. Wesley fumava muito, por isso participou do programa. Ali ele assistiu a um filme mostrando uma cirurgia em pulmões pretos, tomados pelo câncer – em decorrência de fumar – e isso exerceu um profundo impacto sobre ele. Houve até médicos palestrando, e Wesley, impressionado pelos profissionais, logo decidiu largar o cigarro.

Capítulo 33

Porém, havia chegado o verdadeiro teste da fé. Nessa época, meu sogro já havia morrido de câncer de pulmão, mas a mãe de Wesley anunciou que não colocaria os pés em nossa casa por causa de minha mudança de religião. Eu sabia que ela estava falando sério e, por cinco anos, ela não foi nos visitar. Continuamos a levar as crianças ao Queens para vê-la, mas as visitas eram bem tensas, para dizer o mínimo.

Embora tenha sido difícil para Wesley aceitar minha fé no início, seu coração foi se sensibilizando pouco a pouco. Um ano e meio depois, em fevereiro de 1975, ele e Victor, nosso filho mais velho, foram batizados. Continuamos a fazer amizades e participamos de um acampamento cristão naquele verão com programas maravilhosos para todas as idades.

No outono, Victor se matriculou na Garden State Academy, escola de ensino médio em regime de internato da Igreja Adventista do Sétimo Dia, localizada em Tranquility, Nova Jersey. Só tínhamos 3 mil dólares na poupança e gastamos tudo com a educação dele. Os alunos, além de estudar, trabalhavam também. Alguns dos professores eram ex-missionários e todos eram cristãos dedicados. A instituição ficava a 120 km de casa, e nosso filho vinha nos visitar uma vez por mês.

No ano seguinte, porém, não tínhamos dinheiro para Victor voltar. Chegou o dia de matrícula, e Wesley não tinha a intenção de levá-lo de volta para o colégio; por isso, avisamos a escola que Victor não retornaria. Wesley, Victor e eu tivemos uma discussão acalorada. Victor arrumou as malas e insistiu em voltar, dizendo:

– Deus proveu por um ano; Ele proverá o restante.

Fiquei dividida entre meu marido e filho. Finalmente, disse para ambos:

– Eu e minha casa serviremos ao Senhor.

Fui para o quarto e me ajoelhei perto da janela, chorando e derramando

meu coração diante de Deus. Enquanto eu orava, ouvi o telefone tocar. Um instante depois, Victor entrou sorrindo. O diretor havia ligado para nos informar que um dos funcionários da escola havia se comprometido a doar uma quantia mensal do estipêndio de Victor. A família inteira se ajoelhou em alegre oração de agradecimento. Prontamente carregamos o carro e partimos para Nova Jersey.

No ano seguinte, Jerry foi para a mesma escola que o irmão. Ambos fizeram muitos amigos e aproveitavam os programas especiais.

Enquanto desfrutávamos essa nova vida, as coisas não iam tão bem para mamãe.

Ela veio nos visitar certo fim de semana e compartilhou uma história terrível, embora meio cômica, sobre ela e tio Vanya. Em uma noite de verão, enquanto dormia no sobrado deles no Brooklyn, ela acordou com um barulho na sala. Ela cruzou o corredor na ponta dos pés e abriu a pesada porta enquanto ligava a luz. Um jovem baixinho e magricela correu na direção dela com uma faca na mão. Ele só queria fugir da casa, mas mamãe agiu rápido. Ela bateu a pesada porta e prendeu o intruso, enquanto gritava:

– Vanya! Vanya! Ajude-me!

Ao que tudo indicava, ele não estava com nenhuma pressa e não apareceu para socorrê-la.

Felizmente, meu irmão George, já homem crescido, subiu correndo do piso de baixo, onde dormia. Ele segurou o intruso em uma chave de pescoço enquanto mamãe chamava a polícia. Parece que o meliante havia tentado cortar os fios da TV que eles haviam economizado tanto para comprar. Mamãe acabou dando um soco no nariz dele.

Quando os policiais chegaram e viram o que mamãe havia feito com o suposto ladrão, eles a repreenderam por fazer justiça com as próprias mãos. Ela ficou furiosa e queria dar um soco no nariz deles também. Enquanto a polícia algemava o culpado, tio Vanya apareceu.

– Vanya, por que você não veio quando pedi sua ajuda? – ela perguntou.

– Você acha que eu sou o quê, uma besta? – respondeu ele.

– Bem – ela nos contou –, parece que ele não se importava muito se eu saíria daquela situação viva ou morta.

E então me lembrei do rádio, na Alemanha.

Enquanto isso, George terminou os estudos como técnico de raio X e decidiu se mudar para a Califórnia. Ele conseguiu emprego em uma *van* médica e partiu para San Francisco, em busca de uma nova vida e de um futuro brilhante.

A vida continuou como de costume para mamãe e tio Vanya. Eles sentiam saudades do filho, mas o trabalho os mantinha ocupados. Por um período, as coisas permaneceram em paz – até que a cama deles desabou e o casamento também.

Mamãe estava dormindo profundamente quando, de repente, sentiu uma dor no rosto. Ela pulou e viu tio Vanya com uma de suas camisas na mão.

– Aqui, sua vaca preguiçosa, costure o botão que caiu – ele ordenou.

Enquanto ela dormia, ele jogara a camisa em sua direção com tanta força que o botão de uma das mangas havia batido no rosto dela. Em obediência, ela pregou o botão enquanto tio Vanya foi dormir.

Foi nesse momento que mamãe finalmente se cansou. “Eu vou matá-lo. Mas como?”, pensou ela. Então ela viu um grande aparelho de rádio no criado-mudo. Ela o desconectou e se colocou ao pé da cama. “Vou esmagar a cabeça dele”, decidiu. Enquanto levantou o rádio e o arremessou com toda a força, perdeu o equilíbrio. Em vez de cair na cabeça dele, o rádio atingiu o criado-mudo e ela caiu em cima do tio Vanya. A força da queda fez as tábuas ásperas que apoiavam o colchão se quebrarem e o colchão fino dobrou como um sanduíche sobre os dois cônjuges brigões. Como eles lutaram para sair daquela situação! Depois de muito puxar e empurrar, finalmente conseguiram se livrar e caíram na risada. Pouco depois desse incidente, porém, mamãe contratou um advogado de divórcio. Ela o amava, mas não conseguia mais aguentar o abuso.

Depois de 27 anos de um casamento tumultuado, tio Vanya deparou com os papéis de divórcio. Ele ficou chocado e teve um derrame. Ele estivera certo de que tinha mamãe nas mãos e nunca pensou, nem sequer por um instante, que ela o deixaria. Atrapalhado, caído, babando e com a fala prejudicada, ele não foi mais a mesma pessoa depois do derrame. Na ocasião, continuou tentando ir atrás dela, mas mamãe se armou com uma frigideira, que ela habilidosamente levantava todas as vezes que ele tentava se aproximar demais. Ele sempre olhava para ela e dizia:

– Olha que você pode até matar alguém assim!

– É exatamente isso que eu quero fazer! – ela respondia.

O divórcio acabou sendo amargo e doloroso para mamãe. Ela se deprimiu logo em seguida. Mamãe me ligava para contar de sua dor. Eu só tinha uma resposta:

– Ore, mamãe!

Eles dividiram o sobrado em dois. Tio Vanya ficou com o porão e o térreo e mamãe com os dois andares de cima. Ela alugou imediatamente o piso de cima. Porém, como ainda moravam sob o mesmo teto, as brigas continuaram, só que ainda piores. Era depois dessas brigas que ela me ligava para chorar.

Pedi a um pastor adventista ucraniano de Nova York que a visitasse regularmente, desse estudos bíblicos, orasse com ela e a aconselhasse. Mais tarde, ela me contou:

– Se não fosse pelo pastor Roshak e sua Bíblia, não sei se eu teria conseguido.

Ele foi uma verdadeira bênção.

Agora que mamãe tinha independência financeira, ela começou a aproveitar a liberdade que isso trazia. Viajava para a Califórnia a fim de visitar George, visitava Alex e Lydia, que estavam morando em Connecticut e vinha me ver com frequência, passando tempo com os netos. Era como se ela saísse das trevas para a luz.

Chegou, porém, o momento em que eles decidiram vender o sobrado e mamãe se mudou para Peekskill, a fim de ficar mais perto de nós, enquanto tio Vanya alugou um apartamento na cidade. Mamãe comprou uma casa em nossa rua com um quintal grande, que ela encheu de flores, especialmente de rosas. As pessoas passavam e a viam trabalhando no jardim. Ela sempre sorria para elas e as convidava para seu “parque”, dando-lhes dicas de como cultivar rosas. Aliás, mamãe chegou até a aparecer no jornal local. Sua casa ficava a dois quarteirões da prefeitura e ela fez amizade com o prefeito da época, George Pataki, que posteriormente se tornaria governador do estado de Nova York. Seu pai fora dono de uma barraca de frutas na beira da estrada, perto do pomar da família e o jovem George aprendera cedo a ajudar na fazenda da família, especialmente colhendo frutas vermelhas. A família Pataki havia imigrado para os Estados Unidos muitos anos antes e costumávamos comprar frutas e verduras deles. Tínhamos boas conversas, já que também haviam vindo da Europa.

Então mamãe colhia belos buquês e os levava até a prefeitura. Ela conhecia os inspetores, as secretárias e o vice-prefeito, o Sr. Jackson. É claro que isso lhe dava a oportunidade de dizer àquelas pessoas queridas como governar a cidade! Às vezes, ela dava boas sugestões; muitas vezes, não, mas os funcionários gostavam dela, de suas flores e eram bastante amigáveis.

Posteriormente, chegou o dia em que ela enfim recebeu a cidadania norte-americana. Ela amava os Estados Unidos e seu povo. Era grata por sua liberdade, beleza e riqueza. A fim de celebrar a ocasião, mamãe deu uma festa em seu quintal. Era um belo dia de verão e seu jardim explodia com uma diversidade de cores. Muitos amigos vieram de toda a região. É claro que o prefeito Pataki e o vice-prefeito Jackson foram também. Uma vez que poucas pessoas conheciam o prefeito, tive o privilégio de apresentá-lo a nossos amigos. Ele era um homem muito simpático, alto e bonito. Ficamos impressionados por ele ter dedicado tempo para nos visitar.

Quando mamãe não estava ocupada trabalhando no jardim, continuava seu *hobby* de empreendedora, transformando a casa de onze cômodos em uma pensão. Como ficava a poucos quilômetros de Indian Point, uma

fábrica de energia nuclear localizada no rio Hudson, muitos dos engenheiros temporários ficavam em sua casa durante a semana de trabalho.

Ela também descobriu outro *hobby* ao conhecer um pequeno hortifrúti. Havia um *container* de lixo atrás da loja onde o dono jogava grande quantidade de produtos velhos nas tardes de sábado. Aquilo atiçou o interesse de mamãe. Ela levava seu carrinho de lavanderia, encapado com um saco de lixo e “mergulhava” na lixeira. Eu entendia o porquê. Com uma origem tão pobre, mamãe detestava desperdício e se sentia compelida a “resgatar” as batatas, cebolas, cenouras, beterrabas e os aipos que seriam jogados fora. Além disso, é provável que ela se lembrasse de seu celeiro e se sentisse bem confortável ali na lixeira.

Certo dia, com a metade superior do corpo dentro do *container* e as pernas balançando acima do chão, ela ouviu alguém buzinar. Mamãe estava bem envolvida em seu projeto e não gostou de ser tão rudemente interrompida. Quando colocou os pés com firmeza no solo, viu um Cadillac branco parado a poucos metros. Ao volante, estava um cavalheiro bem vestido, com um largo sorriso e abanando notas de dólar das mãos.

– Ei! – ele chamou. – Venha aqui. Vou lhe dar alguns dólares.

Ao perceber que ele a havia confundido com uma pedinte, foi sua vez de sorrir. Aproximou-se do carro e disse ao homem:

– Veja bem, querido, coloque seu dinheiro de volta na carteira. Eu não preciso! Você sabe quanto eu tenho no banco?

Olhando triunfante para mim ao me relatar a história, ela riu.

– Eu disse para ele, mas para você eu não conto! Apenas digo que o sorriso daquele homem desapareceu e ele foi embora com toda a pressa!

Por causa das economias de mamãe e de seu empreendedorismo, ela era sempre muito filantrópica e podia ajudar uma série de instituições de caridade e orfanatos. Também contribuiu com as mensalidades escolares de meus filhos nos momentos em que mais precisamos.

Capítulo 34

Na primavera de 1979, chegou o dia da formatura de Victor no ensino médio. Como ele sempre fora o neto preferido de minha sogra, eu a convidei para a cerimônia. Percebi que ela lutou para tomar uma decisão, pois não nos visitava fazia muito tempo, mas, por fim, decidiu ir. Nós a buscamos na cidade e a levamos para o *campus* escolar, onde ela ficou para o programa durante o fim de semana.

Então um milagre aconteceu: ocorreu uma mudança no coração da mãe de Wesley. Ela observou os alunos a seu redor e ficou impressionada ao perceber como aqueles jovens eram gentis. Apreciou a música, os cânticos e a bela paisagem. Ela não parava de me cutucar, dizendo:

– Veja como essas pessoas são felizes! Olhe como sorriem!

Sua atitude começou a abrandar.

Depois disso, ela visitou a igreja adventista ucraniana em Nova York e fez novos amigos. Consegui uma Bíblia em ucraniano e ela começou a ler por conta própria. Muitas vezes, ela olhava para mim e dizia:

– Alla, eu não sabia! As pessoas me diziam tantas coisas negativas sobre suas crenças e agora eu vejo como não era verdade.

Jerry, nosso segundo filho, se formou dois anos depois e os dois irmãos foram para o Southern Missionary College em Chattanooga, Tennessee, enquanto Natalie, a irmã mais nova, se matriculou na Garden State Academy.

Comecei a ganhar uma pequena renda limpando casas e escritórios. Embora nossos três filhos trabalhassem nas escolas, precisávamos bastante do dinheiro extra para pagar o estipêndio das instituições particulares. No entanto, minha verdadeira paixão era atuar na igreja, ajudando no ministério infantil. Sentia como se finalmente tivesse achado algo significativo para fazer na vida.

Visitávamos nossos filhos no Tennessee de vez em quando, enquanto estudavam, e amamos a região. Na época, Victor estava namorando sério com sua paixão do ensino médio – Rene, uma bela moça loira, filha de pastor.

Então chegou o dia em que nossa vida desabou. Meu marido chegou em casa arrasado, com os ombros caídos. A empresa de caminhões na qual trabalhava havia fechado e ele estava sem emprego. Além disso, nosso seguro de saúde estava vencido. Ele correu atrás do seguro-desemprego e procurou outro trabalho como motorista de caminhão. Havia algumas vagas perto de onde morávamos, mas pagavam menos e exigiam que ele trabalhasse aos sábados. Essa não era uma opção para nós, então oramos sem cessar. Sabíamos que nossa fé em Deus estava sendo provada, por isso continuamos a confiar nele.

Finalmente vimos um anúncio em um jornal da região. Indian Point, a fábrica nuclear perto de casa, precisava de seguranças. Meu marido se candidatou à vaga e, para sua alegria, foi aceito. É claro que ele fez questão de explicar que não trabalharia aos sábados. Isso não pareceu ser problema, então ele participou de várias semanas de treinamento e instrução necessários para a função.

Wesley era um candidato perfeito para a tarefa. Ele tinha dois anos de treinamento no exército dos Estados Unidos e nove anos na reserva. Sabia como ficar de guarda e manusear uma arma. Finalmente, o treinamento terminou, ele passou na prova e recebeu um uniforme. Como ficou bonito! Aqueles botões brilhantes o deixavam parecido com um soldado de novo. Ele sempre amara ter servido o exército.

Então o telefone tocou em uma sexta-feira. O homem do outro lado da linha o mandou colocar o uniforme e ir trabalhar no plantão noturno. O pobre Wesley precisou tomar uma decisão rápida e difícil. E foi isso que ele fez.

- Desculpe, mas eu não trabalho durante as horas do sábado – respondeu.
- Ok – disse o homem, muito incomodado. – Então devolva seu uniforme na segunda-feira cedo.

Lá se foi sua oportunidade de trabalho.

Mamãe ficou cheia de raiva quando soube da notícia e compartilhou seu desgosto com os amigos. Para ela, nossa firme fé não passava de pura teimosia e estupidez.

Certo dia, enquanto estava ajoelhada esfregando a banheira da casa de alguém (a propósito, uma ótima posição para orar), derramei meu coração diante de Deus. Wesley e eu estávamos confusos e divididos entre a obediência a Ele, conforme entendíamos que deveríamos fazer, e os problemas do dia a dia que enfrentávamos. Foi então que ouvi uma voz dentro de minha cabeça dizendo: “Chame Wesley para limpar casas junto com você”.

Comecei a fazer contas. Se limpássemos três ou quatro casas por dia, cinco dias por semana, ganharíamos muito mais do que ele como segurança e também poderíamos guardar o sábado. Quase ri alto diante de uma ideia tão brilhante! Quando cheguei em casa, compartilhei o plano com Wesley logo em seguida. Ele não ficou feliz com a ideia, já que era um golpe em seu ego masculino – parar de dirigir caminhões em Nova York para limpar casas comigo. Parecia algo muito depreciativo para ele.

– Bem – perguntei –, por que você não faz pelo menos uma tentativa?

Com muita hesitação e desespero da parte de Wesley, começou nossa carreira de 12 anos na área de limpeza. E, para ser bem honesta, nós gostávamos. Nossos clientes nos chamavam de “engenheiros domésticos”!

Logo depois, porém, minha saúde começou a se debilitar. Fiquei fraca e anêmica e não dava conta do trabalho. Precisava ir ao médico. Ele sugeriu uma cirurgia e fiquei hospitalizada por cinco dias. Como não tínhamos seguro de saúde, o médico permitiu que pagássemos em parcelas, e isso levou muitos anos.

Precisei de um tempo para recuperar as forças, mas nossa situação financeira ficou tão precária que finalmente nos candidatamos ao programa governamental de auxílio alimentar, para conseguir superar a dificuldade. Descobrimos o que é ficar sentado no departamento de assistência social,

esperando, agarrando-nos à esperança de ser aprovados. Foi muito humilhante, pois minha mãe e a dele ficaram horrorizadas ao descobrir que estávamos fazendo aquilo simplesmente porque guardar o sábado era mais importante para nós.

Eu ainda estava me recuperando da cirurgia quando todos viajamos para o Tennessee, para o casamento de Victor e Rene. Victor ainda estudaria por mais um ano para se formar, mas Rene havia acabado de receber seu diploma. Era maio de 1982 e o casamento foi lindo. A noiva era pequenina e parecia uma boneca de porcelana; o noivo era alto, bonito, de olhos azuis e bochechas coradas de empolgação. Eles eram muito jovens naquela época, mas estão felizes juntos até hoje.

Meu irmão George e sua esposa viajaram de avião para o casamento, trazendo consigo o filho recém-nascido. Nós nos apaixonamos instantaneamente pelo pequeno Nicholas e tivemos uma maravilhosa reunião de família naquele fim de semana.

Alguns meses depois, consegui voltar ao trabalho com Wesley. Criamos uma frase para nós baseada na advertência do apóstolo Paulo: “Servos, trabalhem como para o Senhor”. Trabalhávamos duro, éramos honestos e confiáveis e até nos tornávamos amigos dos proprietários das casas. Deus nos abençoou e começamos a pagar devagar as dívidas, sempre devolvendo fielmente os dízimos e as ofertas e mantendo nosso crédito intacto.

Mas o ano não havia acabado. Natalie estava em casa para o feriado de ações de graças quando Victor nos ligou do Tennessee:

– Mãe, está tudo bem, mas Jerry está no hospital. Houve um acidente na fábrica e ele quebrou o braço.

Achei que Victor estava brincando, por isso sua esposa, Rene, pegou o telefone e confirmou que era verdade. Contudo, logo descobriríamos que era mais grave do que um mero braço quebrado.

Nossos dois filhos trabalhavam em uma fábrica de biscoitos perto da faculdade em que estudavam. Naquela noite, Jerry estava sozinho em um local quando os rolos de uma máquina grande pegaram a manga de sua

jaqueta e o puxaram para dentro. Enquanto ele gritava pedindo ajuda, outro funcionário entrou para desligar a máquina, bem a tempo de salvar a vida de Jerry. A máquina parou de funcionar com o rosto de Jerry pressionado contra o compressor. Ele fora puxado para dentro até o ombro. Seu úmero foi esmagado, um nervo radial danificado, vários tendões se romperam no pulso e um dos lados foi gravemente machucado.

A fábrica nos tratou bem e imediatamente pagou minha viagem de avião para ficar com Jerry. Depois de três cirurgias, fisioterapia e muito trauma, dor e sofrimento, seu braço foi parcialmente restaurado.

A vida prosseguiu como de costume até 1986, quando a mãe de Wesley faleceu aos 79 anos. Foi mais fácil suportar a perda porque nosso relacionamento já havia sido restaurado. Alguns anos depois, tio Vanya morreu de Alzheimer. Na época, ele morava em um asilo na Califórnia, próximo a George. Quando George levou o corpo de Vanya para ser enterrado em Nova Jersey, a bagagem de George foi mandada para o Canadá.

– Que bom que Vanya não foi mandado para o Canadá! – mamãe comentou.

Antes da morte de tio Vanya, porém, mamãe e eu tivemos a oportunidade de visitá-lo pela última vez. Quando entramos no quarto, o rosto dele se iluminou de alegria ao ver George.

– Nicky! – exclamou – Oh, Nicky! – ele não parava de repetir empolgado – Sabe, eu sempre recebo cartas da mamãe e do papai.

Nicky era irmão do tio Vanya e sabíamos que seus pais não estavam vivos, pois teriam mais de 100 anos de idade.

Então a enfermeira entrou e George a apresentou para nós. Ela sorriu e nos mostrou sua mão. Tio Vanya havia quebrado um dos dedos dela e não havia sarado devidamente.

– Esse carrasco – disse ela, sorrindo – me trancou ali, pegou minha mão e a torceu até quebrar o dedo.

Lamentamos por ela, mas não ficamos surpresos. Mamãe passara por situações bem piores ao longo do casamento.

Durante a visita, tio Vanya parecia contente, mas então seu rosto ficou sério.

– Vanya – perguntou mamãe, apontando para mim –, quem é aquela?

Seu olhar se abrandou ao olhar para mim.

– É uma freira! – ele sorriu e parecia satisfeito consigo mesmo por saber a resposta “certa”.

– E quem você acha que eu sou? – continuou mamãe.

– Só o diabo sabe! – ele retorquiu na hora.

Depois que enterramos tio Vanya e estávamos indo embora do local de sepultamento, ouvi mamãe dizer em tom melancólico:

– Que pena, Vanya. Poderíamos ter vivido felizes juntos.

Detectei tristeza em sua voz.

Então ela começou a tirar cravos brancos e vermelhos da coroa de flores que estava junto à sepultura. Parecia uma menininha sapeca, pegando algo que não lhe pertencia. Radiante em resposta a nosso olhar questionador, ela riu:

– Ele não precisa das flores agora. Vou apreciá-las mais do que ele!

Capítulo 35

Quando começou a *perestroika* (reconstrução), durante o governo do presidente Reagan, e as fronteiras da antiga União Soviética se abriram ao Ocidente, convidamos tia Katya, irmã de papai, para vir nos visitar no início da década de 1990. Mamãe pagou a viagem dela e, depois de conseguir o visto, tia Katya chegou ao aeroporto J. F. Kennedy. Que reencontro feliz! A última vez que ela havia me visto fora 52 anos antes, quando eu tinha seis anos de idade. Ela ficou nove meses conosco. Nós a levamos para passear e conhecer Nova York. Tia Katya ficou impressionada especialmente com nossos *shoppings* e supermercados. Ficava olhando a seção de hortifrúti absolutamente pasma, impressionada ao ver tantas frutas e verduras. Comprávamos tudo o que ela pedia. Ela também perguntou quando os alimentos seriam retirados, pensando que se tratava apenas de uma demonstração promovendo a ideologia norte-americana.

Certo dia, eu disse:

– Tia Katya, já que não posso fazer mais nada por meu pai, gostaria de fazer por você, irmã dele.

Ela apreciou o gesto, então nós a levamos ao oftalmologista e compramos óculos novos para ela. Também a levamos ao dentista e ao médico para um exame de coração. Ela estava com boa saúde. Quando voltou para casa, ela levou muitas coisas consigo, inclusive dinheiro dado generosamente por nossos amigos ucranianos.

Tivemos bastante tempo para conversar sobre todos os acontecimentos ao longo dos 52 anos de separação. Porém, o que eu mais queria saber era sobre *babushka* Natasha. Minha pobre *babushka* sofrera a perda do filho caçula na guerra russo-finlandesa. Depois chegou a carta da Suécia na qual mamãe contou que papai morrera no campo de concentração Buchenwald e que ela havia se casado novamente. Posteriormente, outro tio meu morreu de câncer. Vovô Anton faleceu pouco tempo depois. O pobre coração de

babushka Natasha não conseguiu suportar tantas perdas e tanto sofrimento, então ela morreu também. Tia Katya havia guardado a aliança de ouro do casamento de *babushka* Natasha. Ela a levou para os Estados Unidos e a deu para minha filha Natalie. A tia ficou muito feliz ao descobrir que havíamos escolhido o nome de nossa menina em homenagem à *babushka* Natasha.

Também perguntei à tia Katya por que ninguém falava sobre Deus quando eu era criança, a menos para nos ameaçar, dizendo que seríamos castigados por Ele. Eles não acreditavam em Deus?

– Sim, nós acreditávamos – disse ela. – Porém, não podíamos falar sobre Ele porque, se alguém nos delatasse para as autoridades, seríamos castigados. Nós críamos em Deus, orávamos em segredo, confiávamos nele e nele escondíamos nosso coração.

Compreendo o que ela disse porque me lembro de que, muito embora ninguém falasse sobre as próprias crenças, as pessoas as viviam. Pobres como éramos, ajudávamos uns aos outros, compartilhávamos nossos poucos recursos e cuidávamos do bem-estar uns dos outros.

Eu perguntei:

– Que tipo de criança eu era?

Sua resposta foi:

– Não muito agradável. Éramos todos adultos e mimávamos você, que sempre se metia em encrencas. Sua cabeça era cheia de feridas por causa da falta de saneamento básico. Raspávamos regularmente seu cabelo para impedir a proliferação de piolhos, então sua aparência também não era nada bela.

Nosso povo é bem franco por natureza, para dizer o mínimo! Porém, tudo isso era verdade. Não tínhamos sabão, nem água encanada. Todas as nossas crianças raspavam a cabeça, sobretudo durante os meses de verão. Contudo, quando olho para o passado, percebo que éramos um povo feliz. Inventávamos as próprias brincadeiras, e o rio Toretz ficava por perto, onde podíamos nos banhar para nossa alegria.

Durante o período em que tia Katya ficou conosco, Natalie e eu fomos a São Petersburgo, Rússia, para conhecer a filha de Katya e seu esposo. Passamos duas semanas maravilhosas visitando o complexo Hermitage, que inclui palácios famosos, museus e *sobors* (catedrais). Também visitamos a vila do czar. Todos os dias, da manhã até a noite, minha prima, engenheira, e o marido dela nos levavam para passear pela cidade. O acervo do Hermitage contém muitos quadros sobre a Bíblia e pude lhes contar a história por trás das pinturas. Recém-saídos do regime comunista, eles tinham muito pouco conhecimento das Escrituras.

Pedi a minha prima que me contasse mais sobre nossa *babushka* Natasha, e ela dividiu comigo uma história engraçada. A primeira vez que *babushka* Natasha assistiu à televisão, seus olhos se encheram de espanto. Ela viu uma arena esportiva com milhares de torcedores presentes.

– Imagine – observou ela pasma – quantos metros de tecido foram necessários para costurar as calças de todos esses homens!

Capítulo 36

Passaram-se os anos, até que se aproximou o momento de nos aposentarmos. A idade estava chegando, então nos mudamos para a região de Chattanooga, Tennessee, a convite de nosso filho mais velho, Victor. Nessa época, ele já estava bem estabelecido ali com a esposa e os dois filhos, Alex e Nikolaus. Então decidimos que era hora de ficarmos perto da família e aproveitar os netos. Vendemos a casa em Peekskill, Nova York, e nos mudamos para o sul a fim de aproveitar o clima, a comunidade e novos amigos maravilhosos.

Alguns anos depois, Jerry decidiu se unir a nós e se mudou para perto. Hoje ele é fisioterapeuta respiratório e se casou com Stefanie, uma bela enfermeira que conheceu no hospital onde os dois trabalham. Ambos foram abençoados com Conner e Emily, seus filhos queridos.

Há menos tempo, nossa filha Natalie também se mudou para a região, junto com o marido Jim, que é como um filho para nós, e a filha deles, Shelby. Eles ganham a vida como engenheiros. Sentimos-nos verdadeiramente abençoados e felizes por estarmos cercados por todos os nossos filhos e netos.

Mamãe, porém, quis manter sua independência e ficar em Peekskill, Nova York, onde tinha a própria casa, vida social e jardim. Entretanto, o tempo começou a pesar para ela também. Por isso, em novembro de 2001, vendeu a casa e se mudou para um apartamento para aposentados a dois quarteirões de distância, em frente à prefeitura. Um mês depois, na véspera do meu aniversário, recebi a notícia de que mamãe havia morrido durante o sono aos 84 anos de idade, 57 anos depois de meu pai ser levado no dia do meu aniversário de 8 anos.

Com o passar do tempo, à medida que eu compartilhava minhas experiências de vida com amigos da igreja aqui no Tennessee, as pessoas começaram a me pedir que eu contasse minha história em igrejas, clubes, escolas públicas e particulares, bem como em universidades. Fui até

entrevistada por emissoras de rádio e jornais locais, especialmente durante a Semana do Holocausto, já que tenho uma experiência tão próxima.

Sinto grande alegria ao repartir a maneira maravilhosa como Deus conduziu minha vida e cuidou de nós. Apesar da dor e das perdas que sofremos, sempre sentimos a presença do Senhor e isso deu à mamãe, a mim e a muitos outros sobreviventes coragem e força para enfrentar tudo.

Outro fator que me deu força de vontade para sobreviver e uma perspectiva positiva em relação à vida foi o amor profundo que recebi de minha *babushka* Natasha e de meu pai Nikolai. Não eram necessárias palavras – eu simplesmente era amada, assim como nosso Pai celestial nos ama.

Mamãe e eu éramos muito diferentes uma da outra, mas eu a respeitava demais, pois era uma mulher muito honrada. Embora estivesse passando fome, deu seus cartões de racionamento para meu pai salvar a própria família, o ápice do altruísmo. Essa era sua forma de demonstrar amor. Enquanto nosso campo pegava fogo e nós corríamos, lembro-me vividamente de como segurava forte em minha mão. Ela não me deixava e fez questão de me levar para um lugar seguro. Às vezes, eu me pergunto de quem realmente era aquela mão.

Até o tio Vanya tinha suas qualidades. Quando olho para trás, reconheço que a vida também não foi fácil para ele. Vanya nunca falou sobre a primeira esposa e filha, que deveria ter uma idade próxima à minha, nem de suas perdas. Tenho certeza de que ele sentia saudade delas e deve ter sofrido ao se casar com outra mulher que já tinha uma filha.

Acredito que há um motivo para tudo que acontece na vida. Até agora, já recebi centenas de cartas dos alunos com quem tive o privilégio de compartilhar minhas experiências. Abrem o coração comigo, apreciando o fato de ter falado com eles, e eu aprendo muito de volta. Minha mensagem para eles é sempre a mesma: respeitem seus pais e professores, pois eles são as pessoas que mais se importam com vocês. Estudem bastante, mas, acima de tudo, coloquem Deus no centro de sua vida.

Não sei quanto tempo me resta na Terra para continuar partilhando o amor

de Deus. Porém, eu o vi agindo em minha vida e guiando-me, bem como a vida de outras pessoas. Se eu tivesse que passar por tudo de novo, eu faria isso feliz, apenas para poder repartir com todos o conhecimento do Deus grandioso a quem servimos.

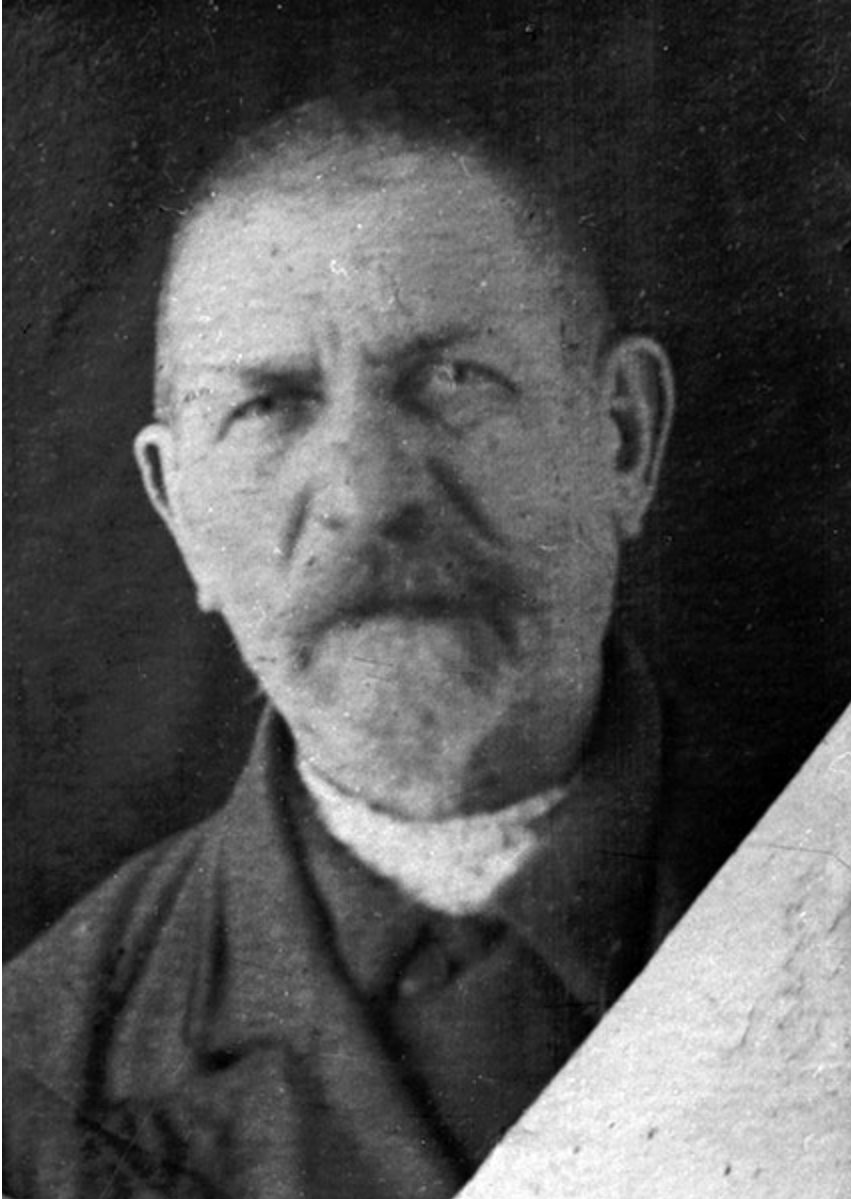
Minha busca terminou e descobri que fiz um círculo completo. Em meu coração, eu me tornei parte do círculo precioso de prisioneiros que oravam nos abrigos antibombas durante aquela noite, tanto tempo atrás. Minha esperança e oração, querido leitor, é que você também encontre livramento em nosso poderoso Senhor!

Canta minh'alma, canta ao Senhor, rende-lhe sempre honra e louvor.

Fotos



Babushka Natasha, vovô Anton, tia Katya e meu tio preferido, Bill (Slavyansk, Ucrânia, 1945)



Vovô Gregory (Ucrânia)



Sentada no colo de mamãe, e papai vestindo seu uniforme ferroviário. Esta é a única foto em que nós três estamos juntos (Slavyansk, Ucrânia, 1938).



Papai e mamãe. Nesta foto, mamãe está grávida de mim (Prokopivka, Ucrânia, 1935).



Vovó Barbara com seu terceiro marido e a filha Alexa (Ucrânia, 1967)



Reconstituímos a cena dos nazistas nos colocando a bordo de trens destinados à Alemanha nesta foto (Leipheim, Alemanha, 1948).



Um campo de trabalhos forçados bem parecido com o nosso (Leipheim)



Pouco depois que os norte-americanos nos resgataram. Estou usando o vestido feito pelas mulheres cristãs alemãs e segurando a boneca que ganhei do tio Vanya. Observe como meus sapatos eram grandes! (Leipzig, Alemanha, 1945).

Arbeitsamt Leipzig

(10) Leipzig, am 10. Febr. 1945
RM: 64451

G. Z.:

Betrieb:

Bescheinigung.

Bezug:

Berichterstatter:

Von der Geheimen Staatspolizeistelle Weimar-Buchenwald wird
mit Schreiben vom 10.10.1944 (PUNKT II M) mitgeteilt, daß der
Ostarbeiter Nikolay Schtscherbak, geb. 27.12.1913,
in Iwanowka,

am 3.10.44 um 6.30 Uhr an Lymphknotenentzündung verstorben ist.

Das Originalschreiben hat an Amtsstelle beim Arbeitsamt Leipzig
vorgelegen.

*Kolinn auf dem
3. 3. 44.
beim Lager
Schiller.*



Bücher

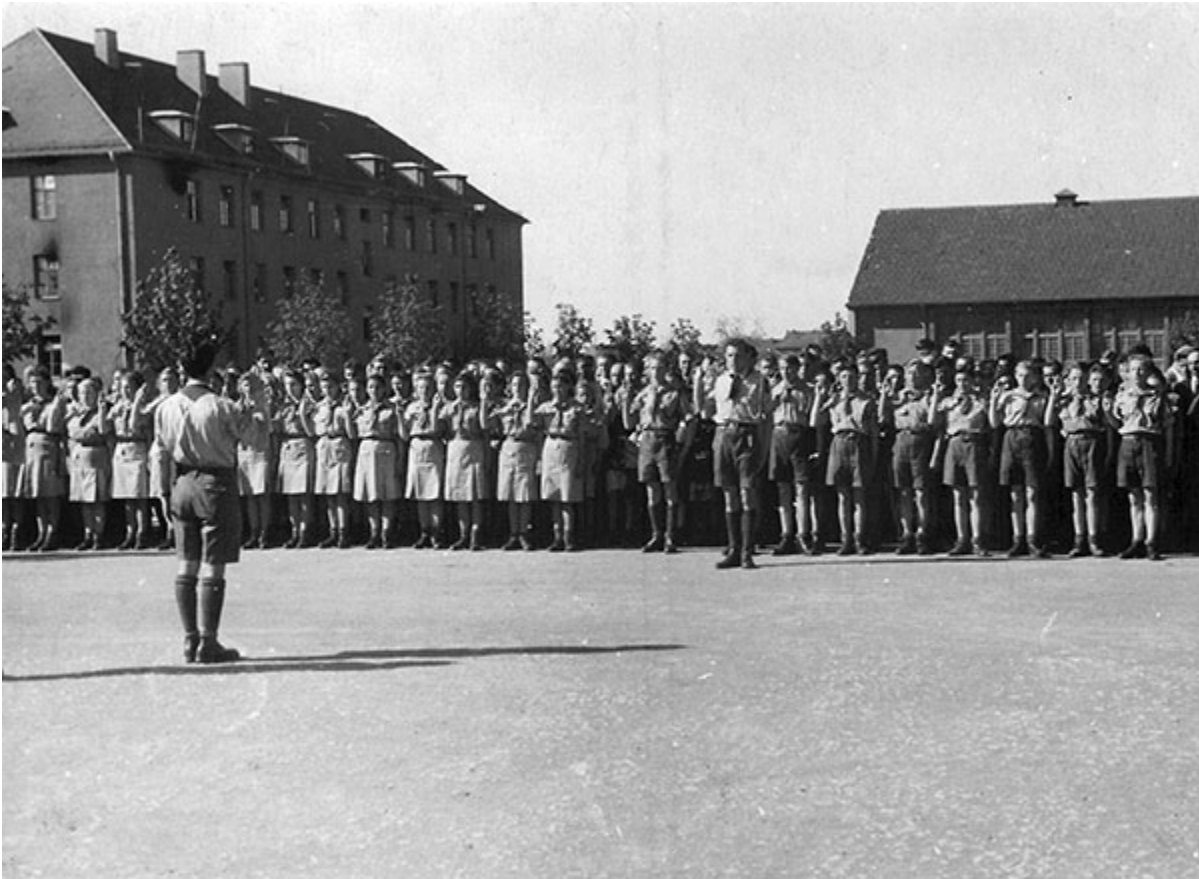
Certidão de óbito de papai, emitida pelo campo de concentração Buchenwald. Ele morreu aos 30 anos de idade.



Aula de costura no campo de desalojados Somme Kaserne (Augsburg, Alemanha, 1945)



Estou à esquerda da adulta. Fui colocada atrás porque não tinha uniforme (Somme Kaserne).



Nosso clube de escoteiros. Foi desses prédios que os pais ameaçaram pular se fossem forçados a voltar para a União Soviética. Além disso, meu marido, Wesley, é um dos garotos desta foto, mas só fui conhecê-lo nos Estados Unidos (Somme Kaserne).



Mamãe e tio Vanya no dia em que se casaram (Somme Kaserne, 1948).



Reencontro com meu amigo de infância Volodya, junto com seu irmão mais novo, Alex Jr.
(Mittenwald, Alemanha, 1946)



Eu vestindo uma roupa tradicional completa, o que era esperado por toda menina ucraniana (Somme Kaserne).



Meu primeiro tratamento de pneumotórax, realizado pela bondosa médica judia (Kempten, Alemanha, 1950).



Dormir do lado de fora, mesmo no inverno, era parte importante do tratamento. Sou a segunda da esquerda para a direita (Kempten).



Meu primeiro dia de quarentena, depois de ser diagnosticada com tuberculose (Alemanha, 1950).



Roupões coloridos que as enfermeiras fizeram para nós antes de irmos embora. Eu sou a segunda da esquerda para a direita. (Kempten, 1951)



Celebrando a *Fasching*, carnaval alemão. Sou a segunda da direita para a esquerda, ao lado do médico alemão que cuidou tão bem de nós (Kempten, 1951).



Companheiros de viagem celebrando a jornada para um novo país (Suécia, 1951).



Finalmente recebi alta do sanatório e reencontrei mamãe em Spånga, Suécia (1952).



O belo sanatório que nos recebeu em Småland, Suécia (1951).



Passeando por Estocolmo, interesse que tio Vanya e eu tínhamos em comum.



George, meu irmão mais novo, e eu posando para o fotógrafo sueco da família real. Esta foto foi publicada em um jornal de Estocolmo, junto com um artigo sobre os ucranianos celebrando o Natal (1955).



Mamãe, à direita do pequeno George, reencontrando amigos extremamente preciosos: Alex Jr., tio Alex, tia Lydia e Volodya.



Minha querida amiga sueca Birgit e eu em frente ao teatro dramático real da Suécia. Nós duas ainda mantemos contato (Estocolmo, 1960).



Meu primeiro emprego. Fui secretária em Estocolmo.



Recém-chegada aos Estados Unidos, estou à espera de meu primeiro encontro com Wesley (Brooklyn, Nova York, 1960).



Meu belo Wesley com seus pais (Manhattan, Nova York). Wesley serviu o exército durante a Guerra da Coreia.



Nosso casamento grego ortodoxo aconteceu no dia 20 de novembro de 1960, em Manhattan, Nova York.



Com nosso primeiro filho querido, Victor (Brooklyn, 1961).



Wesley e eu em um baile de Ano Novo (Brooklyn).



Nossa jovem família em Peekskill, Nova York.



Mamãe encontra vovó e vovô Shtepa, amigos do campo de trabalhos forçados (Rochester, 1962).



Na alegre ocasião do meu batismo, meus filhos estão ao meu lado enquanto recebo o certificado batismal (Peekskill, 1973).



Mamãe (à direita) comemorando sua cidadania norte-americana com o prefeito George Pataki, que mais tarde se tornou governador do estado de Nova York (Peekskill).



Meu emocionante reencontro com tia Katya, irmã de papai (à direita), a quem eu não via por 52 anos (aeroporto John F. Kennedy, Nova York, 1993).



Compartilhando minha história com uma classe de alunos (Chattanooga, Tennessee).



Wesley e eu hoje, com nossos três filhos e seus cônjuges, e cinco netos. Como sou ricamente abençoada! (Chattanooga, 2012). Fileira da frente (da esquerda para a direita): nora Stefanie e a neta Emily; Alla; marido Wesley e neta Shelby. Fileira de trás: filho Jerry, neto Nikolaus, neto Conner, filho Victor, nora Rene, neto Alex, genro Jim e filha Natalie.

CPB NA INTERNET

FAÇA SUAS
COMPRAS COM
COMODIDADE

APROVEITE
PROMOÇÕES
EXCLUSIVAS

LIVROS, REVISTAS,
AUDIOLIVROS,
CDS E DVDS

CONECTE-SE
ATRAVÉS DAS NOSSAS
REDES SOCIAIS COM
MILHARES
DE SEGUIDORES

ACESSE AGORA



www.cpb.com.br

